



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**RODRIGO ROBERTO WANDERLEY EIRAS**

**RAÇA, HUMILDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS:**

**A estética da subordinação negra no futebol**

**Recife**

**2019**

**RODRIGO ROBERTO WANDERLEY EIRAS**

**RAÇA, HUMILDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS:**

**A estética da subordinação negra no futebol**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

**Área de concentração:** Mudança Social

**Orientador:** Prof. Dr. Francisco Jatobá de Andrade

**Recife**

**2019**

Catálogo na Fonte  
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

E35e      Eiras, Rodrigo Roberto Wanderley.  
Raça, humildade e representações sociais : a estética da  
subordinação negra no futebol / Rodrigo Roberto Wanderley Eiras. –  
2019.  
126 f. : il. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Francisco Jatobá de Andrade.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco,  
CFCH. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Recife, 2019.

Inclui referências.

1. Sociologia. 2. Raça. 3. Racismo. 4. Futebol. 5. Mídia. 6.  
Humildade. I. Andrade, Francisco Jatobá de (Orientador). II. Título.

301 CDD (22.ed.)      UFPE (BCFCH2020-266)

**RODRIGO ROBERTO WANDERLEY EIRAS**

**RAÇA, HUMILDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS:**

**A estética da subordinação negra no futebol**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em: 29/08/2019

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Francisco Jatobá de Andrade

---

Prof. Dr. Arthur Fragoso de Albuquerque Perrusi

---

Prof. Dr. Francisco Sá Barreto

## AGRADECIMENTOS

Essa dissertação é fruto de uma realidade deprimente, injusta e racista, algo que nenhum trabalho acadêmico jamais conseguirá explicar bem o que provoca, em sua totalidade, as diferentes formas de racismo e como estas desigualdades são experienciadas seja no Brasil ou no mundo. Fiz um grande esforço para fazer uma pequena contribuição ao tema do racismo no futebol. Apesar de um trabalho de dissertação não ser tão eficaz nas lutas por uma sociedade mais justa, me empenhei para traduzir minha postura política e anti-racista nas páginas que se seguem. Dei atenção, pesquisei e analisei com maior precisão como o Brasil enaltece o reconhecimento do futebol, mas que em sua prática cordial se esconde a brutalidade da subordinação de atletas negros neste esporte.

Escrever sobre um tema que envolve sofrimento de pessoas negras não é uma tarefa fácil. Ainda mais sobre uma coletividade que tem diferentes formas, ainda que o racismo insista em homogeneizar estes indivíduos. Por isso, agradeço as pessoas que fazem parte destas coletividades e que de certa forma me inspiraram para que este trabalho fosse desenvolvido. Obrigado Aranha, Barbosa, Juvenal, Manga, Didi, Reinaldo, Garrincha, Leônidas, Jairzinho, Paulo César Caju, Sócrates, Romário, Adriano Imperador, Formiga, Marta e, especialmente, a todos os meninos que faleceram no incêndio do Ninho do Urubu enquanto eu escrevia esta dissertação. Nenhuma destas mortes foi acidente.

Além destas pessoas, quero agradecer a minha família, minha mãe Nazareth, meu irmão Beto e ao meu pai, Paulo. Tudo que eu faço é pensando em vocês. Obrigado pela força necessária e por todo incentivo diário. Sei que se meu pai ainda estivesse neste ciclo mundano, ele estaria orgulhoso. Quero agradecer a minha companheira Erica, que não só acompanhou quase todo o processo, mas como me ajudou, de todas as formas possíveis, a vencer as ansiedades que tanto insistiam em aparecer neste período da universidade, sintoma bastante comum, infelizmente, entre estudantes de pós-graduação. Obrigado por me ajudar a me conectar comigo mesmo, com o mundo e com as pessoas. Este ritmo de vida que encontrei por sua culpa me ajudou não só a terminar este trabalho de uma maneira menos dramática, mas como me ajudou a encontrar meu ritmo pessoal de vida, de trabalho e de felicidade.

Agradeço ao meu orientador Francisco Jatobá, que foi fundamental neste processo e resgatou um possível desistente de mestrado. Sua calma, paciência e bom-humor me fizeram me sentir muito bem em respeitar meu processo criativo. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e sua secretaria, por todo suporte rápido e eficaz em toda necessidade

que a vida de um estudante desorganizado necessita. Agradeço a professora Maria Eduarda da Mota Rocha, por todo suporte também emocional, pelas indicações de leituras, empréstimos de livros, por seu jeito cativante e por ter ofertado a melhor disciplina que cursei na universidade. Agradeço aos meus amigos e amigas de turma do mestrado, conviver com vocês foi algo muito especial, apesar de vários desvios em nossos caminhos. Enfim, agradeço a todas as pessoas que tornaram este ciclo possível e mais ameno. Agradeço ao militante Fanon, por sua obra ter me oferecido uma virada de página em minha vida.

Agradeço também ao CNPq, por incentivo financeiro e confiança em minha pesquisa, assim como todo o corpo de discentes e de docentes da UFPE e do PPGS. Dedico este trabalho a todos e todas que se arriscam no incerto caminho do esporte. Dedico este trabalho a todos e todas que se arriscam no incerto caminho da universidade. Agradeço ao ciclo da vida, por me ensinar a ler o tempo e por me mostrar tanto.

*“Nossos jogadores dos anos 1960 e 1970 eram românticos com a bola nos pés, mas fora dos campos eram absolutamente quietos. Imagine se na época do golpe militar um único jogador, como Pelé, tivesse falado algo contra os excessos”*  
(Sócrates).

## RESUMO

O trabalho que se segue busca compreender como as representações sociais de atletas negros, através da mídia e do futebol espetacularizado, podem aproximar ou distanciar diversas problemáticas relacionadas às questões raciais. A partir das contribuições de Fanon (2008), Gilroy (1993) e Mbembe (2017), pude refletir como as definições dominantes sobre a negritude, por meio dos midiáticos analisados, reinventam estereótipos raciais para enaltecer os jogadores que têm consigo comportamentos ou estilizações de vida ascéticas – com forte apelo profissional – enquanto diversos outros atletas negros são repudiados por apresentarem consigo condutas ou estilos de vida mais hedonistas, o que nos remete às normas protocolares que reforçam a ritualização do comportamento racial de cunho tradicionalista proposto por Fernandes (1978; 2007), que enaltecem os indivíduos negros que “sabem seu lugar”, gerando lucros a nível pessoal associadamente de perdas coletivas. Além disso, percebemos também que todos estes atletas, independentemente de suas formas e diversas maneiras de sociabilidades, preferências pessoais ou estilos de vida, estão sujeitos a violência racial, principalmente quando estes não têm o desempenho esportivo esperado, suscitando variadas proporções de ofensas explicitamente racistas. Os resultados nos mostram como as diferentes personalidades negras podem ser enalticidas ou repudiadas através de suas respectivas estilizações de vida. Apesar disso, as discriminações mostram-se presentes sistematicamente, reforçando o caráter do racismo à brasileira, característico por haver consigo tanto a integração quanto da exclusão racial de maneira simultânea (TELLES, 2003). Conclui-se que a mídia esportiva carrega consigo formas latentes de poder simbólico que funcionam de maneira a produzir distintas condutas raciais, enalticendo ou reprimindo específicas personalidades negras para promover formas de sociabilidade homogêneas para esta população. Dessa maneira, exclui-se suas subjetividades, suas identidades para homogeneizar a negritude e relacioná-la diretamente ao seu corpo negro humilde, obediente e produtivo.

Palavras chave: Raça. Racismo. Futebol. Mídia. Subalternidade. Humildade.

## **ABSTRACT**

The following work aims to understand how the social representations of black athletes, through the media and soccer as an entertainment show, can bring together or distance different issues related to racial matters. Based on the contributions of Fanon (2008), Gilroy (1993) and Mbembe (2017), I was able to reflect on how the dominant definitions of blackness, through the analyzed media, reinvent racial stereotypes praising the players who have ascetic conduct - with strong professional appeal - while several other black athletes are repudiated for having more hedonistic behaviors or lifestyles, bringing us to the protocol rules that reinforce the ritualization of the racial behavior of a traditionalist nature as suggested by Fernandes (1978; 2007), which exalt black individuals who “know their place”, generating profits at the personal level while associated with collective losses. Also, we realize that all these athletes, regardless of their shape or different forms of sociability, personal preferences and lifestyles are subjected to racial violence, especially when they do not have the expected sporting performance, causing various proportions of explicit racist offenses. The results show us how different black personalities can be praised or repudiated for their respective lifestyles. Despite this, discrimination is systematically present, reinforcing the character of Brazilian racism, which typically has both racial integration and exclusion simultaneously (TELLES, 2003). The conclusion is that sports media carries latent forms of symbolic power that work in a way to produce different racial behaviors, extolling or repressing specific black personalities to promote homogeneous forms of sociability for this population. This way their subjectivities and their identities are excluded to homogenize blackness and relate it directly to a humble, obedient and productive black body.

Key words: Race. Racism. Football. Media. Subalternity. Humility.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                      |     |
|----------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 - Seleção Brasileira de 1950                                | 37  |
| Figura 2 - Didi quando treinava a equipe do River Plate da Argentina | 43  |
| Figura 3 - "Estamos criando um monstro"                              | 71  |
| Figura 4 - A ética do trabalho                                       | 73  |
| Figura 5 - "O exército me deu disciplina"                            | 83  |
| Figura 6 - Propaganda dos "combates" ao racismo                      | 88  |
| Figura 7 - "Ah, o velho "eles têm rapidez e força""                  | 92  |
| Figura 8 - Uma seleção predominantemente branca                      | 93  |
| Figura 9 - A raça negra representada por suas "ausências"            | 95  |
| Figura 10 - O enaltecimento da agressividade negra                   | 98  |
| Figura 11 - O Neytype                                                | 98  |
| Figura 12 - O percurso inverso da ascensão social                    | 107 |
| Figura 13 - "A queda de Adriano"                                     | 108 |
| Figura 14 - "A extravagante vida de Dembélé"                         | 110 |
| Figura 15 - O enaltecimento da ética profissional                    | 111 |
| Figura 16 - "Cristiano Ronaldo ensinou uma lição a Neymar"           | 112 |
| Figura 17 - O enaltecimento da negritude humilde                     | 113 |
| Figura 18 - "Cabelo não ganha jogo"                                  | 115 |
| Figura 19 - A "extravagância" como pior inimiga                      | 115 |
| Figura 20 - "Ele insiste em se comportar como um adolescente"        | 116 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                          |            |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                                 | <b>11</b>  |
| <b>1.1 Por que estudar raça, futebol e representações sociais? .....</b>                                                                 | <b>15</b>  |
| <b>2 ESTRATÉGIAS DA PESQUISA .....</b>                                                                                                   | <b>20</b>  |
| <b>2.1 Metodologia .....</b>                                                                                                             | <b>20</b>  |
| <b>3 FUTEBOL COMO METÁFORA RACIAL .....</b>                                                                                              | <b>25</b>  |
| <b>3.1 Amadorismo versus Profissionalismo ou Brancos contra Negros? .....</b>                                                            | <b>26</b>  |
| <b>3.2 A construção de brasilidade a partir do futebol.....</b>                                                                          | <b>33</b>  |
| <b>3.3 O “complexo de vira-lata” e a mestiçagem no Brasil.....</b>                                                                       | <b>38</b>  |
| <b>4 DESPORTIVIZAÇÃO E A ERA DA PRODUTIVIDADE BRASILEIRA .....</b>                                                                       | <b>46</b>  |
| <b>4.1 Disciplina, futebol e o enaltecimento da humildade negra.....</b>                                                                 | <b>54</b>  |
| <b>5 RAÇA E A FICÇÃO DO “OUTRO” .....</b>                                                                                                | <b>62</b>  |
| <b>5.1 A política das representações: o mito do herói.....</b>                                                                           | <b>66</b>  |
| <b>5.2 Poder, raça e diferença.....</b>                                                                                                  | <b>72</b>  |
| <b>6 A IMAGEM DOS NEGROS NO FUTEBOL.....</b>                                                                                             | <b>78</b>  |
| <b>6.1 Futebol e o tipo ideal de negritude.....</b>                                                                                      | <b>80</b>  |
| <b>6.2 “Eles são rápidos e agressivos”: estereótipos raciais no futebol.....</b>                                                         | <b>85</b>  |
| <b>6.3 Transformando futebolistas negros em sujeitos.....</b>                                                                            | <b>101</b> |
| <b>6.4 Vendendo o arquétipo negro: ideais sobre mérito e igualdade a partir das representações da negritude humilde no futebol .....</b> | <b>109</b> |
| <b>7 CONCLUSÃO .....</b>                                                                                                                 | <b>118</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                                                  | <b>123</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Ao compararmos o relativo progresso que a população negra conquistou na contemporaneidade em relação ao modo como estas pessoas são representadas, particularmente nos veículos midiáticos, podemos perceber que muito pouco foi alterado no que diz respeito ao que estas imagens reproduzem. Ao abrirmos uma revista ou livro, ao ligarmos a televisão, quando acessamos a internet ou ao repararmos nas imagens fotográficas da população negra nos jornais, muito provavelmente vamos encontrar representações que reforçam ou reatualizam a aparência da negritude de forma inferior em relação ao aspecto da população branca. Estas representações podem ter sido construídas por pessoas brancas despreocupadas e desinteressadas pela temática racial ou por pessoas negras que podem ver a sociedade através das lentes brancas do mundo, internalizando o racismo dentro de si. Encaramos uma trágica realidade que ainda faz muito pouco – ou quase nada – sobre as representações sociais a respeito da temática racial.

Teorizar sobre a experiência negra no Brasil não é uma tarefa fácil. Em uma cultura que tem forte influência escravocrata, manifestada, entre outros setores, através de uma mídia racista, muitas pessoas, inclusive pessoas negras, estão convencidas que suas vidas não são experiências complexas e, portanto, não merecem reflexões. Devido a esta realidade, acreditamos ser fundamental elaborar uma crítica que lute para reelaborar os modos hegemônicos de ver, pensar, imaginar, descrever e representar a população negra em forma libertária. É, no mínimo, desafiador repensar novas maneiras de escrever e falar sobre raça e representação, entretanto, este trabalho é uma tentativa em formar novas críticas para mudar esta imagem inferiorizada da população negra de maneira geral.

Existe uma conexão direta entre a manutenção de uma sociedade tradicionalista, com costumes escravocratas, para a produção de imagens específicas de representações raciais que apoiam a reatualização da opressão, exploração e toda forma de dominação da população negra. Há uma construção sistemática e ideológica da reputação sobre esta população que reafirmam noções de superioridade racial para atualizar formas de dominação de brancos perante negros. As imagens e discursos produzidos tem centralidade nesta manutenção de poder, submetendo a população negra em um domínio estético que normatizam estas relações desiguais. Dessa maneira, os campos de representação ainda permanecem como local de embate quando analisamos criticamente as imagens que esta população é sujeitada historicamente até os dias atuais.

Somos lembrados destes fatos diariamente quando, por exemplo, assistimos a uma partida de futebol. Recentemente, nos deparamos com a imagem de um goleiro negro que foi eleito, de forma irônica, como o melhor jogador da partida depois de sua equipe ter sido derrotada<sup>1</sup>. Não bastasse a eleição em tom de piada, como foi entregue ao atleta, em rede nacional, um troféu. O jogador aceitou o “prêmio” e retirou-se de gramado, cabisbaixo, humilhado. Não apenas o público o elegeu como o melhor em campo, como houve um acordo silencioso – porém gritante – do racismo entre a audiência e a emissora que transmitia a partida de futebol. Posteriormente ao acontecido, é chocante percebermos que muito pouco se falou sobre o fato. Principalmente por este episódio não ter sido considerado como um ato racista. A humilhação de pessoas negras em rede nacional não parece causar incômodo à sociedade.

Obviamente, esta não é uma história nova. Podemos lembrar outras centenas de acontecimentos como este no país. O que nos chama a atenção sobre este caso - para além do teor racista - foi a humildade do jogador. Visivelmente humilhado, ele não falou nada, manteve-se em silêncio, aceitou o prêmio e retirou-se sem reclamar de absolutamente nada. Acreditamos que este comportamento é um reflexo mais amplo do que encaramos como colonialidade da contemporaneidade, ao humilhar pessoas negras sem nem mesmo citar sua raça ou cor. É doloroso perceber que o sofrimento destas pessoas traduz a falta de controle que indivíduos negros tem sobre as imagens produzidas de si mesmos. Frequentemente, as reverberações destas práticas racistas causam nestes indivíduos sentimentos de raiva, tristeza, desesperança e depressão. Esta sensação de paralisia é o objetivo dos discursos coloniais. Para encarmos esta realidade, com o intuito de curar e cicatrizar estas feridas, precisamos intervir criticamente, visando transformar esta realidade imagética da sociedade para um local de autoridade e enaltecimento de movimentos políticos libertários que exaltem a luta de minorias sociais.

Acreditamos que para esta realidade ser consolidada, devemos romper com o arquétipo produzido diariamente de inferioridade racial, para incentivarmos outras formas de representações, para aqueles que permaneciam calados, quebrem o silêncio sobre as formas de opressão ao qual são alvos. A crítica que as temáticas raciais e de representações prescindem não podem ser vistas apenas nas polaridades entre imagens “boas” ou “ruins”. A centralidade desta temática refere-se à preocupação de como podemos mudar estas imagens, esta estética da humilhação, da subserviência, da passividade. Produzir imagens que traduzam um arquétipo

---

<sup>1</sup> “Caso Sidão: encoberto por um véu do racismo velado” Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/caso-sidao-encoberto-por-um-veu-do-racismo-velado/>. Acesso: em 13 jun. 2019.

enaltecedor da negritude e da população negra é um ponto de partida. Neste sentido, reelaborar um senso imagético e discursivo em direção à estética combativa pode vir a ser um ato transformador das relações raciais no Brasil.

A crítica que esperamos disseminar aqui tem a ver com as mudanças comportamentais em sociedade. Esta nuance representa o que acreditamos ser um fator primordial na luta pela construção de um novo arquétipo que expresse o movimento que caminha da passividade para os atos combativos. Esse trabalho, em sua essência, visa falar sobre identidades racializadas, metaforizadas pelo esporte mais popular do Brasil e do mundo, o futebol. Este esporte pode ser encarado como processo político que pode ter ajudado a definir a identidade negra no Brasil como inferior, por isso, devemos nos apropriarmos de seus discursos para criarmos um futuro reivindicatório.

Segundo Hall (1990), as culturas identitárias têm suas histórias advindas de diferentes regiões, entretanto, estão em constante estado de transformação. Estas identidades, jamais fixadas eternamente em algum passado, estão em contínua situação de mudança devido ao jogo entre história, cultura e poder. Neste trabalho, iremos criticamente interrogar narrativas e percepções tradicionalistas, visando alternativas que possam desconstruir os olhares e pensamentos históricos direcionados à negritude, sua subjetividade e a produção de sua diferença ou homogeneidade. Iremos focar nossa análise de maneira central no futebol, analisando as imagens produzidas das mais variadas formas através dos veículos de comunicação, investigando os modos ao qual estas mídias produzem materiais simbólicos discursivos, reproduzindo relações raciais desiguais. A ênfase no futebol é fundamental, pois, mais que qualquer outra audiência, este esporte concentra olhares generalizados de amplitude nacional e global. Relacionando-se de forma íntima com nossa identidade nacional, determinam-se formas de representação de pessoas negras, revelando como os mais diferentes grupos sociais tenderão a encarar as relações raciais a partir da construção e consumo que as imagens produzidas, através deste esporte, enaltecem ou repudiam.

Muitos programas esportivos refutam a ideia de que os esportes tem alguma ligação política, defendendo a suposta neutralidade ideológica que os esportes carregam consigo, esvaziando discussões que suscitam através desta categoria desportiva. Este cenário generalizado da negação ideológica e política, nas mais diversas áreas da sociedade, é extremamente sintomático devido ao panorama de dominação simbólica que vivemos, nos impedindo muitas vezes de averiguarmos criticamente os arquétipos de subordinação presente

nas imagens consumidas em nosso cotidiano. Acreditamos que a maioria da audiência esportiva não consome criticamente este esporte, achando graça do arquétipo esportivo que retrata comumente futebolistas como seres ignóbeis ou ridículos. São estes motivos que nos levam a dar atenção fundamental na análise das representações de futebolistas negros. Se estas imagens são consumidas sem ocasionar grandes desconfortos na sociedade de maneira geral, revela-se um caráter normativo nesta estética. Dessa maneira, se estas imagens são recorrentes, comuns e normais, o processo de análise deste arquétipo pode nos revelar normas de condutas que visam desumanizar e colonizar a negritude de forma generalizada no país e, talvez, no mundo. Investigar, analisar e criticar a colonialidade que estas imagens produzem pode ser um dos vários caminhos para criarmos uma nova sociedade que enxergue com outras lentes a negritude.

Em 2014, quando outro goleiro negro foi ridicularizado, humilhado, atacado por gritos racistas e chamado de macaco, uma emissora televisiva convidou uma das torcedoras racistas que o insultou para participar de um programa matinal<sup>2</sup>. Em lágrimas, ela se defendeu, pediu desculpas e declarou que agiu desta forma devido ao “impulso da hora do jogo”. Todos se apiedaram das lágrimas da jovem gaúcha, branca, loira e de olhos azuis. Esta insanidade racista é cotidiana nos veículos midiáticos brasileiros. E a maioria da audiência se compadeceu desta insanidade, que é reafirmada diariamente, de maneira coletiva.

A militância é o remédio contra este panorama de estratificação racial para começarmos a enxergar de maneira óbvia todos estes males que passam despercebidos. Esta criticidade pode trazer para a superfície do olhar os problemas causados por este arquétipo de subalternidade negra e cumplicidade à branquitude. Seja através da imagem de pessoas brancas inocentadas, de futebolistas negros ridicularizados ou de moradores de rua assassinados, os signos que estas mensagens carregam devem ser lidos como sintoma de que nada vai bem. Se estas imagens não doem aos olhos de quem as enxergam, o discurso midiático pode ser encarado como cúmplice desta realidade. Devemos mudar como estes olhares veem a negritude, pois, caso contrário, dificilmente conseguiremos alterar a situação de desigualdade entre brancos e negros. Neste sentido, este estudo consiste em estudar a construção da imagem social a partir de um “outro olhar” sobre os futebolistas negros articulando os conceitos sobre raça, racismo, poder e diferença.

---

<sup>2</sup> “Torcedora do grêmio diz, com exclusividade: ‘Foi um impulso na hora do jogo’”. Disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/O-Programa/noticia/2014/09/patricia-moreira-fala-com-exclusividade-foi-um-impulso.html>. Acesso em: 13 jun. 2019.

Dito isto, nos vemos no dever em desenvolver uma postura crítica e combativa sobre estas representações raciais. Pensar criticamente sobre sua produção é o que esperamos que este trabalho realize. Esta é uma tentativa de construir uma pesquisa subversiva e antirracista para provocar a norma estabelecida. Que o punho direito erguido por Reinaldo<sup>3</sup> seja a imagem que nos influencie em construir uma nova estética racial.

### **1.1 Por que estudar raça, futebol e representações sociais?**

A minha origem suburbana me traz diversas problemáticas a respeito do futebol como prática pertencente às camadas populares no Brasil. As memórias que acumulei ao longo de vários anos como morador dos subúrbios pernambucanos, os discursos midiáticos sobre a população que vive nestes circuitos, a imaginação social que liga estes indivíduos ao futebol e a representação construída sobre a negritude através do esporte tem como ponto de partida várias contemplações que trazemos aqui.

Estas reflexões, amadurecidas através dos estudos universitários, me possibilitaram pensar sociologicamente esta temática na carreira acadêmica para investigar como estes discursos são construídos sobre as periferias, sobre o que o futebol significa para a população negra e como este esporte foi capaz de tornar-se peça chave na sociabilidade brasileira. Estes fatores são fundamentais para refletirmos sobre seus arquétipos, sobre as imagens de atletas negros de futebol e qual seu nível de significação no Brasil e, possivelmente, no mundo.

Visamos produzir significações para combater simbolicamente e politicamente imagens que subalternizam homens negros através deste esporte. Imagens que são constantemente construídas, acionadas e atualizadas para a fixação destes sujeitos ao próprio corpo atlético, vistos sem espírito ou subjetividade. Acreditamos que estes homens e atletas negros precisam ser reconhecidos através de suas próprias trajetórias, sem terem a necessidade de seguir um esquema de sociabilidade criado para diminuir seus próprios valores. São essas problemáticas que me impulsionam em defesa dos homens negros e da população negra de forma geral.

As representações raciais trazem consigo uma maneira particular de encarar estas problemáticas, sobre comportamentos e imagens em midiáticos, por elaborarem novas

---

<sup>3</sup> José Reinaldo de Lima, mais conhecido apenas como Reinaldo, é um ex-futebolista brasileiro e homem negro que atuava como atacante. Reinaldo tornou-se famoso por comemorar seus gols com o punho direito erguido, gesto que faz referência ao movimento militante dos Panteras Negras. Por sua posição marcadamente transgressora, Reinaldo foi visto com desconfiança pelo regime militar brasileiro, ocasionando dificuldades em sua trajetória profissional através de linchamentos morais.

interpretações entre a comunicação realizada por meio da representação e do próprio indivíduo. Vários fenômenos midiáticos surgem como problema de grande relevância por configurarem discriminações de forma generalizada no país e no mundo. O trabalho que a mídia nos oferece, neste sentido, torna-se uma instituição de grande relevância por construir, disseminar e reproduzir problemáticas com grandes repercussões discriminatórias, reeditadas diariamente.

Essas imagens tem aspecto central nos estudos sobre significação e subjetivação produzidos por periódicos ao articularem conhecimentos dos profissionais da imprensa, as regras destes veículos de comunicação e o senso comum societário. O homem e atleta negro desprovido de subjetividade e carente de recursos culturais e econômicos – mas que tem possibilidade de ascensão se utilizar o seu corpo como ferramenta de trabalho – é construído na mídia para servir de exemplo para aqueles que compartilham locais mais ou menos semelhantes daquilo que é compreendido como a maneira mais provável de ascensão social. Vale lembrarmos que tais representações carregam alto teor simplista de tipificações que transformam estas narrativas midiáticas em grandes eventos para atrair audiência da opinião pública, construindo e reforçando imagens típicas do senso comum, que muitas vezes são acompanhadas de discriminações muito disseminadas no cotidiano brasileiro. De forma geral, a mídia concretiza imagens construídas através do racismo, influenciando sua audiência que internalizam estas representações, tendendo a disseminar em suas ações, práticas e comunicações sociais que estabelecem relações desiguais como norma social. Através destas representações, o diálogo midiático não traduz a realidade de maneira fiel, pelo contrário, cria-se, diferencia-se, interpreta-se e traduz-se os objetos sociais e suas representações de uma maneira distinta do real (MOSCOVICI, 2012). Este método, então, reflete como determinadas imagens podem ser apropriadas e, conseqüentemente, tornam-se parte do senso comum.

Esta questão também nos é central para buscarmos entender como alguns atletas negros são enaltecidos ou repudiados através de representações que prescindem de discursos raciais para serem exibidas em ambos os casos, tanto na glorificação ou depreciação dos atletas negros. Para a apreensão destes fenômenos racialistas, torna-se imprescindível buscarmos representações de futebolistas de grande apelo midiático para efetivarmos a possibilidade de reconhecer o grande poder imagético e discursivo que a mídia carrega consigo. Por sabermos das massivas audiências que o futebol mobiliza, é essencial entendermos como certas mensagens são transmitidas através deste esporte. Assim, tais problemáticas raciais ocorrem em diversos níveis, mas prestaremos atenção ao patamar espetacularizado e de grande consumo no Brasil. Este contexto mostra certa importância que este trabalho traz consigo, já que as

imagens disseminadas são usadas constantemente como discurso identitário, convertem-se em atitudes legitimadoras ou reprovadoras de comportamento social em todo o país, principalmente por influenciar os mais jovens que sonham em seguir a carreira futebolística.

Estes discursos identitários, personificados em diferentes trajetórias de sucesso, tem papel importante nos acontecimentos e repercussões societárias. A comunicação midiática influencia os modos de ação, propondo riscos na realidade social de forma concreta. Tais realidades podem relacionar-se com consequências danosas preconizadas pelo discurso hegemônico que a mídia prolifera. As representações enquanto componente estrutural da ideologia dominante, reconstrói práticas e concepções que sustentam o projeto dos dominadores sob aqueles que estão em posição de domínio. O mito da democracia racial<sup>4</sup>, disseminado de forma ampla através do futebol (GUTERMAN, 2014), pode ser um dos exemplos mais clássicos, que resulta em consequências que são inseridas no cotidiano por meio do discurso midiático, trazendo grandes riscos para a sociedade brasileira de forma geral.

Podemos notar como midiáticos representam a nação, a identidade do homem negro e atleta de futebol tornando-os mercadorias simbólicas desta midiatização ao depositarem regras, características, posturas e ofícios de fenômeno social nestes indivíduos. Os estilos de vida destes atletas funcionam como marcador que os vinculam a uma narrativa racial, que constantemente os retrata apenas através de suas respectivas origens de classe, ausentando os debates raciais desta realidade. Estas ausências são estratégias de localizar estes sujeitos numa origem periférica para criar o contato com este indivíduo e seu local de nascimento, servindo como base identitária para outros sujeitos negros. A mídia constitui-se, dessa maneira, como forma de interação, propiciando novas – ou reforçando tradicionais – concepções na produção de sentidos na vida social. Esperamos demonstrar a maneira que a mídia constrói diferentes personalidades que abrem espaço aos mais diversos tratamentos e representações destes homens negros, que passam desde o enaltecimento ou reprovação societária.

Geralmente, os estudos sobre atletas negros demonstram que as formas que estes indivíduos são representados partem de categorias que maximizem suas capacidades corporais e minimizem suas capacidades espirituais ou cognitivas (HALL, 1997). As representações

---

<sup>4</sup> Tratamos como democracia racial brasileira o conjunto de crenças que retratam a imagem do Brasil como um local paradisíaco, democrático e horizontal de relações raciais (GUIMARÃES, 2006). O termo é intensamente popularizado durante o Estado Novo através das tentativas de inserir o país como exemplo democrático para se opor ao racismo e totalitarismo nazi-fascista, doutrinas muito comuns principalmente durante a Segunda Grande Guerra.

populares da diferença racial eram retratadas através da “inata preguiça” da população negra, seu primitivismo, simplicidade e falta de cultura, o que os tornaria geneticamente incapazes do refinamento civilizatório. Essa visão foi parte de uma ordem natural societária, imagens que foram ritualizadas para a degradação desta população. Algumas destas representações idealizadas, transformam-se em estereótipos. Estas categorizações estereotipadas são frequentemente vinculadas à população negra pois, supostamente, explicam certas características inatas que a negritude tem através do corpo. Estas concepções resgatam visões muito tradicionais acerca da animalidade e subumanidade negra, reforçando estereótipos que a população negra faz melhor uso de seu potencial corporal em detrimento do cognitivo. Essas vinculações através de imagens e discursos expressam e incitam formas latentes de diferentes tipos de racismo.

Destacamos o papel desempenhado pela mídia na perpetuação de conjunto de imagens que constituem o imaginário social em relação a população negra na polaridade entre corpo e espírito. Acreditamos que esta separação é fundamental para entendermos as concepções populares que retratam predisposições raciais negras para o trabalho manual e a maturação condicional da branquitude para o trabalho cognitivo. Infelizmente, o Brasil viveu mais de três séculos de escravidão e tal relação é vista como resquício deste demarcador histórico, influenciando a vida política, cultural e social da população negra brasileira de forma ampla no país. Acreditamos que as imagens de atletas negros, proliferadas pela mídia, carregam consigo elementos distintivos em que o povo negro é submetido em seu cotidiano.

O presente trabalho visa estudar as representações sociais de futebolistas negros em veículos midiáticos através da Teoria das Representações Sociais (TRS). Vamos apresentar os motivos pelos quais escolhemos falar sobre os discursos raciais entre o futebol e o racismo, justificando teoricamente e metodologicamente esta escolha ao decorrer do trabalho. Vamos abordar como constitui-se as imagens de uma negritude subalterna no Brasil e como estas representações são estabelecidas através dos discursos sobre atletas negros de futebol. Iremos apresentar o marco teórico a partir das representações sociais com as respectivas construções de arquétipos negros através do futebol e de midiáticos em geral.

Durante as partes iniciais deste trabalho, precisamente na introdução e no segundo capítulo, iremos abordar as estratégias de pesquisa escolhida por nós como guia metodológico ao qual seguiremos neste trabalho. Sobre estas estratégias de pesquisa, iremos mostrar que tipo de posicionamento será abordado neste trabalho, como debateremos o papel da imprensa, o

racismo através de suas imagens, seus discursos e o modo que estas representações operam. Apresentaremos os objetivos, os métodos e como o processo analítico será realizado. No capítulo III e IV faremos um resgate da história esportiva e os momentos políticos que acompanharam suas discussões para traçarmos um paralelo de como se construiu a imagem deste esporte e a identidade nacional do país em relação à negritude para relacioná-la com o presente. No capítulo V, iremos explorar o conceito de “Raça” e suas ficções, articulando as terminologias sobre poder, raça e diferença, para nos apropriarmos destes conceitos e facilitarmos o entendimento sobre os locais que esta terminologia racial ocupa nesta pesquisa em proporção às imagens criadas através dos mitos esportivos. No capítulo VI, iremos abordar as concepções sobre a cultura esportiva, tendo como foco o debate das potencialidades que as imagens de homens negros em midiáticos carregam consigo, proporcionando diferentes reconstruções sobre o que é negritude e qual sua posição política a partir de suas representações no campo futebolístico. Por último, nossa conclusão, para que as lições apreendidas aqui sirvam como ajuda para outros trabalhos futuros que visem tratar desta temática.

## 2 ESTRATÉGIAS DA PESQUISA

### 2.1 Metodologia

Algumas das maiores lamentações contemporâneas referentes aos esportes modernos – e principalmente em relação ao futebol – é que eles estão perdendo seus encantos. Certas evidências são lembradas de forma imediata. Atletas são profissionais demais, times jogam “sem coração”, estádios vibram de maneira amena, as torcidas estão “sem alma”, o esporte virou muito racional. Embora muito destas formas de categorizar o esporte possam romantizar o esporte e seu passado, estas variedades de conceituações refletem sobre a modernização da categoria esportiva. Alguns discursos científicos sobre o esporte podem resultar no atrofiamento de seus significados culturais, sociais e simbólicos. Aqui vamos examinar as questões relevantes de significados da modernização do esporte, construída por influência ampla da sociologia weberiana, buscando tratar sobre a racionalização do esporte, explorando os conceitos de sociedades racionalizadas e como este panorama requer críticas sociológicas das relações de poder que surgem nestes contextos.

A sociologia contém muitos conceitos, como a própria sociologia weberiana, desde fenômenos sociais, hermenêutica, etnometodologia e interacionismo simbólico. De forma geral, visamos usar a sociologia de maneira interpretativa, explorando as relações intersociais de ação e status, subjetividade, significados, motivos, símbolos, contextos, identidades, mudanças e processos sociais. Este ramo da sociologia evita o pensamento positivista típico das ciências naturais, que se concentram na explicação de grupos humanos baseados por leis e generalizações. Vamos usar estas análises interpretativas de maneira empática para analisar os impactos que as ações individuais de sujeitos negros têm no mundo social de forma qualitativa e de maneira interdisciplinar, através das contribuições da Análise Crítica do Discurso (ACD) e, principalmente, por meio da Teoria das Representações Sociais (TRS).

Nossa análise interpretativa visa investigar as formas de entendimento e construção de significados, as subjetividades dos atletas negros, suas respectivas ações, personalidades e estilos de vida, relacionando estas formas com as produções midiáticas sobre estes sujeitos. Consideramos de antemão que certos enunciados comunicam diversas interpretações através do discurso verbal e não-verbal, através de imagens, representações e os respectivas arquétipos construídos a partir destes enunciados. Acreditamos que as formas de representações sociais

sobre futebolistas negros são estruturadas através de definições identitárias associadas ao status social que cada indivíduo carrega ou deveria carregar consigo.

As imagens e objetos jornalísticos selecionados por nós concentram-se em parte nas publicações sobre a Copa do Mundo de futebol masculino da Rússia de 2018, produzidas no período temporal que marcam o início desta competição, em junho do referido ano, e nas repercussões finais da competição, entre julho e agosto, também do mesmo ano. Este período foi selecionado por nós, pois em momentos de efervescência nacional ou global envolvendo o futebol, podemos perceber que as fronteiras de vários regionalismos ou nacionalidades são ressaltadas e as barreiras raciais tornam-se mais evidentes, sendo comum o uso de estereótipos raciais para tratar coletividades de diferentes nações.

Para além deste período temporal e das imagens produzidas a partir deste megaevento, também trabalhamos com representações e discursos sobre atletas singulares, sem necessariamente respeitar um período temporal fixo, pois as carreiras dos jogadores que selecionamos para tratar aqui estão em vigor há mais de uma década. Por isso, escolhemos materiais que suscitam um debate estratégico acerca da temática racial, na maneira que o objeto jornalístico analisado esteja relacionado de maneira tática com o que estamos abordando aqui. De forma específica, optamos por atletas com reputações “problemáticas” ou, como categorizamos estes futebolistas no decorrer do trabalho, de forma “insubordinada”. Acreditamos que estes futebolistas são representados de maneira pejorativa por estes apresentarem condutas que não traduzam uma ética profissional que a mídia comumente associa aos jogadores negros, o que, supostamente, indicaria uma possível perda de suas respectivas potencialidades como atleta de alto rendimento.

Todas as manchetes selecionadas foram provenientes de jornais disponíveis *online*. Foi realizada uma busca por textos que abordassem discursos raciais que pudessem relacionar os jogadores selecionados por nós ou que faziam referência aos usos de estereótipos raciais de maneira frequente. Esta busca se mostrou de maneira problemática, pois como procurávamos tratar ocorrências em que o racismo não era evidente, esta realidade tornou-se um empecilho na compilação dos materiais jornalísticos para abordarmos esta temática. A solução que encontramos foi de não procurarmos a partir de palavras chaves como “racismo” ou “violência racial”, pois encontramos muitas tentativas jornalísticas de denúncia racial sem muito sucesso, representando bem o cenário brasileiro de um antirracismo declarado, mas não efetivado em união ao racismo presente, mas não assumido.

Por conta desta realidade, nos debruçamos em não pesquisar matérias envolvendo denúncias raciais, mas aqueles que reproduzem racismo de forma intencional ou não-intencional. Deste modo, usamos palavras que funcionam, em nossa interpretação, como mecanismos racistas não explícitos, como maneira de retratar jogadores negros em forma de eufemismos, tais como: “extravagantes”, “excêntricos”, “exóticos” ou “bizarros”, entre outras palavras que fogem à memória do pesquisador. Como os leitores poderão perceber, estes termos são frequentes nos discursos midiáticos. Após as tentativas por buscas destas ocorrências, o trabalho se mostrou muito promissor e pudemos encontrar diversos casos que, infelizmente, não entraram em nossa investigação, mas que facilmente poderiam compor parte das análises. Por conta de impossibilidades típicas da vida de um estudante de pós-graduação, não foi possível realizar as análises apropriadas de todos os casos encontrados devido ao grande número de ocorrências. Entretanto, os episódios em que foi possível trabalharmos, indubitavelmente, nos evidencia como o material jornalístico ainda é repleto de discriminação racial.

Diante do que analisamos, as representações são relativamente dinâmicas, repletas de especificidades que cada futebolista carrega consigo, que terão intrinsecamente valoração política de acordo com suas preferências, estilos de vida e gostos pessoais. As imagens são influenciadas através dos níveis de significação societários que permitem os atores sociais conceberem como outros sujeitos imaginam a si próprios, moldando a percepção que a sociedade e a construção midiática enfatizam sobre estes sujeitos. Segundo Goffman (1959), as imaginações sociais de significar os “Outros”, de forma generalizada ou individual, podem ser relativamente manipuladas através das representações para suas diversas audiências. Desta forma, os conteúdos jornalísticos têm centralidade nesta temática.

Visamos, desta forma, interpretar o entendimento da construção de significação social de atletas negros através do futebol. Consumir midiáticos sobre futebol muitas vezes requer que os espectadores reconheçam os status, personalidades de alguns jogadores e os significados simbólicos que surgem através destas categorias que se misturam durante as representações. O futebol permite que os sujeitos construam suas identidades de maneira distintiva em nosso sistema social. Mead (1898) ilustra como os esportes influenciam crianças e suas personalidades para tornarem-se “membros orgânicos da sociedade”, influenciando suas atitudes de maneira que agem em referência para um fim em comum.

Como dissemos anteriormente, visamos construir nosso método de maneira interdisciplinar, que para além de nossas abordagens usando a Análise Crítica do Discurso (ACD), a Teoria das Representações Sociais (TRS), utilizaremos também as contribuições muito comuns na sociologia dos esportes que concentram-se nas abordagens dos Estudos Culturais como visões complementares de nossos conceitos de análise de interpretação social. Unir estas formas de pesquisa agregam forças para entendermos como as estruturas de poder são erguidas em sociedade. Entretanto, os Estudos Culturais são vistos com predisposição natural em conceber as ações humanas como resultado das estruturas sociais. De maneira alternativa, a teoria pós-estruturalista nos permite dar maior visibilidade em decodificar signos e símbolos para negociar como estas construções são realizadas, que iremos investigar através deste nosso método interpretativo. Utilizaremos estas perspectivas para examinar como o discurso midiático representa jogadores negros de futebol em discursos subalternizantes.

Estas formas discursivas – através de imagens, códigos verbais e não-verbais – são vistos por nós como formas maleáveis de construir significados dominantes sobre a população negra de maneira geral, mas que são contestadas nas diversas formas de ação por seus diversos atores sociais, marcando um embate simbólico entre identidades negras enaltecidas ou repudiadas. Teorizamos de maneira enfática os elementos que compõe nosso ponto de vista para criticamente reinterpretarmos as maneiras distintivas de representar as ações, símbolos e identidades de futebolistas negros neste esporte.

Moscovici (2012) propõe uma epistemologia dialógica que implica conhecer a existência de um “Outro” social, pois somos condicionados a atos de conhecimento prévio a um determinado objeto, relacionando-o de maneira comum com crenças e preconceitos, tornando estas formas de construir significados sociais de forma sujeita a enviesamentos. Assim, a Teoria das Representações Sociais (TRS) é centrada como uma forma conceitual de construir conhecimento como um processo coletivo, em espaços de inter-subjetividade que rejeitam metáforas de epistemologias ontológicas entre sujeito e objeto, excessivamente construídas com perspectivas individualistas. É neste ponto que acreditamos que este método tem grande valor em relação ao nosso objeto, pois, os processos de construção coletivos de significados muitas vezes consideram os sujeitos de forma homogênea, pois a mídia repetidamente considera os sujeitos negros no futebol de maneira problemática quando estes não percebem personalidades que as representações estão acostumadas a tratar, ocasionando de maneira frequente em erros que tornam o racismo aparente. Esta abordagem se mostra imprescindível, portanto, tentaremos levar em conta toda violência simbólica que estes

atos de reconhecimento e não-reconhecimento sobre a população negra, através da mídia, têm consigo.

Isto nos evidencia um grande potencial que este trabalho tem, pois, visamos além de observar representações racistas sobre atletas negros, chamamos atenção para um objeto de conhecimento socialmente compartilhado. Para além da busca por justiça, igualdade e por uma luta antirracista, a análise expressiva destas representações assumem caráter estratégico, dotando os futebolistas negros de agência própria, mesmo que dentro deste quadro da estrutura social de conhecimento, estes sejam vistos de maneira generalizada como apenas reprodutores de valores que as estruturas depositam nestes indivíduos. Não só discordamos deste fato, como tentamos provar o contrário a partir de nossas reflexões teóricas e práticas a partir da vida e imagem destes jogadores.

Como veremos ao decorrer deste trabalho, as representações têm conexão direta com um passado histórico, que constantemente reaparecem nas transformações destas imagens midiáticas. Este diálogo com o passado nos permite introduzir uma dimensão histórica nos estudos sobre futebol e racismo, ampliando nossos horizontes para entendermos o presente e, quem sabe, o futuro. Desta maneira, definimos este método como uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, que concorre pelas formas legítimas de atribuição da construção de significados comuns a um coletivo. Esta definição nos ajuda a ilustrar as potencialidades desta teoria que visa estudar o senso comum societário, observando estas imagens, discursos e estéticas de forma prática para entendermos criticamente como a realidade social é construída ou imaginada.

### 3 FUTEBOL COMO METÁFORA RACIAL

Neste capítulo, abordaremos como o futebol relaciona-se com a discriminação racial no Brasil, na tentativa de ilustrar como certas barreiras sociais representam as diversas distinções societárias entre negros e brancos. Entendemos por metáfora racial certas proibições que, apesar de algumas não se demonstrarem explicitamente racistas, apresentam-se como objeto extremamente reveladores das relações raciais desiguais do último século no Brasil. O espírito do jogo limpo – o *fair play* –, por exemplo, foi criado como expressão maior do futebol entre os descendentes de europeus que viviam no Brasil. A preocupação com o espírito esportivo era um fator intrínseco ao futebol para que sua prática carregasse sua mais pura essência: o estilo de vida burguês, branco e europeu. Dessa forma, separava-se o futebol entre os que tinham educação – os brancos – dos que não tinham – os negros e mestiços. Assim, procuramos elucidar como se desenvolveu a ideia da separação racial que ronda a prática futebolística no Brasil desde sua chegada e popularização no país.

O primeiro ponto a ser abordado será a transição entre amadorismo e profissionalismo, representando, em outras palavras, a disputa entre brancos e negros, metaforizada nos diferentes estilos de vida que distinguiram a sociedade para além dos conflitos classistas, envolvendo, conseqüentemente, os embates raciais. Analisaremos o processo de entrada de negros e mestiços no futebol, graças a transição entre o amadorismo para o profissionalismo. Na segunda seção, analisaremos o processo de criação de identidade nacional e a construção da brasilidade a partir do futebol. Getúlio Vargas acelerou o processo de profissionalização do esporte para atrair os setores populares e disseminar a ideia de democracia racial no Brasil, fato que enalteceu e propagandeou o sentimento nacional, popularizando a ideia de brasilidade e da “raça brasileira”. O sentido de brasilidade trouxe a explicação do sucesso esportivo na seleção brasileira, simbolizado pela mestiçagem. O sucesso dos negros no futebol trouxe o sentimento de que negros e mestiços poderiam “mostrar seu valor”. Entretanto, na terceira parte, veremos como os fracassos consecutivos do futebol brasileiro serviriam para a criação do que Nelson Rodrigues chamou de *complexo de vira-lata*. A mestiçagem brasileira acaba servindo para explicar tanto os sucessos como os insucessos esportivos. O futebol funcionou, simultaneamente, como medida integrativa e exclusiva. Neste sentido, podemos perceber como o racismo à brasileira (TELLES, 2003) é expressado na premissa de que pode existir, simultaneamente, a inclusão tanto da exclusão.

A mestiçagem no Brasil foi tratada ora como elemento otimista - tornando em chave positiva os estereótipos raciais, como “ginga, malícia e arte” - ora como elemento diferenciador – tornando em chave negativa as atribuições raciais que, por sua vez, ressaltavam ideias de inferioridade negra e incapacidade mestiça (GORDON JR, 1995). Esta realidade foi fortemente influenciada pelo pensamento presente na primeira metade do século XX, momento marcado pela superação da explicação racial cientificista em detrimento da explicação ao modelo cultural. Dessa forma, a cor da pele não explicaria o comportamento das pessoas, mas sim, o estoque cultural que cada indivíduo herda em sociedade (SOUZA, 2012). Esse novo paradigma racial destacou-se não por superar o racismo, mas por reproduzi-lo de forma não explícita. Ao invés de serem mencionadas a cor de pele como atribuições negativas, bastaria apontar as supostas categorizações atribuídas aos negros e mestiços, como a suposta falta de fibra, inteligência ou concentração destes jogadores, constituindo, dessa forma, um tipo de racismo cultural.

Os estudos sobre o futebol brasileiro, com a incrível ajuda de Mário Filho (1964), contribuíram de forma direta para entendermos as transformações pelas quais o Brasil e o futebol estavam passando através do crescimento progressivo deste esporte e de seu papel político no país. Diferente do que o mundo reconhece como estilo nacional de jogar o futebol dos brasileiros, pretendemos desconstruir este nosso suposto “estilo natural”, desmistificando seu caráter lúdico para lermos seus discursos e representações sociais enquanto construções sociais carregadas intensamente de valor simbólico, cultural e político. Procuramos retratar a história social dos negros e mestiços no Brasil usando o futebol como plano interpretativo e metafórico das relações raciais brasileiras, com o objetivo de refletir como certas atribuições mencionadas sobre alguns atletas negros ainda servem para reproduzir preconceitos raciais. Sem apontar a cor da pele dos atletas para concretizar de forma prática o racismo, podemos notar como a seleção brasileira de futebol, ao longo de sua formação na história, foi alvo simultâneo de preconceitos raciais explícitos e implícitos. As derrotas serviram para acentuar preconceitos raciais e as vitórias como modo propagandístico do mito da democracia racial e do país da multiplicidade das raças. Veremos com maior detalhe este cenário em seguida.

### **3.1 Amadorismo versus Profissionalismo ou Brancos contra Negros?**

O futebol chega ao Brasil trazidos pelos ingleses, entre o final do século XIX e ao início do século XX, exigindo que seus praticantes tivessem conhecimentos sobre suas regras, uma bola para a prática esportiva e algum espaço onde fosse possível haver a sociabilidade entre os

semelhantes das elites e famílias mais abastadas. Em um primeiro momento, esta prática era exclusivamente pertencente aos homens provenientes de famílias aristocratas, comumente formados por jovens rapazes que regressavam ao país depois de estudos na Europa, pelos chefes de fábricas ou dos professores das escolas – as instituições de ensino ainda não eram oferecidas pelo estado, logo a prática escolar era concentrada pelas famílias ricas e brancas. Entretanto, com a inevitável popularização do futebol, houve a formação de clubes compostos por camadas populares, formados por trabalhadores, comerciantes, entre outros indivíduos que não faziam parte da elite dominante.

A transformação que o futebol passava no Brasil foi realizada através das inserções das camadas populares na prática esportiva e como telespectadores nos estádios. Esta mudança do futebol como um símbolo das elites para um esporte popular implicava a passagem de sua prática amadora para o patamar de esporte profissional. Os atletas pobres esperavam não apenas ascender socialmente, mas também conquistar um reconhecimento público enquanto “plenamente brasileiros”. O profissionalismo permitiu para estes atletas o que os grandes clubes amadores não lhe garantiam – pois os maiores clubes de futebol eram amadores e apenas selecionavam jogadores brancos advindos das elites oligárquicas. Os jogadores das camadas menos favorecidas – intensamente composta por negros e mestiços – necessitavam demonstrar seu “valor”.

Através do futebol, suas competências esportivas poderiam superar os estigmas que a sociedade brasileira depositava na população negra de maneira geral. Neste sentido, caso estes atletas se tornassem ídolos no futebol, o público poderia passar a estimar estes jogadores como verdadeiros heróis. É neste cenário que a obra de Mário Filho (1964) torna-se, de maneira indiscutível, uma produção que influenciou as discussões sobre esporte, cultura e política de forma extensa ao longo dos anos. Esta relação mitológica que o futebol poderia carregar consigo, através da “salvação” ao qual as camadas populares necessitavam para tornarem-se dignas de apreço da sociabilidade brasileira, foi inaugurada por este autor em sua célebre obra “O Negro no Futebol Brasileiro”. Esta produção indica que as mudanças que o esporte trazia consigo não concentra-se apenas nos aspectos físicos, materiais ou financeiros para seus atletas, mas principalmente, através de mudanças “morais” de sucesso, como o respeito societário que seus praticantes recebiam após os bons desempenhos esportivos.

Com a presença dos clubes fora do circuito aristocrático, inevitavelmente surgem as tensões entre o amadorismo e o profissionalismo esportivo. De forma geral, o amadorismo

ênfata a perspectiva do lazer, tendo no prazer, seu principal objetivo. O profissionalismo é enfatizado através da perspectiva trabalhista, enaltecida como meio de sustentação de vida, para prover os meios necessários que a sobrevivência em sociedade prescinde. Neste embate, entre distintas categorias do mesmo esporte, podemos definir um marco da mudança que o processo de desportivização sofria. A ênfase no futebol como mero divertimento, a ostentação em gastar algum tempo livre, o desejo da prática esportiva de maneira desinteressada, evidenciava o privilégio de uma pequena elite burguesa que não sofria o peso da subordinação profissional ao qual a grande parcela da população dependia para subsistir. Entre o binômio amadorismo/profissionalismo, é possível expressar a grande desigualdade social e racial que o Brasil vivenciava durante a primeira metade do século XX.

Segundo Elias e Dunning (1985), a partir da configuração social britânica em contexto de industrialização, o desenvolvimento do *ehtos* amador é intrinsecamente relacionado à perspectiva ideológica manifestada através de uma moral conservadora que combate o crescente movimento rumo à profissionalização do esporte. O futebol na medida que começa a ser apropriado e praticado por populações de estratos sociais mais baixos, começa a perder valor distintivo como uma prática nobre, burguesa e branca, características típicas das elites. As tensões que surgem a partir destes embates – entre elite e camadas populares – traduzem a existência de um grupo que ocupa uma posição de domínio sob outro grupo em posição subjugada.

Estes embates no Brasil aconteceram de forma similar. A sociedade brasileira hierarquizada e advinda de séculos de escravismo, era extremamente estratificada, ao qual a população negra sofreria todo tipo de discriminação diariamente. Afinal, a ausência de negros no esporte não era apenas casual, havia uma imposição formal da Federação Brasileira de Sports – órgão regulador em nível nacional do futebol brasileiro - contra a participação de negros nas equipes esportivas (GORDON JR, 1996). A situação começou a mudar quando Arthur Friendenreich surgiu e tornou-se uma espécie de síntese da formação do Brasil. O seu pai era o judeu Oscar Friendenreich, comerciante alemão que veio tentar a vida em São Paulo e sua mãe tem apenas o registro de Matilde, uma humilde “lavadeira negra”, sem nome completo em dados biográficos, representando bem o que era ser mulher e negra após o período de abolição da escravatura (GUTERMAN, 2014). Desta forma, Arthur Friendenreich é produto de uma relação muito comum que constituiu o Brasil em sua formação: o homem branco europeu que veio ao Brasil para fazer a América e encontrou mulheres negras para satisfazer as suas necessidades sexuais. Os brancos estavam sempre em companhia “de negra ou mulata fácil”

(FREYRE, 1999: 284). A subordinação sexual das mulheres negras – os estupros diários que estas mulheres sofriam – nos dá a falsa ideia de que houve ascensão social por parte dos negros, mas chama atenção também para as relações abusivas e violentas que foram construídas e consumadas no início do século XX no Brasil, principalmente contra as mulheres negras.

Friedenreich foi um jogador marcante para as relações raciais brasileiras pois foi ele que deu ao Brasil seu primeiro título no futebol, o de campeão sul-americano de 1919. Com o gol da vitória, ele tornou a seleção brasileira a primeira equipe do mundo a ser campeã com um jogador mestiço em seu elenco (FILHO, 1964: 119). Na estrutura hierarquizada que a sociedade brasileira se encontrava na primeira década do século passado, o futebol passava pelo momento de afirmação da supremacia branca, o que tornava a participação de negros na liga metropolitana, até o momento, impraticável. Em relação aos jogadores mestiços, a realidade era um pouco diferente.

Com o declínio dos grandes fluxos migracionais europeus ocorridos até então, reaparece a preocupação com a miscigenação brasileira, ressurgindo uma nova geração de eugenistas que debatiam sobre degenerescência da raça a partir da miscigenação racial. A teoria do embranquecimento foi amplamente debatida, por acreditar-se que a mestiçagem terminaria por branquear o povo brasileiro, o que comprovaria a tese da suposta superioridade da raça branca. Por considerar a população negra menos desenvolvida, o cruzamento entre as diferentes raças perpetuaria apenas o gene branco (TELLES, 2003). O futebol, dessa forma, acabaria por reproduzir os valores racistas que estavam em vigor graças a um debate baseado no racismo biológico, traduzido através do debate eugenista típicos dos defensores da supremacia branca. No contexto específico que as relações raciais eram estabelecidas no país, o racismo brasileiro assume uma peculiaridade, pois a própria vítima assumia o papel de algoz. Como diz Fernandes (1978), por existir no Brasil uma pressão integracionista, opera-se um padrão coercitivo para que a população negra absorva as normas, os padrões de comportamento e os valores da ordem dominante, entretanto, sem inserir-se, de fato, aos meios econômicos das garantias sociais ou dos bens culturais.

Neste sentido, ser negro ou mestiço no Brasil nos momentos onde a eugenia era debatida, influenciou na postura de atletas de cor buscarem “aparências mais brancas”. Além do próprio Friedenreich, que era conhecido como “o mulato que queria ser branco” (GUTERMAN, 2014: 44), outros casos ilustram o momento da política do embranquecimento brasileiro. Como o jogador Carlos Alberto (GORDON JR, 1996: 82), atleta mestiço que jogava

no América do Rio de Janeiro, até ser convidado para atuar no Fluminense – equipe com maior teor aristocrático -, que preocupava-se com sua aparência devido sua cor de pele mestiça. Internalizando o mal-estar que sentia, passou a se maquiar com pó-de-arroz para embranquecer sua cor. Esta era uma realidade comum sofrida por diversos jogadores negros repletos de incertezas, mas que buscavam a aceitação no futebol e na sociedade de maneira mais ampla.

O “embranquecimento”, segundo Guimarães (2004) pode ser entendido como um processo pelo qual indivíduos negros eram absorvidos às elites brasileiras. A filosofia da política solutiva da questão negra, para Fernandes (1969), baseou-se na seleção e assimilação daqueles que escolhessem identificar a si mesmos com os círculos sociais das raças dominantes, manifestando “completa lealdade aos seus interesses e valores sociais” (FERNANDES, 1969: 137). Contudo, segundo o que se chama de embranquecimento, não nos devemos levar a acreditar em uma simples e pura reprodução da estética ou da moral política europeia, ou seja, como uma esquizofrenia racial (GUIMARÃES, 2004).

Estes sujeitos “embranquecidos” são responsáveis pela introdução de valores híbridos ou mestiços na cultura brasileira, modificando a vida social e os meios de sociabilidade nacional, tornando estes espaços um pouco mais confortáveis para estes ou outros indivíduos mestiços. Deste modo, a representação de um futebolista mestiço, ao se tornar ídolo nacional fez, de maneira geral, o futebol não ter mais a cara da elite branca da época, sendo, talvez, um dos primeiros pontos chaves da ideia de miscigenação racial que trouxe o ideal do Brasil como um país das múltiplas raças. É possível que, através de Friedenreich, esta relação tenha sido inaugurada no país.

À medida que o futebol foi se democratizando, algumas das dificuldades aos negros e mestiços iam, aos poucos, sendo superadas. Com a popularização do esporte, sua prática se difunde não apenas entre a elite burguesa, mas também em campos de várzea<sup>5</sup> ou em qualquer outro espaço aberto onde se pudesse correr atrás de uma bola improvisada. Ainda que a preferência por jogadores brancos fosse notória, lentamente, a cor dos jogadores não era mais o ponto permissivo de quem podia ou não jogar futebol. Apesar de negros e mestiços ainda passarem por extrema desconfiança, os atletas negros começavam a atuar nos jogos de futebol. Como foi o caso do Vasco da Gama, campeão carioca de 1923: um time composto por jogadores de camadas populares, operários, negros e mestiços. Como nos diz Pereira (2000):

---

<sup>5</sup> O nome várzea acabou servindo para designar qualquer time e qualquer campo com as características amadoras, em jogos sempre aos domingos.

“O Vasco levava a campo uma equipe que não correspondia ao padrão social de seus sócios. Radicalizando um impulso que já se fazia presente em muitos outros clubes da liga, o clube montava uma equipe composta por atletas que, ao contrário do que seria o padrão entre os amadores que disputavam até então o campeonato, faziam claramente do futebol sua profissão. Dedicando-se integralmente ao esporte, os jogadores – muito deles negros – conseguiam grande vantagem sobre os adversários, que dividiam seus afazeres entre a bola e o trabalho, sagrando-se campeões naquele ano após uma vitória contra o São Cristóvão” (2000: 309).

A crise do amadorismo atinge seu ápice quando o Vasco ganha o título de 23 com um time composto por jogadores negros e mestiços, advindos dos subúrbios cariocas. Esta equipe afastava-se da imagem dos outros clubes cariocas por ter uma composição racial mista que contava com o apoio de ricos comerciantes que “empregavam” os atletas em seus respectivos armazéns, lojas e fábricas, “liberando-os” para os treinos e jogos do Vasco. As investigações para averiguação do suposto amadorismo da equipe falham diante dos álibis de seus patrões portugueses, mas conseguem impedir que este clube permaneça na liga metropolitana sob a alegação de que este time não possuía estádio próprio. Em dois anos a colônia portuguesa se mobiliza e financia a construção do estádio São Januário, o maior de sua época no Rio de Janeiro, com 50 mil lugares, inaugurado em 1926. O caráter inicial da introdução do futebol no Brasil é um projeto materializado por intermédio dos estrangeiros que viviam no país, que não somente trazem sua tecnologia, mas toda forma distintiva expressada através de seus estilos de vida, seus lazeres, assim como a própria conduta moral que enxergavam os esportes como prática desinteressada, metaforizando as formas de diferenciação social.

Os contrastes sociais podiam ser vistos através destas formas de expressão da vida cotidiana, de um lado as elites ligadas ao futebol praticado nas escolas ou nos clubes aristocráticos, do outro as classes populares que são incluídas ao esporte de forma vigiada e controlada através do paternalismo empresarial. O impedimento da equipe vascaína em disputar o campeonato carioca de 1924, teoricamente, não foi atribuída à sua formação composta por brancos e negros, mas primeiramente, por seus jogadores serem profissionais. Devido às falhas em atribuir provas ao fato, diante dos álibis dos patrões portugueses, alegaram a ausência de um estádio próprio para excluir a equipe da liga carioca. Mario Filho (1964) alude a questão da discriminação racial como fator determinante para a exclusão do time que havia conquistado o título de campeão na competição no ano anterior.

Partindo do pressuposto que o futebol representava a manutenção do princípio de distinção social, com o intuito de reafirmar uma classe branca e burguesa, categorizamos essa atitude como uma disputa, além de classista, racial. A interpretação de códigos de comportamentos e práticas esportivas das classes mais abastadas pode alcançar uma amplitude

maior que não se restringe apenas aos embates entre amadorismo ou profissionalismo. A estilização do modo de vida aristocrático e burguês, por exemplo, pode ser retratada através do processo ao qual os dominantes reproduzem certo tipo de condutas diferenciais no âmbito da sociedade de classes. O modo como se vive, nesse sentido, pode ser definida como a “intenção de submeter as necessidades e pulsões primárias ao requinte e à sublimação”, que se marca como fator distintivo e diferencial que integram a vida dos dominantes (BOURDIEU, 2007a.). Dessa forma, as classes dominantes exercem uma prática de satisfazer suas necessidades através de uma limitação e denegação do corpo. A negação no sentido aqui trabalhado significa uma “forma específica da negação na qual o enunciado do conteúdo afirmativo só pode ser expresso por meio de uma negação” (HOUAISS, 2010). A classe burguesa constrói em um sentido de expressão aos estilos de vidas o modo de se diferenciar. Impõe-se regras em convívio social e os limites são criados sobre quem pode aderir ou não determinado estilo de vida, sem tomar forma de uma negação visível, porém, manifestada de forma prática.

Apesar do conflito entre amadorismo e profissionalismo, manifestado na eliminação da equipe do Vasco da Gama na competição carioca, não ser explicitamente entre brancos e negros, é exercida uma espécie de embate metaforizado da disputa racial no futebol carioca através do manto de classes aristocráticas contra as classes populares. O amadorismo serve como sinônimo das classes mais abastadas, e conseqüentemente, da cor branca. Valorizar o estilo de vida amador carregava consigo o significado implícito de uma ordem exclusivista que não estava disposta a se abrir para que outras raças ou estratos sociais participassem do seu esporte, procurando dificultar a inclusão da classe operária – imensamente composta por negros, mestiços e pobres – no futebol.

A profissionalização deste esporte passa a significar uma democratização que já estava em andamento, abrindo espaços para uma camada social que agora podia nutrir – uma pequena - possibilidade de mobilidade social. Se Arthur Friedenreich serviu como ídolo e possível representação desta difícil ascensão social de negros e mestiços, o Vasco campeão de 23 representou esse momento ao reforçar a abertura que o futebol brasileiro traçava caminho, reafirmando um panorama da abertura entre classes e raças.

Podemos dizer que as dinâmicas crescentes de mercantilização do futebol começaram a tentar incorporar, de forma controlada, os marcadores de raça e classe. A popularidade do esporte e a crescente participação de jogadores negros e mestiços obrigaram os clubes e agremiações a pensarem em novas bases de racionalidade para a participação destes grupos em

seus quadros. As equipes futebolísticas começavam a utilizar jogadores de classes subalternas como arma menos legítima para participarem da competição que progredia entre os clubes de maneira geral. Dessa forma, a cultura negra passou a ser assimilada a área esportiva, iniciando o processo da criação do nosso suposto estilo nacional, representando o que viria a se tornar nossa identidade maior. Cria-se a ideia de brasilidade, do imaginário do improviso, dos dribles e do futebol dionisíaco.

### **3.2 A construção de brasilidade a partir do futebol**

Os dois momentos históricos mencionados anteriormente, entre Arthur Friedenreich e a vitória do time do Vasco da Gama em 1923, serviram como base no processo de projeção que o futebol tomava no Brasil. Após as boas atuações da seleção brasileira, provocava-se grande empolgação entre os fãs do futebol. Os atletas que mais se destacaram nesta época foram Domingos da Guia e Leônidas da Silva, ambos negros. José Lins do Rego comenta sobre uma vitória do Brasil contra o Uruguai em 1932, comandada por Leônidas, em um time composto por negros e brancos: “Os rapazes que venceram em Montevideu eram um retrato de nossa democracia social, onde Paulinho, filho de família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Oscarino e ao branco Martim. Tudo feito à boa moda brasileira” (GORDON JR., 1996; FILHO, 1964).

Entretanto, foram Leônidas e Domingos que, de certa forma, representaram a transição que o futebol estava vivenciando no Brasil. Estes dois atletas traziam grande notoriedade aos clubes que eles vestiam a camisa, com maior destaque ao Flamengo. A popularidade destes atletas no Rio de Janeiro tornava-se efetivamente “nacional” (LEITE LOPES, 1994). Através das trajetórias dos jogadores negros – principalmente por meio da fama de Domingos e Leônidas –, era possível realçar que o profissionalismo não significava apenas assumir um indiscutível crescimento econômico mediante a popularização do futebol, mas que a modalidade profissional também poderia contribuir para a construção de uma nova “moral” esportiva, criando um conceito de jogo muito diferente do que era visto na Europa.

Gilberto Freyre no prefácio da obra “O Negro no Futebol Brasileiro” dá grande atenção a estes dois jogadores. Domingos, para Freyre, tinha uma maneira sóbria de jogar, mais sóbria ou mais “inglesa”, enquanto que Leônidas havia uma maneira “dionisíaca” em si, mais criativo mais emotivo ou mais “brasileiro”. O futebol do Diamante Negro ou do Homem Borracha – como Leônidas também era chamado - seria, então, a primeira expressão desta nova forma

futebolística que surgia, um futebol novo, emancipado das amarras e friezas britânicas aristocráticas, o “verdadeiro” futebol nacional.

“A capoeiragem e o samba estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol que de um tanto álgido como Domingos, admirável em seu modo de jogar mas quase sem floreios – os floreios barrocos tão do gosto brasileiro –, um crítico da argúcia de Mário Filho pode dizer que ele está para o nosso futebol como Machado de Assis para a nossa literatura, isto é, na situação de uma espécie de inglês desgarrado em tropicais” (FILHO, 2010: 25).

Leônidas teria encarnado a “dança dançada baianamente” ao criar uma maneira singular de estilo futebolístico, afastando-se naturalmente da maneira “inteligente” dos europeus. Estas interpretações serão reencontradas posteriormente nos estilos de jogo entre a figura de Pelé e Garrincha, por exemplo. Pelé, entretanto, foi filho de futebolista e treinado ainda menino por um grande jogador negro, Valdemar de Brito, da geração de Leônidas. O estilo “genuinamente brasileiro”, das danças e floreios ao qual os atletas negros são vinculados, foram construídos na medida que novas criações surgiam através de improvisos, invenções e criações de jogadas que são constantemente associadas ao caráter individual de seus criadores. Como é o caso das constantes “bicicletas” muito praticadas por Leônidas ou pelos dribles distribuídos por Domingos logo depois de desarmar seus oponentes. Este também é o caso de Garrincha que não só agregou forma a si mesmo por seus dribles desconcertantes – previsivelmente sempre puxando para a direita, mas também de forma previsível, sempre deixando seus oponentes para trás –, como conquistou as Copas de 58 e 62. Estes são alguns dos jogadores que trazem juntos a imagem de dança e capoeiragem ao estilo brasileiro, como propunha Freyre.

Ao equilibrar os antagonismos raciais do passado, Freyre põe a velha problemática sobre a questão nacional em termos positivos. Nossa singularidade enquanto povo vem da mestiçagem e isto deveria ser motivo de orgulho, não de vergonha. Este elogio a mestiçagem ajudou a legitimar algumas práticas populares no país, enaltecendo o futebol como um dos maiores exemplos de expressão cultural do país. Um artigo de Freyre que comenta a boa atuação da seleção brasileira na Copa de 1938 é lembrada até os dias atuais, representando a relação entre futebol e a “brasilidade”:

“Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, há alguma coisa de dança e capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por outros europeus jogados tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para psicólogos e sociólogos, o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo o malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil” (FREYRE, 1967:432).

O nosso estilo nacional e a falta de dúvidas sobre o talento dos jogadores brasileiros surgem como justificativa para a profissionalização total do esporte através de uma organização futebolística que fosse capaz de contribuir para transformar o futebol em esporte nacional. As novas formas identitárias, as novas simbologias e o grande apelo popular que o futebol trouxera consigo, contribuem para combater qualquer perigo de enfraquecimento deste esporte como símbolo das massas. A atividade jornalística, influenciada pela imprensa, liderada por Mário Filho, cria uma nova forma de comunicação com as classes populares através do futebol, aproveitadas através da linguagem corporativista do Estado contemporâneo ao regime autoritário do Estado Novo. Diversas intervenções públicas do governo varguista dirigidas aos trabalhadores, aproveitando a popularidade adquirida pelo futebol nos anos 30, aconteceram no estádio São Januário, do Vasco da Gama, o maior até a construção do Maracanã, em 1950. Foi lá que a adoção do salário mínimo é anunciada em 1940, junto da criação das leis trabalhistas, em 1943. O futebol aparece como pano de fundo de um ritual de encenação protocolar das relações entre poder e o povo.

Devemos enfatizar que esta preocupação em produzir uma presumida singularidade, por meio de uma coletividade metaforizada na prática futebolística, foi uma tendência política mundial na primeira metade do século XX. Nos anos 30, por exemplo, futebol e fascismo pareciam ter nascido em uma relação íntima, que se estabeleceu em 34, na Copa do Mundo realizada na Itália, em pleno regime ditatorial (GUTERMAN, 2014). Mussolini consolidou a institucionalização do futebol, construiu estádios em toda a Itália e afirmou o futebol como elo nacional, reforçando a nacionalidade de um país que foi imbatível nos gramados, tornando-se bicampeão do mundo, em 1934 e 1938, além do título olímpico, em 1936.

O Brasil seguiu os mesmos passos sob o governo de Getúlio, que realizou diversos esforços para a consolidação do futebol no país, acelerando ainda mais o processo de profissionalização do esporte. Ser a favor da profissionalização trouxe uma popularidade tremenda para o líder político, já que articular salários para a população negra e operária que praticavam o futebol era uma maneira de atrair o apoio dos atletas e das classes populares para o seu governo. Podemos dizer que a ideia de “democracia racial” no Brasil foi “institucionalizada” no governo Varguista ao ampliar a base social do regime, isolando as oligarquias e fazer crer, pela ascensão do negro no esporte, que todos os cidadãos teriam chances similares de mobilidade social (LEITE LOPES, 1994). Forma-se uma ideia de brasilidade e de “raça brasileira”, surgindo manifestações culturais que reforçavam o caráter ideário de comunidade, influenciada pelo sucesso esportivo.

Com a ajuda dos meios de comunicação, o governo Vargas investiu na construção de mitos e heróis nacionais, transmitidas pela rádio esportiva, que ajudou ainda mais a formatar um caráter nacionalista atribuído ao jogo. O futebol cada vez mais se consolida como identidade nacional, de representação da pátria e de manifestação de brasilidade. A união dos fenômenos futebolísticos, com o auxílio da rádio transmissão gerou enorme possibilidade política para Getúlio. Além de explorar ao máximo a relação que o futebol trazia de união ao povo brasileiro, seu governo foi marcado por ter grande influência nos estratos sociais mais baixos a partir de sua legislação trabalhadora:

“O novo modelo estava também baseado nos controles das massas e isso ficou evidente na legislação trabalhista criada por Getúlio com base na experiência fascista italiana. Ao mesmo tempo em que garantia direitos amplos aos trabalhadores e criava o salário mínimo, a iniciativa getulista amarrou os sindicatos ao Estado e criminalizou as greves. Consolidava-se a imagem de Getúlio como “pai dos pobres” e “protetor dos trabalhadores”” (GUTERMAN, 2014: 80).

O futebol profissional é, então, formatado sob as bases de uma forte ética do trabalho, com regras, costumes e uma moral bem definida. Mário Filho também tem enorme contribuição, pois criou o calendário esportivo dando forma ao que conhecemos hoje como futebol espetacularizado, criando competições a nível nacional, preenchendo o calendário durante todo o ano, influenciando de forma direta a “nacionalização” do futebol. Estes fatores transformam o esporte das elites em um esporte popular, agora com caráter nacional, que inventam o futebol em um jogo de dimensão social ainda maior.

A Copa do Mundo de 1950 foi realizada no Brasil para mostrar força não apenas no esporte, mas também na capacidade do país em organizar o torneio intercontinental mais importante do mundo e de construir o maior estádio já visto, o Maracanã, “para exaltar o amor do brasileiro pelo futebol” (GORDON. JR, 1996; FILHO, 1964). Neste sentido, a realização da Copa do Mundo no Brasil serviria para confirmar o projeto de brasilidade, disseminando a imagem do país como paraíso racial, afastando a ideia de um Brasil primitivo, ao integrar negros e mestiços no esporte nacional. Entretanto, a derrota do selecionado brasileiro na final do mundial serviu para mostrar que a sociedade brasileira ainda estava impregnada do preconceito advindo dos mesmos pressupostos racistas de um século atrás.

Em clima de festa, a Copa realizada no Brasil foi a primeira depois da segunda guerra mundial. Além deste evento, no mesmo ano aconteceram as eleições presidenciais, com Getúlio Vargas sendo o grande favorito, devido a sua campanha populista que contribuiu para uma visão de nacionalidade, que já vinha sendo trabalhado há duas décadas. A seleção brasileira

trazia consigo a responsabilidade de colocar o país em um patamar jamais visto. Profundamente conectado com a identidade nacional, afirmavam que “os jogadores jogavam em ritmo de samba” (VOGEL, 1982). Entretanto, veio a derrota na final contra o Uruguai e os ideais sobre a nossa identidade brasileira – a suposta singularidade ser fruto da diversidade racial - entrou em choque. E como era de se esperar, elegeram os culpados. Todos negros: Barbosa<sup>6</sup>, Bigode e Juvenal. A derrota, personificada nos atletas negros, foi sentida por toda a nação. A perda foi experimentada como metáfora incorporada no corpo negro, traduzida na incapacidade de um projeto de país que se almejava na autoafirmação através do futebol.

Figura 1 - Seleção Brasileira de 1950. Em pé: Barbosa, Augusto, Juvenal, Bauer e Bigode; Agachados: Friaça, Zizinho, Ademir, Jair, Chico e Mário Américo (massagista)



Fonte: Página oficial do Vasco da Gama (2018)<sup>7</sup>.

Dessa forma, as categorias da miscigenação, que compõe o imaginário da identidade nacional brasileira foram utilizadas para enaltecimento do selecionado brasileiro em momentos de vitórias e de depreciação nas derrotas. A malandragem dos dribles e os toques rápidos improvisados do futebol-arte deram lugar ao caráter da “determinação uruguaia”. Falava-se de forma explícita e implícita que a culpa era dos pretos e que o futebol jogado pelos brasileiros não tinha “raça”. A construção de brasilidade que idealizava o futebol advindo da habilidade

<sup>6</sup> Moacir Barbosa Nascimento foi um dos maiores goleiros da história do Brasil. Atleta e homem negro, Barbosa é, infelizmente, mais lembrado como principal culpado na derrota sofrida na final da Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil. A derrota foi atribuída a ele por, supostamente, ter falhado no segundo gol uruguaio que sagrou a seleção brasileira como vice-campeã. Acreditamos que tal representação tenha conotação racista por apenas negros terem sido culpados nesta derrota, como seus companheiros de equipe, Bigode e Juvenal.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.vasco.com.br/site/noticia/impressao/17213/o-vasco-na-copa-expresso-da-vitoria-foi-base-da-selecao-de-50>. Acesso em: 06 ago. 2019.

corporal e da dança dionisiaca negra foi cedendo espaço para a valoração da tradicional “disciplina tática dos eficientes europeus”, o futebol “científico”. Assim nascia o que Nelson Rodrigues viria a chamar de “complexo de vira-latas”.

### **3.3 O “complexo de vira-lata” e a mestiçagem no Brasil**

As representações sobre brasilidade através das imagens da população negra a partir do futebol, abordadas na última seção, podem ser entendidas através dos pressupostos dos paradigmas cientificistas e culturalistas de categorização racial. O futebol funcionou como “facilitador” hipotético de mobilidade social, entretanto, a cor e outras características pessoais ainda serviram para que uma ordem excludente realizasse a manutenção sistemática de tratamento distintivo. Como cidadãos de segunda categoria, essa parcela da população não tinha acesso aos padrões de vida e às garantias sociais desfrutados por outros grupos privilegiados.

Como já vimos, o elogio às características supostamente negras ora foi usado como elemento integrador, ora como elemento diferenciador, que ressaltavam ideias de inferioridade negra e incapacidade mestiça ou de agressividade e potência corporal. Dessa forma, as derrotas da seleção brasileira, como a de 50, ratificavam estereótipos e resgatavam o caráter escravocrata que o Brasil até hoje não se desvencilhou. Os sistemas de classificações e atribuições de características inatas a determinadas raças criam significados – que muitas vezes não são explícitos –, evidenciando distinções sociais a partir destas diferenças presumidas. Este tipo de classificação é essencial para entendermos o sistema de diferença que foi inscrito e disseminado sobre as relações raciais no Brasil através do futebol.

Como já mencionado anteriormente, certas atribuições à negros e mestiços equivaliam como fatos científicos, reiterando a crença de que a raça negra possui características naturais que os definem como seres menos humanos que os demais. Entretanto, a categoria de raça foi se tornando menos científica - de fundamentação discursiva e sociológica -, afastando-se mais da biologia e aproximando-se das ciências sociais (HALL, 2003). Dessa forma, é imprescindível pensarmos a passagem das relações raciais do paradigma científico para o culturalista, no intuito de definirmos como explica-se socialmente a diferença racial sem citar, por exemplo, o fenótipo destes indivíduos.

O racismo fenotípico - ou biológico - já teve seu auge nacionalmente e internacionalmente para explicar as supostas diferenças de desenvolvimento entre as nações a partir do ponto de vista físico ou genético. Já o culturalismo julga que não é através da biologia

ou da cor de pele que explica-se o comportamento social, mas pelo estoque cultural que cada indivíduo herda em sociedade. O culturalismo se estabeleceu não apenas provando-se como cientificamente superior, mas também moralmente proeminente. Entretanto, quando convencionamos a explicação do comportamento ou de supostas diferenças entre indivíduos sociais através do termo “estoque cultural”, existe uma ideia central que não é perceptível: o seu racismo implícito (SOUZA, 2017). Ao substituímos o termo “raça” pelo “estoque cultural”, torna-se invisível os processos históricos de aprendizado coletivo e criam-se distinções tão naturalizadas e imutáveis quanto a cor da pele ou seus supostos atributos raciais. O racismo culturalista torna-se um comportamento social não refletido, seja na relação entre diferentes países, nas relações classistas de uma mesma sociedade ou até mesmo em atribuições aos estilos que são relacionados à forma como praticamos futebol.

Usemos, por exemplo, o “complexo de vira-lata”, criado e difundido pelo escritor e dramaturgo brasileiro, Nelson Rodrigues. A expressão foi produzida em um texto que hoje é um clássico da crônica esportiva pela percepção certa de seu tempo, que reverbera até os dias atuais. O artigo foi publicado no dia 31 de maio de 1958, há alguns dias que antecipavam a estreia do Brasil na Copa da Suécia (GUTERMAN, 2014). A coluna chamava-se “Personagem da Semana” e acreditamos ser válido reproduzi-la em sua versão integral:

“Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre pioneirismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: “O Brasil não vai nem se classificar!”. E aqui eu pergunto: não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?

Eis a verdade, amigos: desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaiois, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor de cotovelo que nos ficou do 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer: “extraíu” de nós o título como se fosse um dente.

E hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvidas: é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: se o Brasil vence na Suécia, e volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício.

Mas vejamos: o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidade concreta? Eu poderia responder, simplesmente, “não”. Mas eis a verdade: eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: sou de um patriotismo inatural e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante-enxertado Flamengo. Pois bem: não vi ninguém

que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: “O que vem a ser isso?”. Eu explico.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.

Eu vos digo: o problema do escrete não é mais do futebol, nem da técnica, nem da tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão” (RODRIGUES, 1993: 51).

Acreditamos que esta crônica de Nelson Rodrigues é uma síntese, metaforizada no futebol, da formação de identidade nacional brasileira. Percebam o trecho que diz: “Por “complexo de vira-latas”, entendemos a inferioridade em que o brasileiro se coloca, *voluntariamente*, em face do resto do mundo”. A posição de inferioridade *voluntária* do brasileiro é, justamente, a legitimação internalizada do racismo culturalista. As explicações do paradigma culturalista ratificam, nacionalmente e internacionalmente, certas nações como superiores e outras como inferiores. Este momento foi preconizado por Talcott Parsons em 1930, no que ele chamaria de teoria da modernização, enquanto, no Brasil, se desenhava sua contraparte “vira-lata” (SOUZA, 2017). Dessa forma desenha-se no país a imagem invertida de uma Europa desenvolvida e da superioridade inata dos norte-americanos. Parsons construiu a imagem da população dos Estados Unidos como objetivos, pragmáticos, universalistas e produtivos enquanto nossos pensadores mais influentes iriam construir o Brasil como pré-moderno, tradicional e afetivo.

A partir da ideia hierarquizante do culturalismo - com seu racismo implícito - é garantido uma sensação de superioridade e de distinção entre povos e países que estão em situação de domínio. Cria-se uma mentalidade de “senhor” aos países que mantém uma divisão internacional do trabalho que os beneficia com “merecimento”. Por outro lado, é elaborado uma mentalidade de “escravizado” daquelas populações educadas para a obediência e para a subordinação. O culturalismo serve como legitimação interna nos países desenvolvidos em

forma de uma superioridade difusa que abrange e equivale-se ao colonialismo anterior. A vantagem do racismo culturalista sobre as formas de racismo clássico é que como este não é vinculado ao fenótipo, até negros ou mestiços podem se sentir superiores a outras minorias. A praticidade do racismo ocultado, principalmente para suas classes dominantes, é muito maior que o racismo que vigorava anteriormente.

Acreditamos que essa mentalidade é um dos modelos explicativos para elaboração da suposta qualidade “inata” do brasileiro em praticar o futebol. Partimos do pressuposto que a hierarquização da nova interpretação racial cria uma separação da raça humana que distingue os indivíduos que possuem espírito e os que não possuem. Os que não possuem, portanto, serão animalizados e percebidos apenas como corpo. Percebam quando Nelson Rodrigues diz que “qualquer jogador brasileiro quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria *de fantasia, de improvisação, de invenção*. Em suma: *temos dons em excesso*”. O texto é fortemente influenciado pela escola Freyreana, por elaborar uma interpretação positiva para elogiar a sensibilidade mestiça metaforizada no futebol. O trecho que destacamos traduz, em chave positiva, a miscigenação com “dons em excesso”. Ao inverter a relação de hierarquia do racismo culturalista, Nelson Rodrigues – ou Freyre - recai nas categorias de essencialização da mestiçagem, direcionando-a de forma intrínseca ao corpo brasileiro. Neste sentido, a nossa identidade nacional reside no corpo do mestiço, valorizando o Brasil como uma nação periférica que nos singulariza, nacionalmente e internacionalmente, com um povo de exacerbação sexual, com alto teor emotivo e de calor humano, todas as características que tem relação ao corpo.

A valorização das categorias corporais não é por acaso. Freyre tenta elevar a condição corporal e emotiva do brasileiro para tornar os norte-americanos e europeus como pessoas frias e sem emoções, convertendo os brasileiros – e principalmente o imaginário social sobre negros e mestiços – em uma população com maior teor emocional, em detrimento do pensamento lógico e da frieza típica das nações desenvolvidas. A emotividade como traço de nossa cultura – implicitamente ligada ao corpo, como parte separada da dualidade corpo/mente – recai ao paradigma culturalista racial por representar o Brasil a partir desta suposta singularidade. Independentemente se as questões sobre a nacionalidade emotiva do brasileiro ser verdade ou não, a identidade nacional de um país não é definida pelo seu valor de verdade, mas por sua eficácia em produzir uma comunidade imaginária que se percebe como singular (ANDERSON, 2008). O “complexo de vira-lata” metaforiza as relações raciais brasileiras em união ao futebol através do sentimento de identidade nacional.

Podemos perceber como a identidade nacional funciona no esporte como reflexo da imagem de suas respectivas seleções. Por exemplo, o Brasil representa o futebol “moleque”, “alegre” ou resumido no termo “futebol-arte”; já os selecionados europeus são encarados como disciplinados, famosos pela eficiência de seu futebol “científico”. O “complexo de vira-lata” funciona como imagem do Brasil não apenas em seu cenário nacional, mas também reforçada em suas interpretações no exterior: “o Brasil possui grandes craques, mas são todos excessivamente imaturos, emocionalmente vulneráveis, de difícil adaptação a ambientes de competição, despreparados psicologicamente, enfim, para disputas de tal porte” disse a revista *France Football*<sup>8</sup>. Estas metáforas futebolísticas veem funcionando como discriminações raciais ao representar como negros e mestiços são vistos em sociedade.

Nelson Rodrigues ao perceber que Pelé viria a se tornar o rei do futebol diz que a maior característica do jogador é a sua “imodéstia absoluta” (RODRIGUES, 1993: 43), que age como um rei “ao se pôr em cima de tudo e de todos”. As características atribuídas nesta crônica podem nos revelar uma realidade implícita da questão racial na sociedade brasileira. O irmão de Mario Filho admira Pelé por sua imodéstia, características que muitos negros não carregavam consigo. Florestan Fernandes (1978) nos diz que uma série de imagens foram construídas pelos brancos e inseridas na subcultura da população negra, usadas para deformar a realidade ao representar negros e mestiços como obedientes e humildes, gerando identificações e disposições de comportamento altamente passivas que podem ser percebidas nessa categorização sobre jogadores negros.

Quem poderia imaginar que um negro, jogador de futebol, poderia ter uma qualidade de “insubordinado” e “que jogava com a cabeça erguida, como um rei”? Com um passado escravocrata recente, estávamos acostumados com negros como Manteiga, jogador do América do Rio de Janeiro que “mudava de roupa depressa pra não ser notado, com os olhos baixos, tratando todo mundo de senhor” (GORDON JR., 1996: 74). A presença da mestiçagem no Brasil acarretaria em um time composto da mistura racial e, conseqüentemente, representado por ideais escravocratas, como um grupo de pessoas sem confiança, medroso ou acovardado. Estas categorizações das personalidades da equipe brasileira são todas metáforas para a representação do caráter de jogadores negros. Suponhamos que quando Nelson Rodrigues chama Pelé de “insubordinado” ou “rei” temos, talvez, pela primeira vez, um jogador negro a ter características que são reconhecidas como componentes intrínsecos às personalidades de

---

<sup>8</sup> Antonio Carlos Napoleão e Roberto Assaf, *Seleção Brasileira – 1914-2006*, 2. Ed., Rio de Janeiro, Mauad, 2006, p55; Guterman, 2014, p. 121.

peessoas brancas, com a exceção do atleta Didi<sup>9</sup>, conhecido como o príncipe etíope e reconhecido como um jogador cerebral e muito inteligente da seleção de 58, conseguindo em 1960 o que muitos ex-futebolistas negros não conseguem nos dias atuais: tornarem-se treinadores de futebol.

Reconhecemos que o caráter ao qual Pelé assume, em adotar certas características comportamentais, nos indica a possibilidade deste futebolista servir como exemplo comunitário às relações raciais brasileiras. Em certa medida, o enaltecimento de determinadas personalidades negras no futebol pode influenciar as concepções da população brasileira de maneira geral a tomarem parte do mesmo caminho para enxergar a realidade racial do Brasil. Entretanto, acreditamos que os fatos interpretativos sobre este jogador podem ser frutos de um processo social mais amplo, conforme o reflexo do afastamento da negritude, como quem quer se livrar e se redimir de algo ou da maneira que a possibilidade de embranquecimento pessoal, a partir da ascensão social, seja possível de ser alcançada. As possibilidades de interpretação no que diz respeito a Pelé e suas posturas como homem negro, jogador e rei do futebol são inúmeras, sendo necessário um estudo minucioso sobre sua atuação no campo social e esportivo. Conceituaremos com maior detalhe as representações referentes às nossas análises e conclusões sobre o arquétipo negro que Pelé ajudou a construir no capítulo V.



Figura 2 - Didi quando treinava a equipe do River Plate da Argentina

Fonte: Revista “El Gráfico” (1971)<sup>10</sup>.

No momento é importante ressaltarmos que as reações contra jogadores negros ainda suscitavam diversas formas de tratamentos discriminatórios. Nos preparativos para a Copa do Mundo de 1958, a desconfiança com a negritude brasileira estava tão grande que o Brasil passaria pela primeira vez por uma série de exames médicos. Um dos exames mais controversos da história do futebol brasileiro. Foi realizado um teste psicológico, aplicado por um integrante da comissão técnica, João Carvalhaes, psicólogo que se especializou em seleção psicotécnica. Essa medida foi tomada, entre outros fatores, pela

<sup>9</sup> “Didi contrariou lógica para ser o jogador mais importante da seleção no título mundial de 1958” disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/copa-2014/didi-contrariou-logica-para-ser-jogador-mais-importante-da-selecao-no-titulo-mundial-de-1958-2664875.html>. Acesso em: 27 jun. 2019.

<sup>10</sup> Disponível em: [www.elgrafico.com.ar](http://www.elgrafico.com.ar). Acesso em 06 ago. 2019.

imagem que o Brasil tinha de ser um time “acovardado”. Assimilados como um time sem capacidade para o controle emocional, estes exames foram realizados para medir o “nível de concentração necessária” para disputar a Copa do Mundo. Uma equipe com negros e mestiços era comumente associada a um time sem a concentração necessária para disputar um torneio cuja pressão era enorme. Os resultados foram ainda mais problemáticos. Carvalhaes concluiu que a maioria dos atletas não estavam aptos para jogar a Copa, pois:

“Pelé com apenas 17 anos era “obviamente infantil”. “Falta-lhe o espírito necessário de luta. É jovem demais para sentir as agressões e reagir de forma adequada. Além disso, não tem o senso de responsabilidade necessário ao espírito de equipe. Não acho aconselhável o seu aproveitamento. Garrincha, por sua vez, teve sua inteligência avaliada como “abaixo da média”. Segundo Carvalhaes, o endiabrado jogador não tinha agressividade – e isso, numa seleção cuja preocupação era enfrentar adversários do presente e fantasmas do passado, não era desprezível. Para sorte da equipe, as sugestões de Carvalhaes foram ignoradas” (GUTERMAN, 2014: 123).

*“Obviamente infantil”, “falta-lhe o espírito necessário de luta”, “sem senso de responsabilidade”, “inteligência abaixo da média” e “o jogador não tinha agressividade”.* Percebiam como esta análise funciona numa espécie de eufemismo racial para representar os jogadores negros como descompromissados, irresponsáveis, ignorantes ou ignóbeis, categorizando de forma negativa os jogadores negros que atuavam na equipe. Notoriamente, a seleção ainda passava por desconfiança pelo fracasso de 1950 – com a imagem de três negros criminalizados, Barbosa, Bigode e Juvenal – e, principalmente, pelo fato do selecionado de 58 ser composto por vários jogadores negros, como Pelé, Garrincha, Djalma Santos, Nilton Santos, Didi, entre outros. Coincidência ou não, o Brasil estreou na Copa apenas com um jogador negro como titular, o bem-conceituado Didi. Como jogadores negros eram reconhecidos pela suposta falta de “fibra”, a seleção foi embranquecida no início da competição.

Como já vimos, as categorizações podem ser tanto biológicas como sociais, diferenciando-se por grupos através da expressão em via de naturalização sobre a diferença ou em atribuições de característica culturais. Chamamos a atenção do impacto exercido pela expressão de eufemismos, estereótipos e preconceitos raciais que procuram acentuar a percepção de supostas diferenças entre os distintos grupos socio-raciais. As categorias negativas atribuídas aos jogadores negros – instabilidade emocional, covardia ou irracionalidade – servem, até a atualidade, de maneira racista, para manipular o enaltecimento ou depreciação de atletas negros no Brasil. A problemática deste tipo de classificação racial concentra-se na mitologia do racismo que aprisiona o atleta negro apenas na categoria de corpo, criando estereótipos que certas posições não podem ser ocupadas por negros ou mestiços. Podemos perceber um agrupamento racial implícito que pode ser interpretada como um guia

para hierarquização étnica. Trabalhada em um sentido essencializador da raça negra, este tipo de classificação pode ser definido como um processo de (des)qualificação social ao estabelecer certas prerrogativas que vão ser aplicados aos futebolistas negros de maneira geral.

É possível concluirmos que Freyre consolida sua visão da mestiçagem e do futebol brasileiro ao contribuir para a consolidação destes fatores como identidade nacional, das quais sentimos seus efeitos até os dias atuais. Este paradigma culturalista proposto pelo autor popularizou-se, de maneira ampla, com a publicação de “O Negro no Futebol Brasileiro” de Mário Filho, de modo que esta obra atribui a mistura racial, aos termos freyreanos por popularizar a ideia de nossa singularidade mestiça na prática esportiva, manifestada através de nossa suposta essência mestiça, demarcando a busca pelo redescobrimento do Brasil iniciado no início dos anos 30. Nos parece razoável afirmar que a criação deste sentimento de brasilidade não se deu apenas pela presença dos atletas negros no futebol, através de suas singularidades, personalidades ou qualidades esportivas, mas, principalmente, devido ao pensamento intelectual interpretativo dos significados que o futebol ocupa no país e no mundo, por seus paradigmas referentes aos discursos sobre relações raciais.

No próximo capítulo veremos como estes discursos racialistas foram resultado do momento político em que o Brasil se encontrava. O estabelecimento do futebol como esporte principal do país - e símbolo de nossa identidade nacional - é vinculado aos discursos científicos sobre raça pois acreditava-se que os esportes poderiam ter papel “disciplinar” sobre a população brasileira para o novo modo de vida que a modernidade prescindia. Ansiava-se em transformar corpos ociosos em corpos produtivos. Desta forma, os esportistas serviriam como exemplos da instrumentalização corporal para uma nova forma de vida que se propagava no início do século XX. O processo da desportivização trouxe para o país a ideia do esforço e trabalho produtivo como um dos pilares da formação societária.

#### 4 DESPORTIVIZAÇÃO E A ERA DA PRODUTIVIDADE BRASILEIRA

O objetivo deste capítulo é continuarmos refletindo como foi construída, consolidada e propagada as ideias e discussões sobre raça através do futebol e como estas concepções estão relacionadas a este esporte na contemporaneidade. De antemão, temos o entendimento que estes discursos perpassam categorias morais - desde o trabalho, sucesso, profissionalismo e disciplina - como características contextuais da vida na sociedade brasileira de forma geral. Estes discursos estão intimamente associados à história deste esporte ao longo do século XX e, principalmente, nas relações ao qual forjaram-se através dos domínios sobre raça, nação e futebol durante o período de construção identitária do Brasil.

Segundo Silva (2008), as tecnologias recém-chegadas imprimiram um novo tipo de sociabilidade através da noção de modernidade, ao qual guiava os corpos dos indivíduos para uma reciprocidade com que as vidas nas cidades urbanizadas prescindiam. Os discursos eugenistas sobre “disciplina” e “higienização” atingiram grande parte societária, que se diferenciavam através de estilos de vida que buscavam um corpo atlético e saudável por meio da via esportiva. Tais distinções foram consequência das teorias racistas do início do século XX, que pregavam a prática do esporte como maneira de disciplinar a população enquanto evitava-se as supostas doenças que a mestiçagem condenava a nação (SCHWARCZ, 2013). Acreditamos que este momento político foi fundamental para o desenvolvimento do que se conhece por processo civilizador brasileiro. A disciplina foi elemento requerido como fluxo da produção do capitalismo como sistema econômico dominante. Durante o processo de industrialização no Brasil, construiu-se o pensamento do corpo e do indivíduo produtivo, pois “todos nós temos que ser disciplinados, se não, morreremos de fome” (SOUZA, 2018: 28). É interessante percebermos como o futebol ajudou a produzir este discurso sobre a disciplinaridade e, conseqüentemente, sobre o mérito. Existem aspectos e contextos sociais, políticos e econômicos na sociedade brasileira que ajudaram a erguer este discurso, aos quais as representações sobre a população negra estão intimamente relacionadas para justificar sua própria posição na base da hierarquia social. A legitimação do futebol como esporte e identidade nacional é vinculado aos discursos higienistas pelo fato de acreditarem que os esportes em geral, e o futebol em particular, poderiam “disciplinar” a população para um novo tipo de vida produzido pela modernidade, transformando corpos “ociosos” em corpos produtivos.

Elias (1994) afirmou que o processo de urbanização proporcionado pela industrialização criou a necessidade de disciplinar os indivíduos para os contextos de nova ordem de funcionamento societário. Neste sentido, desportivização para o autor, é a passagem dos esportes e outras atividades físicas como passatempos para atividades regulares para os seus expectadores e praticantes. Os esportes passam a fazer parte do contexto societário como eventos organizadores e ordenadores da vida social. Assim, os esportes serviam como um tipo de modelo para uma nova forma de sociedade que se propagava no início do século XX, portanto, instrumentalizados como parte de um processo de higienização mais amplo através dos indivíduos que viviam ou desejavam viver nas áreas urbanas em processo de crescimento industrial.

A transmutação de costumes de um universo cultural para outro ocorre apenas pelo movimento da urbanização das cidades que progressivamente absorvia as discussões do desenvolvimento econômico. Através deste processo, impulsionou-se e regulou-se a modernização da sociedade brasileira. Entretanto, esta realidade estava acompanhada das teorias eugenistas, muito marcantes do século XIX e XX, disseminadas pelas escolas de direito e medicina. Os esportes, como vimos no capítulo III, eram tratados em forma de distinção social, separando a nobreza da população encarada como “ralé”. A prática esportiva passou a representar uma maneira de se diferenciar em uma sociedade marcada pela desigualdade econômica e racial. Quando nos referimos ao termo “desportivização”, queremos afirmar este momento como um marco do processo de higienização que ressaltavam certas características, por um lado, e discriminavam outras, por outro. A prática esportiva significava a instrumentalização e adequação que as atividades corporais deveriam exercer à nova modernidade, que partiam de explicações morais para denominar certas doenças consideradas insalubres, como a “vababundagem”, o “alcoholismo” ou a “histeria”. A população não-branca que não se adequasse era reprimida. Este problema consiste na manutenção das relações tradicionais fundadas pelo paternalismo através da centralização e monopólio da violência pelo Estado. Os modelos raciais construídos nos últimos anos do século XIX e nos primeiros do século XX estavam ainda extremamente presentes na sociedade industrial, mesmo que vários pensadores da época localizassem o cerne do problema nas questões de classe, excluindo a experiência de vida negra das discussões acadêmicas.

Entretanto, estas naturalizações e certas distinções, obviamente, são resultado de disparidades raciais, vistas como entraves para a nação tornar-se verdadeiramente civilizada. Uma nação mestiça era encarada como sinônimo de um país em situação degenerativa

(GUIMARÃES, 2000). Este tipo de discurso produziu o desejo de combater os “males” que impediam o Brasil e aos brasileiros de atingirem o patamar “civilizado”, mais conhecido como o patamar europeu. Os esportes, dessa forma, demandavam “aprimorar” o indivíduo e o livrar das pragas que a mestiçagem transpassava para o estrato societário em geral que “infestavam” a sociedade com a ancilostomose, chamada na época de a “doença da preguiça”. A desportivização foi encarada como elemento fundamental para combater este malefício que impedia a produtividade da nação em fabricar um tipo ideal de cidadão brasileiro, o ideal do corpo produtivo.

A teoria do branqueamento uniu-se aos argumentos que este processo fez parte dos projetos nacionais, almejando construir uma nação que prevalecesse o “abrasileiramento”, resultado da mescla de elementos nacionais e estrangeiros (SEYFERTH, 1996). Houve uma política de imigração de europeus para o Brasil se tornar, literalmente, mais branco. A construção de um “tipo nacional” ideal só seria possível se os europeus pudessem “civilizar” os brasileiros. A política do branqueamento tinha como objetivo livrar a nação dos problemas que o Brasil estava fadado devido a sua composição racial. Os esportes, dessa maneira, foram encarados como categoria que desempenharia um papel solutivo para curar as doenças da composição racial que o país, supostamente, trazia consigo. Desta forma, segundo Pereira (2000), o futebol não apenas incorporou os preconceitos raciais da época, como concretizou de sentidos o “tipo nacional” através do sentimento de nacionalidade.

O sentimento nacionalista que este esporte trazia consigo, canalizado através dos diversos jogos disputados ao longo dos anos, contradizia as mazelas da desigualdade social, econômica e racial que o Brasil vivenciava. Enquanto propagava-se a imagem de um país unido, as desigualdades podiam ser vistas no próprio selecionado de atletas que eram convocados para representar o país em jogos no exterior, através do baixo contingente de atletas negros e de classes subalternas. A modalidade futebolística, ligada aos projetos de nação, nacionalidade e branquitude europeia, proporcionava a representação do tipo de nação que queria-se construir através da imagem esportiva. É neste contexto que o futebol se estabelece como símbolo de nacionalidade, extremamente carregado de significação política de exclusão racial e social.

A ideia de “povo brasileiro” consolidava-se de forma progressiva através de sua disseminação através deste esporte. A Copa do Mundo de 1930, vencida pelos donos da casa uruguaios, trouxe a sensação para a nação brasileira de que o momento para se tornar um país de “elite” – leia-se branco – estava chegando. Entretanto, após o bom desempenho da seleção

na Copa do Mundo realizada na França em 1938 - a seleção terminou em terceiro lugar com Leônidas da Silva mostrando sua importância na equipe, ao ser o artilheiro da competição com sete gols -, o futebol, como mencionado anteriormente, começava a expressar as vantagens da nossa suposta democracia racial. Gilberto Freyre foi o maior ideólogo da teoria, e sobre a ocasião afirmou: “Nosso futebol mulato, com seus floreios artísticos cuja eficiência – menos na defesa que no ataque – ficou evidente nos encontros com os europeus” (FREYRE, 1957: 433).

Como vimos no capítulo anterior, Freyre encara o processo de miscigenação como um modo de harmonização da composição sociocultural e racial no Brasil. Esta visão foi fortemente popularizada, cujo efeitos podem ser sentidos até os dias atuais. Seguindo esta forte influência, grande parte da obra de Mario Filho concentra-se nos aspectos mitológicos que o processo da miscigenação trouxe para o futebol através das características que o tipo nacional brasileiro trazia consigo através de suas supostas vantagens, incorporadas na figura do mestiço brasileiro. A miscigenação era essencial para o nosso estilo único de praticar este esporte. Várias críticas a esta visão foram traçadas – e muito bem elaboradas, diga-se de passagem<sup>11</sup> – por conta de suas argumentações fantasiosas presentes no trabalho de Filho (2003). Afinal, a obra foi escrita durante o período da ideologia da democracia racial, logo, sua base argumentativa estaria concentrada através destes ideais. Entretanto, acreditamos que seu caráter historicista é também imprescindível para os estudiosos da temática. De toda forma, o que queremos chamar a atenção é como o futebol se alinhou aos discursos raciais disseminados em determinados períodos históricos durante todo o século XX. Acreditamos que as obras de Freyre e Mario Filho representam a transição das teorias raciais científicas para culturalistas, metaforizadas no futebol.

A ideia central da passagem das teorias raciais científicas para as culturalistas, reside na construção de um falso rompimento com o “racismo científico”, que explicava o comportamento societário diferencial pela cor da pele. O “culturalismo” brasileiro, seria, portanto, uma falsa superação do racismo (SOUZA, 2018), já que esta nova interpretação serve aos mesmos propósitos do racismo científico, agindo agora sob a forma cultural em um “equivalente funcional” à teoria anterior. Até os dias atuais, separamos as pessoas em tipos distintos de seres humanos, as classes superiores e as classes inferiores. Esta segunda classe é

---

<sup>11</sup>As críticas às obras de Mario Filho são muito presentes nas bibliografias sobre futebol, raça e nacionalidade, entretanto, algumas ocupam lugar de destaque. Indicamos a crítica de Antônio Jorge Soares, presente no livro *Invenção do País do Futebol – mídia, raça e idolatria* para maiores detalhes sobre o teor místico presente em *O negro no futebol brasileiro* (2003) e a influência freyreana contida nesta obra.

delineada pela predisposição ao trabalho manual e corporal. Sem qualquer mediação consciente, separamos, por exemplo, as mulheres como afeto e os homens como a razão. A diferença entre brancos e negros segue o mesmo princípio: a razão da branquitude diviniza o homem branco enquanto o corpo negro é animalizado enquanto estrato racial e social.

Gilberto Freyre, ao perceber as diferentes representações que cada raça traz consigo, conseguiu criar um sentimento de identidade nacional brasileiro que permitisse algum orgulho nacional como fonte de solidariedade interna ao inverter as categorias negativas taxadas à população negra para o seu extremo positivo. Todas as qualidades tidas como “inferiores”, associadas ao corpo e não ao espírito, singularizavam o brasileiro para si próprio e para o estrangeiro. A sexualidade, a emotividade, o calor humano, passaram a ser características de uma identidade nacional, compartilhada de forma generalizada na nação brasileira. Neste quesito, salientamos novamente que independente destas questões serem verdadeiras ou não – a identidade nacional não é definida pelo seu valor de verdade, mas sim por sua eficácia simbólica em produzir uma comunidade imaginária compartilhada e encarada como singular -, foi o autor pernambucano que sistematizou e definiu a versão dominante da identidade nacional de um país que até então não havia elaborado nada parecido anteriormente.

Estes princípios morais que dividem a sociedade brasileira não são exclusividade do nosso país. Todas as sociedades modernas – centrais ou periféricas – operam por um mesmo princípio moral que estratificam o grupo social, classificando ou desclassificando os indivíduos através de sua raça ou classe social. Neste sentido, perceber a exclusão social e o racismo, de forma sistemática através do futebol, pode mostrar-se de forma bastante reveladora para relações de poder e desigualdade. O discurso sobre emotividade e a suposta relação intrínseca que a população negra tem com o próprio corpo, em detrimento à razão, sustenta os argumentos de que os atletas negros, por exemplo, não possuíam o mesmo estado de equilíbrio emocional dos europeus para suportar a pressão que o futebol exercia sob os atletas, pois os mestiços, hipoteticamente, apresentavam instabilidade emotiva em momentos que eram prescindidos de concentração e frieza. O discurso da inferioridade racial ressurge, segundo Filho (2003), como tentativa de afastar a vergonha de ter perdido um campeonato mundial disputado “em casa”. Após o título mundial de 1958 – da Copa do Mundo realizada na Suécia -, o que era negativo, passou a ser valorizado. A instabilidade emocional e a falta de frieza, admite espaço para os discursos que enalteciam a emoção, a arte, o suposto gingado do corpo e a “irracionalidade criativa” (FREYRE, 2003).

Após este fato – durante o governo varguista - consolidou-se como esporte nacional e os sentimentos de brasilidade e identidade nacional foram estabelecidos. Getúlio empreendeu diversos esforços para estatizar o controle do futebol no Brasil, acelerando o seu processo de profissionalização, com o intuito de atrair o apoio e a simpatia dos atletas e de classes populares para seu governo. O futebol era visto como depósito simbólico das aspirações nacionais e das esperanças brasileiras por reconhecimento. Por esses motivos Getúlio tratou de controlá-lo. Identidade nacional, brasilidade, uma genuína “raça brasileira”, todos estes pressupostos foram incorporados ao projeto de nação e a democracia racial atinge seu ápice de popularidade como marco constituinte da nossa suposta igualdade racial e do país como paraíso das raças.

Procurava-se enaltecer elementos nacionais que representassem a nação brasileira para promover uma cultura genuinamente local. A intenção era instituir uma coesão de vários aspectos sociais em nome do projeto nacionalista, assim como aconteceu com o samba. Alguns pesquisadores afirmam que foi durante o Estado Novo que o futebol tenha se massificado na sociedade brasileira, devido ao caráter populista do governo Vargas (GUTERMAN, 2014). Tal crença surge com a ideia que Mario Filho (2003) traz ao afirmar que nesta ocasião foi permitida a entrada de negros e mestiços no futebol, devido a profissionalização do esporte. Apesar de certas contradições, – já que vários autores defendem que a participação do negro no futebol se deu desde muito antes - é inegável o que este período trouxe a partir da centralização da vida política, social e cultural através do poder estatal. A criação de mitos e heróis, através da imprensa jornalística, e posteriormente através da rádio transmissão, ajudou na formação do caráter nacionalista que é atribuído progressivamente ao futebol, consolidando este esporte como manifestação de massa.

É intrigante percebermos como em determinados momentos – como em 1950, por exemplo – a identidade brasileira, tão vivamente construída durante as décadas de 30 e 40, da noção singular brasileira através da diversidade racial, foi repentinamente encarada como fardo. A partir de 1958 – com o primeiro título mundial da seleção brasileira – o que era negativo passou a ser visto como positivo. A derrota futebolística significava um projeto de país que não poderia ser consolidado. O futebol como símbolo e a miscigenação como representação da nação, oscilavam entre o negativo e o positivo, que se move como um pêndulo, de um extremo ao outro, a partir das vitórias ou derrotas da seleção brasileira. Podemos perceber como os insultos racistas são fortemente presentes – inclusive até os dias atuais – para justificar as derrotas no futebol. A seleção de 50, por exemplo, foi acusada de não ter raça. Por esta seleção ter vários jogadores negros, interpretamos tal questionamento como a ausência da raça branca

como modelo em detrimento da raça negra: “era o que dava, botar mais pretos e mulatos do que brancos no escrete brasileiro” (FILHO, 2003: 290).

Estamos buscando descrever como os discursos raciais do final do século XIX e início das décadas do século XX foi transpassado através do futebol para a sociedade brasileira em geral. Gostaríamos de ressaltar que tal relação – os discursos raciais através do futebol – são extremamente preenchidos de valor simbólico porque foi através dessa relação que o imaginário social brasileiro produziu representações socio raciais de significação política, intimamente relacionados com estes discursos. O fenômeno futebolístico, ao poder ser lido como extensão dos discursos políticos de modernização dos centros urbanos, relaciona-se com o crescimento das cidades e seus espaços físicos que precisavam dar sentido a relação corporal que os novos modos de vida surgidos pelas propostas de modernidade exigiam. A esperança que o futebol carregava consigo foi instrumentalizada para “curar” a população negra e mestiça à medida que a população iria se embranquecer com a chegada dos europeus. Assim, os esportes foram enaltecidos para não contaminarem os europeus que salvariam o país da mestiçagem. A sociedade brasileira passava por um processo de assepsia e disciplinamento, perseguiram-se manifestações culturais, religiosas e práticas pertencentes à população de estratos populares, de maioria negra, as reprimindo diariamente<sup>12</sup>.

O processo da desportivização trouxe para o país a ideia do esforço e trabalho produtivo como um dos pilares da formação societária. O título mundial de 1958 foi justificado, para além do gingado brasileiro, como resultado desta tendência rigorosa de preparação física. Segundo Mario Filho (2003), foi a “instabilidade emocional” que impediu os outros selecionados brasileiros de terem sido campeões. Como já mencionado, tais categorizações são maneiras de desqualificar a população negra de forma implícita e, conseqüentemente, associar o significado desta instabilidade ao fato do brasileiro ser mestiço. A falta de raça – ou o complexo de viralata – seria então a representação de um time com poucos atletas brancos, considerados como um time sem confiança, medroso ou acovardado. Estas metáforas são designadas para representar a população negra de maneira geral como emocionalmente vulneráveis, de difícil adaptação ao ambiente da competição esportiva, os categorizando como “amarelões”.

A vitória da Copa do Mundo em 58 foi mais que um título. Segundo Heizer (1997), houve uma preparação extraordinária, que consistia em um programa rigoroso de preparação

---

<sup>12</sup> Para maiores informações sobre perseguições e criminalizações de religiões de matriz africana presentes neste período, indicamos a leitura da obra *O medo do feitiço*, de Yvonne Maggie (1992).

física, técnica e psicológica. A necessidade de “pôr um fim ao complexo atávico” e às instabilidades emocionais dos atletas marcou a preparação para a competição mundial na Suécia. Os diagnósticos pseudocientíficos de “inteligência abaixo da média” ou “ausência de espírito de luta” naturalmente visavam os jogadores negros. Para além destas manifestações racistas, é importante percebermos como houve uma preparação inédita da seleção. A comissão organizadora partia da premissa que o sucesso ainda não havia chegado por falta de organização e concentração emocional, incorporando métodos “científicos”, treinamento e muita disciplinaridade à equipe. Havia um conjunto de ideias que tinham como base que não bastava apenas jogar, mas era essencial ter um equilíbrio entre a prática esportiva e disciplina.

Desta forma, a conquista de 58 representou a ultrapassagem do complexo atávico que a miscigenação provocava, superando o “complexo de vira-latas” através do profissionalismo e seriedade. Este título tem um marco importante não apenas no cenário esportivo, mas, principalmente, na concepção que se consolidava sobre raça e nação no Brasil. O fim do Estado Novo e a intensificação do processo de industrialização deu força aos setores societários que acreditavam que o Brasil era agora o país do desenvolvimento. Não por acaso, o slogan do governo de Juscelino Kubitschek implementava este tipo de visão da produtividade brasileira: 50 anos em 5. As teorias desenvolvimentistas dominaram o país, consolidando os discursos sobre profissionalização e da concepção sobre disciplina.

Este *ethos* do novo modo de vida na sociedade brasileira recomendava uma ordenação da vida cotidiana, pautada pela busca do profissionalismo e disciplinarização da vida social. Houve uma incorporação generalizada dos indivíduos por este discurso, que pregava através de um estilo de vida ameno, disciplinado e moderno, poderia ser possível atingirmos o sucesso. Todas as esferas da sociedade foram tomadas por este discurso. De forma paralela a estas suposições, alguns sociólogos como Florestan Fernandes e Luiz de Aguiar Costa Pinto, analisaram a discriminação racial existente no país como algo temporário. Para ambos, à medida que a população negra fosse se inserindo no processo de industrialização da sociedade brasileira, este estrato seria plenamente incorporado ao sistema competitivo de classes (SILVA, 2018). Para estes intelectuais, como já pontuado anteriormente, o problema dos negros na sociedade estava ligado às novas tendências de mercado que o ritmo da industrialização impunha. A noção de classe era preterida para explicar como a sociedade se organizava.

Enquanto ainda havia a presença de certas manifestações que remontavam a visão da teoria da miscigenação – a crença que a população negra poderia se inserir na sociedade de

classes na medida que o tempo passasse – os anos 50 produziram um aprofundamento destas questões, pois a intensificação do período industrial gerou exposições que evidenciavam notoriamente as diferenças e desigualdades entre negros e brancos. Assim, foi preciso pensar em saídas possíveis para inserir o “tipo nacional” – o mestiço e o negro - na sociedade. Nestes discursos, ainda era predominante a ideia em que o contexto brasileiro necessitava moldar o negro e expurgar ou reprimir suas qualidades inatas para que este se tornasse “aceitável”, ou seja, era preciso eliminar as doenças que essa população tinha consigo. O pêndulo, que vimos no futebol, oscilava entre o enaltecimento e repúdio às qualidades negras. Esta realidade pode traduzir como a mestiçagem é tratada, concebida ora como um mal que deve ser eliminado, ora como solução para a questão racial brasileira. Havia um discurso ambíguo que baseava-se na concepção de “purgar as conservas culturais” para Guerreiro Ramos, “superar a vaidade” ou superar “o complexo em ser brasileiro” para Mario Filho e superar “as estruturas coloniais” para Florestan Fernandes (SILVA, 2018), sugerindo que a população precisava reformar a si em função dos aspectos trazidos pelo processo da mestiçagem.

É neste cenário que a vitória da Copa do Mundo surge como superação deste complexo. Através da racionalidade e disciplina imposta ao selecionado brasileiro, poderíamos vencer o atavismo. A teoria do embranquecimento, posta em prática pela política migratória europeia, as explicações higienistas e a desportivização da sociedade tentavam resolver este problema no Brasil. A crença de que a situação de desvantagem, em que a população negra se encontrava, concentrava-se no caráter social e não racial, trazendo consigo um novo valor que reforçava os ideais meritocráticos que as pessoas são responsáveis por suas próprias trajetórias. Se houvesse esforço e dedicação, seria possível superar as adversidades da vida e de um cotidiano difícil, como se acredita até os dias de hoje. Tais questões estão intimamente relacionadas às dominações simbólicas que a população negra está submetida em relação aos brancos, através do processo de desqualificação da sociedade competitiva. Veremos como a individualização da sociedade faz surgir a ideia do mérito no Brasil e como este preceito serve como justificativa para domesticar, controlar e explorar o corpo e os estilos de vida da população negra através de práticas disciplinadoras.

#### **4.1 Disciplina, futebol e o enaltecimento da humildade negra**

No século XX considerava-se que o estado de subdesenvolvimento da nação brasileira era decorrente da condição de atavismo social que o país se encontrava devido às teorias da pseudociência sobre determinações raciais com base biológica e cultural. A desigualdade social,

a marginalização da população negra e a dificuldade do Brasil de consolidar-se como um país desenvolvido derivam-se destas crenças para produzir, manipular, individualizar, adestrar e aperfeiçoar o corpo negro para torná-lo utilitário. Relacionamos tal pensamento com a história social do futebol brasileiro pois entendemos que este processo foi resultado, entre outros fatores, do poder simbólico e disciplinar que os esportes em geral carregam e, principalmente, porque o prestígio que a instituição futebolística tem é resultado da incorporação estrutural de discursos sobre disciplina, profissionalismo e ética disseminados na sociedade. A modernidade desportiva da sociedade brasileira caracteriza-se pela fragmentação e deslocamento do sujeito nas estruturas tradicionais. Por ser um processo que muda os sentidos societários de percepções, de ações, pensamentos e sentimentos, provocou-se alterações em todas as dimensões da vida social. As mudanças trazidas pela modernidade tornam imprescindível o surgimento da Sociologia, por exemplo.

Essas mudanças nas instituições e práticas esportivas, devido aos preceitos da modernidade, trouxeram consigo os valores de racionalidade, individualismo e desencantamento do mundo<sup>13</sup>. Este momento político e social é encarado como fase oposta ao passado, o que explicaria o sucesso futebolístico “tardio” da seleção brasileira, em detrimento da primeira metade do século XX. O sucesso esportivo veio acompanhado com este sentimento moderno, pois os títulos mundiais da seleção brasileira foram conquistados de forma simétrica ao discurso sobre ciência e progresso, todos após a metade deste século. O futebol brasileiro e a modernidade, de forma geral, tornaram-se o marco divisor entre o passado brasileiro que não tinha domínio sobre a natureza e aos próprios cidadãos, em direção a modernidade que possibilitava noções de desenvolvimento, metaforizado no sucesso futebolístico. Neste sentido, a modernidade torna-se anti-tradicional, efetuando polaridades entre o social e natural, tradicional e moderno, emotivo e racional, improvisado e científico, espírito e corpo. A marca de uma sociedade moderna – para além dos embates de polaridades citados – torna-se a individualização dos seres humanos. Esta individualização separa os seres humanos da natureza e implica a ruptura com a tradição. E, além disso, assinala o forte interesse pelo corpo humano.

No regime da modernidade, a prioridade é a busca do afinamento e a adaptação dos instrumentos que regulassem os gestos, atividades, comportamentos e identidades dos indivíduos em sociedade (FOUCAULT, 1987). O corpo nos serve como reflexo internalizado

---

<sup>13</sup> A expressão desencantamento do mundo é utilizada por Max Weber (1982) para explicar o processo de desmagificação da realidade social. Através do desencantamento religioso, o mundo deixaria de ser concebido como permeado por forças ocultas para ser controlado unicamente pela ciência e tecnologia.

dos processos de vigilância, aprendizados e adestramentos aos indivíduos através da aquisição prática e moral. Esta manipulação e interiorização institucional nos corpos individuais ocorre por meio de estruturas sociais institucionalizadas como as escolas, as fábricas, os hospitais, a instituição militar, os clubes de futebol, entre outras centenas de exemplos, manipulando e controlando os indivíduos através de sua capacidade de ensinamentos e vigilância. A principal forma de manipulação seria através da prática do disciplinamento. Nesta perspectiva, segundo Bracht (1997), a introdução disciplinar da Educação Física na instituição escolar também pode ser analisada como um elemento do processo de fortalecimento da disciplinaridade corporal para produzir um corpo específico exigido por uma época em particular. O esporte moderno deve então ser interpretado como uma instituição disciplinadora dos corpos. O futebol carrega todos estes preceitos consigo como prática que se internaliza nos seres humanos e os torna instituições vivas, que os indivíduos reproduzem, através de uma prática moral e corporal, os preceitos dos controles que seus corpos foram submetidos.

Interpretamos as modernas técnicas de treinamento esportivo como um conjunto de práticas reguladores, de controle e manipulação corporal para o rendimento de alta produção nos esportes, como forma de controle prático e simbólico na vida destes indivíduos. Tais instituições disciplinadoras incorporadas nos sujeitos realizam o efeito que cada indivíduo seja agente criador e veículo de transmissão destes preceitos disciplinadores. Os corpos, gestos e os discursos que os próprios corpos produzem podem ser identificados como reflexo temporal de uma prática disciplinar. A ideia desta prática disciplinadora pode ser aplicada ao estudo do futebol pelos discursos produzidos através dos condicionamentos físicos, técnicos e hierarquias que estes condicionamentos provocam neste esporte em particular e no mundo social de maneira geral. O poder disciplinar manipula o corpo dos atletas para atingirem um tipo ideal de produto corporal, mas também produzem características que também podem ser percebidas para além da leitura do corpo, como a humildade, moralidade e obediência, aspectos que podem ser externalizadas através da prática corporal, mas que também são categorias morais de um indivíduo submisso. De forma sucinta, encaramos a prática disciplinar por meio das características morais e corporais. No futebol, tem-se um controle detalhado do corpo, onde programam-se as atividades corporais, desde sua alimentação, treinos e as horas para o lazer, articulando o objeto corpóreo e a forma a ser conquistada.

Por exemplo, a seleção brasileira de 1970 é uma referência muito utilizada para ilustrar a influência da militarização no futebol. Após o bicampeonato do mundo – 1958 e 1962 –, o Brasil teve atuações não muito empolgantes na Copa de 1966, terminando na décima primeira

posição. A política brasileira passava por momentos turbulentos, estávamos em pleno regime militar e a instabilidade imperava no país. Entretanto, existem discursos que explicam o título do mundo de 70 ao fato deste selecionado ter um perfil militarizado, incorporando os valores e ética de treinos típicos à instituição militar. Isto pode ser percebido de forma óbvia no discurso do general Costa e Silva, que comandava a presidência do Brasil na época:

“O Brasil não pode perder a Copa de 1970. Temos que ganhar através da disciplina, de muito treinamento, hierarquia e patriotismo. Temos que ter humildade. O jogador não pode perder pelo personalismo. Precisamos nos disciplinarmos para o jogo coletivo em benefício da seleção, como fazem os ingleses e alemães” (COUTO, 2014: 140).

Como é típico da reprodução racial brasileira ao valer-se de instrumentos “paralelos” para evitar o emprego direto de mecanismos explicitamente raciais, a militarização da seleção brasileira representou a nova mentalidade que se desenhava no Brasil, desde os períodos de desportivização e das teorias sobre a miscigenação e embranquecimento, sem necessariamente ter que usar a categoria racial para definir este estágio. Esta modernização societária estava intrinsecamente relacionada ao militarismo e ao controle dos indivíduos. O comportamento de uma disciplina rigorosa, com horários e programas bem definidos, com um alto teor de seriedade, tomou lugar de outras características que tinham este posto, como as de improvisação, flexibilidade e menos rigor tático, em suma, o famoso futebol-arte. Assim, esta explicação substituiu as características anteriores da seleção para explicar os resultados positivos a partir do trabalho árduo e da disciplinaridade militar. Desta forma, a ideia do mérito é difundida através da metáfora esportiva. Acreditamos que o valor simbólico dessa relação entre futebol e sociedade significa uma espécie de controle social ao qual a noção de vigilância torna-se muito útil para estabelecer relações neste cenário.

O controle corporal, através do poder disciplinar, individualiza os indivíduos, mas os unifica de maneira geral, entretanto, reprime os desviantes das regras constituídas pela norma produtiva. Os hospícios, por exemplo, são instituições criadas para lidar com a população que carregam consigo o comportamento desviante. Todavia, como já sabemos, estas instituições não acrescentaram muitos benefícios a sociedade, muito pelo contrário, trouxeram diversos problemas com o seu estabelecimento. Este pode ser um bom exemplo que nos ilustra como o mundo moderno criou normas e discursos que operam sob a ótica do controle e como esta visão pode relacionar-se com o mundo esportivo. A ideia que estas instituições trazem consigo são sustentadas por discursos que enaltecem o controle do corpo, que ao operacioná-lo da maneira correta – com muito rigor, desempenho, produtividade, disciplina e cálculo prospectivo – é

possível atingir os objetivos almejados. Acreditamos que este discurso é uma das bases da desigualdade social e racial brasileira, que busca criar um tipo de perfil individual e humilde para responsabilizar seus indivíduos pelos seus próprios sucessos ou fracassos.

Assim como as classes sociais são divididas na sociedade, as raças também carregam este estigma. As classes superiores e a raça branca são metaforizadas como classes de espírito e as classes inferiores e a raça negra, marcadas pelo trabalho corporal e manual, são categorizadas como inferiores e animais. O espírito diviniza, mas o corpo animaliza. Tudo que represente a categoria de espírito é referido como moralmente superior e nobre, formando-se uma sensação de superioridade e de distinção para os que estão em posição de domínio ao justificarem sua posição através do discurso meritocrático. Nesta lógica, as populações que estão submetidas à posição de dominação deverão ser socializadas para a própria exploração, para a obediência e para a subalternidade. Toda dominação social é, basicamente, sustentada simbolicamente por ideais que prescindam do prestígio científico da modernidade. É justamente neste quesito que acreditamos que o discurso sobre disciplinaridade reproduz racismo e estratificação social, estabelecida através dos preceitos de uma modernidade pseudocientífica.

O mito meritocrático brasileiro adentra o debate científico e coloniza os diálogos que nos impedem de percebermos desigualdades estruturais profundas, tanto materiais quanto simbólicas. As sociedades modernas seguem este roteiro, classificando classes e raças que são enaltecidas e desclassificando outras classes e etnias menos favorecidas sem nem mesmo terem que citar a realidade social ou categorias raciais como exemplo, basta falar em cálculo prospectivo e trabalho sério. É nesta polaridade que é garantida a separação entre brancos e negros no Brasil e, muito provavelmente, no mundo. A naturalização do racismo e da desigualdade social é possível pela sutil ideologia da meritocracia. Esta ideologia esconde a produção que o desempenho diferencial entre indivíduos apareça de maneira “natural”, de forma inata a cada ser humano. Desta forma, cria-se a perspectiva do trabalhador útil, o tipo ideal de ser humano, que é movido pela noção de disciplinaridade, trabalho duro e racionalidade instrumental, em que o corpo internaliza o sentido de virtude. O trabalhador útil passa a ser reconhecido e desejado como fonte de autoestima individual (SOUZA, 2018). Quem for desviante dessa norma, será reprimido, como explicitamos há pouco.

Ao produzir um tipo ideal de seres humanos, as classes e raças são divididas entre as que merecem respeito e as que serão desprezadas. Estas hierarquias invisíveis e morais comandam silenciosamente o comportamento e avaliações preconceituosas que temos em

sociedade. Entre as categorias de espírito e corpo – ou entre o nobre e o animalesco –, reflete-se uma construção simbólica com base racial, que legitima a superioridade para os brancos e a inferioridade para os negros. Acreditamos que esta polaridade é articulada e efetivada pelo racismo e pela desestruturação societária que impedem a aquisição de pressupostos sociais básicos para a inserção da população negra na ordem social competitiva. Consequentemente, a população negra será animalizada para a exploração corporal em serviços desvalorizados, mas incentivada a realizá-la, pois caso se dediquem bastante, serão recompensados no futuro. Acreditamos que estes processos nas esferas da sociabilidade brasileira são poderosos sinalizadores de valores, normas e formas de preconceito que serão determinantes na construção das representações que a população negra carregará consigo.

Julgamos que o discurso moderno pseudocientífico remete ao passado por reforçar ideias a respeito da negritude como símbolo étnico a determinadas práticas vinculadas ao corpo, como aos trabalhos manuais, as danças ou aos esportes. Esta visão tem uma grande eficácia produzida por uma longa história de opressão, desde os momentos da escravidão aos dias atuais, cuja eficácia simbólica será transmitida, além dos próprios indivíduos, pela grande mídia. De maneira geral, tais perspectivas representam o enaltecimento do atleta negro humilde – discreto, comedido e obediente – e o desmerecimento do atleta negro soberbo – excêntrico, extravagante e adversativo. A problemática que o futebolista negro carrega consigo concentra-se na quebra de estereótipos que as sociedades periféricas carregam a seu respeito. O conjunto de estilizações e temáticas típicas às populações pobres - comumente marcado pela presença massiva da população negra - são exaustivamente representadas como locais humildes, comedidos, simples e moderados. Quando atletas negros quebram essas imagens, eles ameaçam a noção pré-construída das representações que estes indivíduos e espaços retratam na estética midiática hegemônica. A contradição que um futebolista autêntico de originalidade carrega consigo – como os preceitos de originalidade e soberba –, tem o seu ineditismo barrado pela própria singularidade. Sua persona ameaça uma lógica racista mais abrangente de sociedade, que implica o controle instrumental sobre a imagem destas representações e a fixação destes padrões pré-existentes sobre a população negra.

É possível observarmos que esta realidade é marcada por uma origem popular em sua posição inferiorizada na hierarquia racial e social, instrumentalizada como forma de controle simbólico na vida de indivíduos que ascenderam e que não necessariamente pertencem mais a tais espaços de gostos, estilos e características. De forma explícita, esta realidade é extremamente recorrente na vida de jogadores de futebol negros que ocupam uma posição

abastada na hierarquia capitalista. Esta noção individual que os futebolistas carregam consigo retoma a identificação simbólica de sua trajetória de sucesso através do futebol só pôde ser alcançada através dos ideais em torno das concepções sobre mérito e uma personalidade humilde. Existe um aprisionamento de futebolistas negros que atingiram o sucesso pela via esportiva a determinadas características que o fixam a locais de subalternidade.

De forma protocolar, são depositadas expectativas e normas de condutas na população negra com o intuito de torná-las homogêneas em suas diferentes trajetórias, personalidades, identidades e gostos pessoais. A imagem produzida e requerida aos determinados atletas negros permite que esta representação seja apropriada para categorizar não apenas a si, mas as unidades simbólicas e geográficas ao qual estes são provenientes. As personalidades e condutas morais destes indivíduos fazem parte de um sistema de valores que ora vão ser aprovados, ora reprovados, para servir de referência para outros indivíduos de locais semelhantes. Diante disto, a representação e o enaltecimento de determinadas personalidades negras em detrimento de outras, através dos meios massivos de comunicação, criam representações de atletas negros que servem como “âncoras identitárias” (FREYRE apud FILHO, 2003). Assim, as narrativas sobre atletas negros no futebol transmitem características que configuram o ofício futebolístico em união de um único estilo de vida: o enaltecimento da humildade negra.

O enaltecimento cria a reprodução societária, tornando indicativo o circuito orientador para o processo de criação coletiva de enaltecimento a determinadas características que as identidades negras devem conter consigo. Assim, estas narrativas exaltam características e qualidades pessoais que, caso imitadas, instrumentalizadas e reproduzidas, tornam-se parâmetro para medir as capacidades de ascensão da população negra. Este arranjo e aprisionamento a determinadas hierarquias valorativas sobre os mais diversos estilos de vida justificam-se, a partir de si mesmo, a impossibilidade de ascensão social neste estrato periférico. Gostaríamos de chamar a atenção como a hegemonia desta norma de conduta modesta para as classes subalternas circunda através da produção dos ídolos esportivos e, talvez, seja capaz de nos explicar por que o mito de ascensão social através do esporte se mantenha tão aparente para esta população. Trata-se de um sonho produzido através da imagem do jogador profissional que podem levar indivíduos sem muitos recursos a determinado fim, mas que muitos dificilmente conseguirão atingir este objetivo.

Diante do explanado neste capítulo, nos interessa construir um quadro teórico conceitual que nos valha mais que apenas a descrição fenomenológica de situações que espelham tal

embate pela representação legítima sobre a população negra. Visamos enxergar um cotidiano, através do futebol, de distinções, hierarquias e princípios racistas antes não percebidos como tais. Dessa forma, poderemos identificar como estas operações simbólicas de representação permitem a sociedade, de maneira generalizada, classificar pessoas brancas como dignas de determinadas personalidades e estilizações de vida, enquanto a população negra será menos proeminente de apreço e alvo de desprezo social por conta de condutas não toleradas. A amplificação de uma classe e raça subalterna para o cenário nacional produz representações que agem através da população menos abastada, resultando na síntese cultural em eterna tensão com os estratos sociais ricos da elite brasileira, predominantemente brancos.

Estamos investigando, através do futebol, como os valores morais construídos e internalizados nos atletas negros tem a dizer sobre raça, mesmo quando esta categoria não é explicitamente verbalizada. Como esperamos mostrar, estes atletas vão ser representados através de termos binários, opostos e polarizados – bom/mal, civilizado/primitivo, bonito/feio. Buscaremos encarar que tipos de comentários são produzidos, se são positivos ou negativos, sobre estes atletas, mas também, nos perguntar qual imagem determinadas representações procuram ressaltar para irmos além destas polarizações. Acreditamos, dessa forma, que certas políticas de autenticidade ou originalidade incorporadas por atletas negros rivalizam com a imagem midiática que é representada através destes homens negros.

No próximo capítulo iremos desenvolver como o conceito de raça é articulado com a posição de dominação através da ficcionalidade e racialização do “Outro” para significar exploração. Iremos reconstruir os discursos raciais dominantes para desconstruir os mitos e as ficções criadas sobre homens negros através de sua racialização. Objetivamos construir uma narrativa de análise política através dos arquétipos e imagens produzidos sobre homens negros no futebol. Analisaremos que tipo de estratégias são desenvolvidas para determinar o atleta negro como um ser racial homogêneo e denunciar representações subalternizantes, difundidas diariamente em midiáticos esportivos para a fixação destes homens em mitos preenchidos de estigmas racistas.

## 5 RAÇA E A FICÇÃO DO “OUTRO”

Como estamos abordando as discussões sobre raça através das representações sociais esportivas, pretendemos teorizar como encaramos esta categoria racial como ponto de partida do exercício em localizar os discursos que se atribuem desta concepção racista em construir imagens da população negra através de futebolistas negros. A partir das contribuições de Fanon (2008), Gilroy (1993) e Mbembe (2017), faremos um breve repertório do que acreditamos que o termo “Raça” carrega consigo para tratarmos da temática. Faremos uso do universo futebolístico brasileiro para dar um passo adiante no entendimento aos processos culturais que os atletas negros estão vinculados.

A complexidade que envolve futebol, raça e nacionalidade nos oferece formas para irmos além de oposições essencialistas e pseudopluralistas para focarmos na repercussão - ou na ausência de repercussão - de certos casos de racismo e recolocarmos a política como centro de análise. É necessário (re)construir explicações sobre as perspectivas culturais destinadas às imagens de homens negros para percebermos como estes, ao serem racializados, tornam as representações sociais objetos de conhecimento, poder e crítica cultural. A crença popular de que as imagens das nações, povos e culturas são resultado de um processo natural, espontâneo e livre de amarras preconceituosas é firmemente rejeitada por nós. Acreditamos que o termo raça carrega preceitos metafísicos que vão além dos ideais de nacionalidade ou cor, mas que são codificadas nos corpos negros. Buscamos tratar os casos de racismo aqui mencionados como quem quer descobrir, entender e superar traumas, para que nos valha de aprendizado e que esta relação complexa e dolorosa nos sirva de esperança para que um dia possa tornar-se frutífera.

O esforço gerado pelos grandes veículos midiáticos e pela cultura brasileira de reproduzir reconhecimento entre os polos de brasilidade e a raça negra concebem formas específicas de dupla consciência. Onde o discurso racista, nacionalista ou etnicamente absolutista organiza as configurações de relações sociais e políticas, os aspectos em que estas identidades aparecem podem ser mutuamente excludentes. Ocupar o espaço entre uma identidade e outra pode ser encarado como forma de insubordinação à organização estabelecida desde o momento colonial brasileiro. Ser homem, negro, rico e bem-sucedido carregam mútuas exclusões entre raça e posição social. A perspectiva racista de ligar raça a uma determinada classe ou cultura traz a marca do passado (GILROY, 1993), evidenciando como a noção da

política racial na contemporaneidade muitas vezes não passa de reverberações do discurso tradicionalista sobre as distinções raciais e étnicas.

Os aspectos tradicionalistas que compõem estas identidades partem das histórias de opressões, originárias quando homens e mulheres negras escravizadas foram deslocadas da África e trazidos a força para que seus corpos fossem explorados. Transformados em objetos, mercadorias e indivíduos-moeda, suas respectivas línguas e culturas foram apagadas das memórias coletivas e individuais. A partir desta experiência, a palavra “negro” foi inventada para significar exploração. O termo “Raça” tem como enquadramento uma enorme rede de significados, que constantemente aprisionam de incertezas e equívocos a população negra. Este termo tenta deslocar de si o que a população branca não quer reconhecer em seus semelhantes. Raça é um alterocídio (MBEMBE, 2017), trata-se do que se apazigua odiando, mantendo o terror ao constituir o “Outro” como não semelhante de si próprio, mas como um objeto que ameaça, que precisa ser destruído por não ser possível assegurar o seu próprio controle.

Raça não passa de uma ficção útil, uma projeção ideológica, para justificar uma ordem desigual, construída sobre a base da superioridade branca (MBEMBE, 2017). A negritude é apresentada como signo da diferença, de uma existência limitada que por muito tempo justificou o abuso do mundo branco sobre a suposta inferioridade do mundo negro. O dever inato da justiça branca foi operado como desculpa para “ajudar” ou “proteger” os selvagens negros que viviam em meio de sua barbárie primitiva. A missão humanitária e civilizadora da violência do povo branco era retratada apenas como um mero processo moral. A noção de raça permitiu que se representasse humanidades não-brancas como se estes indivíduos fossem seres menores, inferiores e incapazes de superar estas barreiras intransponíveis que separam a raça branca da negra.

Os sujeitos negros são constantemente imaginados com vínculos intrínsecos de submissão, com um corpo a ser explorado, exposto à vontade do senhor, ao qual é esmiuçado para dar o máximo de lucro aos seus respectivos donos. Neste sentido, o termo raça foi designado, através de um repertório imenso de discursos dominadores, em inventar a negritude a partir de fórmulas, imagens, textos, discursos e rituais que enalteçam a qualidade da raça negra através de sua exterioridade animal, o desqualificando moralmente para sua instrumentalização prática. Existe uma associação que foi naturalizada quando pensamos em homens negros: o binômio de sua relação corporal com animais e a razão associada com seu suposto instinto. Problematizarmos como se imagina a população negra é um diálogo pela disputa das regras que

os definem, como os reconhecemos, como se identificam os discursos discriminatórios e sobre as condições que estes são usados para governar os seus próprios corpos. Raça é a matéria-prima da diferença, é o discurso que autoriza a inferioridade das estigmatizações. O trabalho conceitual que este termo envolve é semelhante ao processo de ritual de sacrifício, instituindo os alvos que vão carregar os signos perfeitos para representarem as exterioridades de traços diferenciais. Os processos de racialização tem como objetivo marcar coletividades raciais, fixar seus limites e determinar os espaços que podem ser ocupados por uma ou outra raça.

A delimitação dos espaços de circulação racial circunscreve a razão mercantilista do indivíduo negro. Simultaneamente objeto e corpo, tem forma de mercadoria, sua substância surge do valor que sua energia física pode gerar. É, portanto, um corpo-objeto que ao chegar à fase terminal, atingida por sua exaustão, sofre desvalorização. O regime de plantação - e depois o regime colonial - instituíram a questão de raça como regra de sociabilidade a partir de seus respectivos mecanismos de imposição comportamental. A realidade da população negra é historicamente inseparável da realidade da escravatura. O corpo é, então, marcador histórico da especificidade negra, assim como suas diferentes formas e cores. É nesta centralidade corpórea que é explicada a importância do homem negro, através dos discursos de potência física e sua consequente ausência espiritual. São estas características fisiológicas e morais que permitem hierarquizar os efeitos da violência que a população negra sofre.

O termo raça é a ficção do “Outro”. Uma ficção tão forte que torna o indivíduo negro autêntico, senhor de si, com capacidade de falar e exprimir-se fora do discurso colonial preexistente, mas que limita seu próprio discurso, o empurrando para a inferioridade, para a racialização subalterna. Raça faz parte da biblioteca colonial do ser negro, em matéria de identidade. Às vezes pode ser impossível traçar um discurso de autenticidade, tornando tortuoso o caminho para sair das ritualizações que posicionam esta raça em patamares da figura imagética que reproduz tudo, menos originalidade ou alguma criação autêntica. Esta violência funciona através da destruição da identidade de indivíduos negros. Existe um panorama de internalização de ideais brancos que resulta no abismo entre o sujeito negro e sua própria identidade.

O branco é, foi e continua sendo a manifestação viva do Espírito, da Ideia, da Razão. A brancura são os únicos legítimos herdeiros do desenvolvimento da humanidade, já que eles são a própria humanidade (SOUZA, 1983). É evidente a noção destruidora da identidade negra impressa sob o ideal branco. O negro ao desejar ser branco, deseja intrinsecamente a própria

destruição, deixando de existir como indivíduo cultural. Este é reinventado através da imagem corporal. A imagem que é construída, nesta perspectiva, fundamenta-se na experiência das sensações corpóreas, que perpassam a dor e o prazer que a carne lhe faz sentir. O pensamento de um futebolista negro, por exemplo, pode ser marcado por um dualismo entre viver e pensar dentro de um corpo negro, mas movido pelo desejo branco.

A reação do sujeito negro frente às dores, da simplificação de sua imagem como apenas homem-corpo, é não tentar mais converter-se em branco. Este tenta renegar o estereótipo de comportamentos típicos de sujeitos negros suburbanos ou periféricos, copiando condutas da supremacia branca. Os homens negros de futebol que atingem o estrelato moldam seu comportamento para demonstrar um estilo de vida que demonstre sua distinção social e comprove seu novo patamar cultural. A submissão ao código da branquitude constrói a identidade negra como resultado e desejo da população branca.

Neste embate desleal, a negritude acaba perdendo a luta para definir a si própria contra a arbitrária definição do que é ser negra pela palavra da norma branca. A identidade proclamada pela população negra é deixada de lado e o discurso branco sobre o negro define o que a negritude deve pensar de si mesma. A identidade negra é, assim, pressionada, sufocada e esmagada às representações sociais, não resistindo a tensão de continuar a impossível missão de representar-se ao ideal de branquitude, desmantelando suas próprias estruturas. A representação de uma identidade temida, evitada, escondida, e odiada é acionada pela mídia e a negatividade ressurgue. A trajetória de vida de sujeitos negros é recapitulada e resume-se em etapas de violência, em ataques simbólicos e rituais de sacrifícios, resumindo suas vidas a partir desta produção arquetípica subalternizante. Os olhos de Neymar são claros, mas não são azuis.

O termo raça foi designado sob uma imagem simplificadora que representa o estranho, dissemelhante e a diferença através do estigma da negatividade. Os indivíduos negros, neste sentido, são tratados através da lógica de recinto fechado, permitindo os identificar de maneira diferencial, os fixando em patamares imutáveis, inoperantes, para dar sentido aos tratamentos distintivos ao qual estes indivíduos são sujeitados no Brasil e no mundo. Na próxima sessão, veremos como a imagem desta concepção de categoria racial negra é personificada através dos arquétipos que os representam em termos fantasiosos, como através do mito heroico. Acreditamos que a mídia desempenha papel fundamental na produção de imagens estigmatizantes sobre a população negra, constituindo o imaginário social no que diz respeito

em como a sociedade enxerga indivíduos negros no Brasil e como estas imagens são vinculadas às representações sociais.

### **5.1 A política das representações: o mito do herói**

O futebol está repleto de representações: representações de torcedores populares, jogadores tratados como heróis, torcidas inflamadas e festivas, comemorações religiosas, torcidas organizadas criminalizadas, manifestações que lotam as cidades onde seus respectivos jogos são realizados, seus mais diferentes estádios, entre outras infinitas formas de representações. Estas imagens, atitudes e representações políticas que os exemplos citados trazem, são disseminados de maneira ampla e generalizada por todo tipo de midiáticos, sejam eles impressos, televisivos, radiofônicos ou, principalmente, através da internet. A abundância de informações faz com que estas representações deformem a realidade, resultando na confusão de, muitas vezes, não sermos capazes em definir sua substância da representação social. O futebol espetacularizado como objeto de contemplação, desejo, observação e comoção, pode apresentar diversas armadilhas - através de suas diversas representações sociais - para seus telespectadores. Desta maneira, nos perguntamos como estas imagens adquirem sentidos, quais são as armadilhas e segredos que podem estar escondidos e se há semelhança com o real nestas réplicas imagéticas.

As representações sociais podem se tornar problemáticas ao estigmatizar minorias de gênero, étnicas, raciais ao convencer o telespectador ao trazer um novo – ou não tão novo – significado a partir destas imagens esportivas. Estas produções arquetípicas ganham peso massivo no Brasil a partir de sua progressiva disseminação midiática: em 1932 aconteceu a primeira transmissão de um jogo de futebol através do rádio; em 1955 a primeira transmissão ao vivo pela TV; em 1970 a primeira transmissão a cores para todo o Brasil. Esta popularização gradativa deste esporte, através destes veículos midiáticos, entre outros fatores já citados neste trabalho, transformou este esporte no que conhecemos hoje como futebol espetacularizado, tornando os fenômenos das representações sociais atos políticos, culturais e sociais, carregados intensamente de valoração política.

Estas representações abrangem em si próprias reflexos e normas de tratamento das mais diversas áreas da esfera pública, reforçando tipos ideais comportamentais que remetem diretamente um discurso efetivo, principalmente para as minorias sociais. Desta forma, a partir da exploração de certas representações coletivas, orientou-se diversas narrativas mitológicas

através do esporte, como por exemplo, o mito da democracia racial. O que estas fábulas tentam cristalizar como verdade natural, o tempo tratou de nos mostrar justamente o contrário. Estas fabricações de realidades não passam de processos históricos e culturais, sintomáticos de uma determinada sociabilidade em um momento temporal específico. Entretanto, de forma aparente, acreditamos que estes discursos, em forma de representações sociais no presente, não estão muito diferentes daqueles do passado brasileiro, no que diz respeito às relações raciais e culturais do país. As representações de pessoas negras no presente têm forte conexão com o passado.

Acreditamos que, como em outra época anterior, futebolistas negros são respectivamente subalternizados pela mídia como homens incultos, pobres, com menos capacidade intelectual e com maior vigor físico, resumindo-os como homens mercadorias. Este tipo de representação é originário da “ciência” do século XIX que propagava discursos sobre a hierarquia das raças, homogeneizando o “ser negro”, categorizando a população negra como preguiçosa, pouco confiável, descuidada, falsa, suja, pervertida, inconstante, supersticiosas, selvagens, briguentos, depravados, burros, primitivos, bêbada, incontroláveis, etc. (SCHWARCZ, 2013). Entre os estereótipos negativos, existem estigmas encarados socialmente como “positivos”, assimilando a negritude como pertencente a um talento intrínseco para toda prática corporal, metaforizando o embate entre a emoção da atividade corpórea em detrimento da prática cognitiva.

A partir deste modelo de hierarquização racial advindo do século XIX, as representações sociais, disseminadas pelo futebol, tem como característica principal imagens que reproduzam hierarquias raciais deste período tradicionalista brasileiro. Na medida que tais representações emitem discursos, criam-se normas de condutas, maneiras de ser, de agir e ritualiza-se o estilo e personalidade de vida da camada populacional negra em forma estereotipada, inibindo comportamentos desviantes desta norma estabelecida. Nesta perspectiva, o futebol serviria como identidade nacional para o país, como norma de conduta para a população negra, reproduzindo formas de (im)possibilidades de ascensão social para esta população, ao limitar suas formas de ação através desta série de estigmas. Os atletas negros transformados como heróis esportivos, tornam estes limites palpáveis, carregando sua essência que, difundida, definirá a casta ao qual este homem negro e seus semelhantes pertencem. Compreendemos que existe um consenso sobre a capacidade que o futebol tem na influência de normas e condutas na sociedade em geral, mas principalmente, na formação identitária que a sociedade brasileira tem de si mesma.

De forma progressiva, os veículos midiáticos adotam estas imagens e as impulsionam através de suas representações. O sistema massivo que estes veículos de comunicação possuem – jornais, rádios, televisão, internet, etc. – exaltam e reproduzem, em formas espetacularizadas, determinadas características enquanto desvalorizam outras, ressaltando ideologias raciais do passado no presente. A reprodução midiática destes discursos em formas de representações é realizada através da espetacularização do esporte, difundida como porta-voz da opinião pública. Como afirma Silva (2017) sobre os níveis de significação que o futebol atingiu através de sua espetacularização:

“Transformado em um espetáculo de grandes dimensões, o futebol foi exaustivamente interpretado no Brasil e através do discurso sobre o jogo, ele se tornou sistema de significação extremamente dinâmico, por meio do qual se produzem sentidos ligados a outras esferas da vida do homem. Nesse processo, a imprensa brasileira tem uma grande importância, pois a escrita preconiza o discurso, propiciando uma gradativa cristalização dos sentidos” (SILVA, 2017:96).

A espetacularização de um esporte e a cristalização de seus sentidos pode revelar-se de maneira problemática, pois, este excesso de significados nos dá a sensação de que estamos mais bem conectados quanto à realidade social. Entretanto, tais representações consolidadas através do futebol, extrapolam estereótipos raciais e geram o oposto de informação em formas de estigmas, preconceitos, intolerâncias, discriminações. As representações de atletas negros comumente constroem a identidade negra de forma homogênea, criando uma categoria aglutinada destas percepções que torna a população negra como semelhante entre si, com uma origem em comum, a partir da pobreza. Esta origem em comum serviria como base sistemática, que categoriza homens negros através de um ponto de partida compartilhado por seus semelhantes. Sobre isto, acreditamos que este fenômeno é representado através da ideia incorporado no mito do herói nacional. Sobre isto, Brinati (2015) afirma:

“O futebol é, então, um dos elementos representativos do sentimento de identidade nacional, integrante fundamental da cultura brasileira. Desde os primeiros anos, ele foi utilizado de maneira relevante em questões de busca do “ser brasileiro”. Produtor de sentidos de fascínio e idolatria pelas equipes e jogadores, já que a trajetória do atleta se assemelha muito à do herói, com várias provações pelo caminho e, no fim, compartilhando a vitória com seus semelhantes” (BRINATI, 2015:14).

O mito de herói tem a centralidade nesta figura como referência da formação e reforço da coletividade. Esta dramatização da vida brasileira, em forma de espetáculo, implica na representação de episódios traumáticos da vida de futebolistas negros - sendo o da infância pobre e repleta de dificuldades como a mais utilizada -, inspirando compaixão e audiência neste espetáculo midiático. É muito comum vermos estas analogias teatrais trágicas no futebol para enaltecer um caráter cênico ao ambiente futebolístico, ao qual todos estes indivíduos têm seus

papéis previamente bem definidos. Neste sentido, o futebol e suas representações midiáticas necessariamente implicam arquétipos que são referidos na organização hierárquica societária e cultural, conceituada através destas mercadorias simbólicas e raciais. Este arquétipo reproduz-se aos moldes de transparência, que é naturalizada a ponto de tais imagens, representações e papéis dramáticos pré-definidos ocasionem efeitos de proximidade e familiaridade com sua audiência. Segundo Luhmann (2005), estes mecanismos são operadores de confiança fundamental na configuração midiática. Por essa razão, a televisão é um instrumento antropogênico, gerando um novo tipo de ser humano. A preponderância do visível sobre o inteligível nos levará a ver sem entender, perdendo a nossa capacidade de gerar conceitos a partir destas figuras.

A imagem idealizada – e produzida – do jogador negro como herói é demarcada por limites protocolares fixos – como alguém que conseguiu atingir o sucesso mesmo através de uma infância periférica – que resulta ao elogio e enaltecimento societário sobre trajetórias de sucesso pela via esportiva. Qualquer que seja nossa leitura sobre o futebol contemporâneo, fica evidente que esta representação, particularmente interpretada pelo atleta negro, continua a mesma. Esta realidade torna-se generalizada no que Carlón (2015) denominou de “sociedades hipermidiatizadas”, fenômeno que cria uma mudança de escala entre os indivíduos midiaticizados e os “cidadãos comuns”. Ao ligarmos a televisão ou no acesso à internet, pode-se estar facilmente inteirado ao estilo de vida e gostos pessoais que cada jogador da elite profissional possui. Quanto ao arquétipo do jogador herói, sua imagem aparece de forma desdobrada: ele é excepcional, mas cidadão comum de forma simultânea. Esta figura heroica, em relação à política racial, torna-se norma por esse discurso valorar um tipo ideal de personalidade e estilo de vida específico em detrimento a outras identidades que poderiam apresentar – ou efetivamente apresentem. A midiaticização, através das representações sociais, define um tipo homogêneo de identidade para os atletas negros – metaforizados na figura do herói humilde que superou barreiras intransponíveis – para uma repetição diária de características específicas que vão ser enaltecidas ou repudiadas. Neste sentido, acreditamos que estas representações transformam o mito da democracia racial em democracias de opinião.

O efeito desta operação torna-se extensão do racismo cultural na vida social: a política racial permeia os diferentes estratos da esfera privada e pública – através da mídia esportiva, dos desempenhos e características próprias de diferentes atletas negros – enquanto se “democratiza” os lugares de posicionamentos dos telespectadores e suas enunciações. É possível o telespectador opinar se determinadas atitudes dos atletas foram positivas ou

negativas, se determinada jogada foi efetiva ou não, qual seu jogador favorito e qual característica de sua personalidade o agrada mais, etc., em suma, os exemplos são quase infinitos. Dessa forma, é possível ofender um jogador negro com base na sua vida cultural, sem necessariamente explicitar conteúdos raciais próprios, como cor ou raça. Acreditamos que este panorama é representativo no que diz respeito entre a passagem do paradigma racial cientificista para o culturalista.

Qualquer que seja a opinião alheia acerca dos mais diferentes futebolistas negros, torna-se evidente que o peso político que as representações carregam consigo não apenas reverteu-se em princípio indiscutível da imagem produzida sobre estes atletas de forma incidente na opinião política dos telespectadores, mas também omite, por conveniência, toda questão ao qual atletas negros estão submetidos socialmente para a reprodução de si próprios de forma subalterna. Em outras palavras, acreditamos que estas representações implicam em uma forma de difundir racismo velado em uma essência contra democrática. Forma-se um conjunto de características que é depositada neste determinado grupo racial para aumentar o número de representantes desta conduta homogênea – o herói negro meritocrático e pobre –, tornando-se fator identitário aos seus representados. Deste modo, estas representações tem um vasto suporte institucional midiático que tem como objetivo prolongar e estender efeitos da desigualdade racial através destes mecanismos: a vigilância, o controle, a homogeneização das massas e descaracterização do individualismo político. A lógica desta política racial deve ser encarada como fenômeno dos novos estilos de cidadania política que estão sendo produzidas em sociedades hipermidiatizadas, típicas da contemporaneidade. As lógicas desta política estão tensionadas entre a centralização da identidade e representação negra como categoria homogênea ao combate em favor desta descentralização para construir-se a identidade negra de forma plural.

Os acelerados processos de midiática das sociedades em fase de modernização têm forte influência nas complexidades de discursos e representações que perpassam pela mídia. Acreditamos que pelo excesso de informação, devido ao contexto de hipermidiatização vivido na contemporaneidade, os atletas de futebol são julgados para além de seu desempenho no esporte. Se anteriormente a este contexto suas imagens já não eram construídas apenas por seu desempenho esportivo, na contemporaneidade existe um leque informativo que perpassa diversas informações sobre o tipo de personalidade de cada jogador. A descentralização da performance esportiva para a performance social tem referência ao contexto das sociedades com grande circulação de informações, que permite a progressiva produção midiática sobre a

produção de um tipo ideal de futebolista, criando julgamentos políticos através das respectivas personalidades dos atletas e de seus estilos de vida que serão repudiados ou enaltecidos.

Figura 3 - Em 2010, René Simões chama Neymar de monstro quando o jogador descumprir ordens do técnico de sua equipe

## **René Simões critica Neymar: 'Estamos criando um monstro'**

Fonte: Globoesporte.com (2010)<sup>14</sup>.

Bahktin (1981) encara as Representações Sociais com uma diferente visão da linguística. Para o autor russo, é necessária a construção da diferença, pois só podemos construir significados através de um diálogo com o “Outro”. A linguagem é encarada sob os termos de significação sustentadas através da comunicação entre dois ou mais enunciadores. Os significados surgem entre diferentes falantes, portanto, há um conflito pelas formas de associação de significados legítimos sobre determinados objetos. Neste sentido, as minorias se tornam essenciais para a produção de significados sociais, pois produzem consenso por estarem fora da norma. Existe um nível de significação produzida pela mídia sobre o que é a negritude, como esta deve ser representada e quais suas posições sociais. Os receptores midiáticos tendem a assimilar esta significação como legítima, as reproduzindo através da aprovação ou repúdio sobre os indivíduos negros que não seguem os papéis de representação depositadas nesta população. Em síntese, as lógicas das representações estão em tensão por uma imagem produzida do homem negro ideal – o homem negro subordinado - e com a quebra deste script – o homem negro insubordinado.

A cultura depende do ato de darmos significados aos objetos sociais para assimilar diferentes posições em um vasto sistema de classificação social. A marcação desta diferença é a base simbólica do que chamamos de cultura. Os mais variados grupos sociais impõem significações que organizam estes sistemas classificatórios. As oposições binárias, por exemplo, são essenciais para esta forma de classificação pois normatizam a diferença para classificarmos aquilo que reside na cultura. Douglas (1966) argumenta que esta classificação cultural é tensionada quando objetos classificados em determinadas categorias surgem em outros locais categóricos ou quando estes não se encaixam em uma ou outra categoria. Neste sentido, as representações sociais operam através da cultura. Quando há uma ruptura com algum

<sup>14</sup>“René Simões critica Neymar: ‘Estamos criando um monstro’” disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2010/09/rene-simoes-suplica-que-eduquem-neymar-assim-virara-um-monstro.html>. Acesso em: 28 jun. 2019.

costume cultural, o embate pela produção legítima de significação é acionado. A terminologia sobre ‘poder’ é fundamental para conceber legitimidade aos discursos, imagens e arquétipos sobre a diferença e produção racial.

## **5.2 Poder, raça e diferença**

Geralmente, quando pensamos em poder, relacionamos esta categoria com a força coercitiva ou física. Entretanto, o termo ‘poder’ nas representações sociais é marcado pela assimilação, produção ou demarcação da diferença. Seu poder é estritamente simbólico. Entendemos o poder aqui para além das relações econômicas, de classe ou de força física, entre outras formas, para dar destaque ao seu sentido simbólico de ser capaz para representar sujeitos, indivíduos, grupos sociais, coletividades de uma determinada forma. Os estereótipos raciais são elementos centrais nesta prática específica de poder.

Said (1978), em sua análise de como a Europa construiu a imagem estereotipada do Oriente, nos diz que para além dos meros reflexos que os países orientais têm, Orientalismo é o discurso de como a cultura europeia é capaz de manusear – e produzir – politicamente, ideologicamente, sociologicamente, militarmente a hegemonia ocidental através da submissão do Oriente. Através desta hegemonia, surge um novo objeto do conhecimento científico que visa reconstruir visões típicas da colonialidade. Basicamente, esta é a ideia que estamos tentando reconstituir neste trabalho ao buscarmos reconstituir identidades negras metaforizadas em futebolistas, visando decifrar formas – desiguais - de poder através da representação destes homens e de sua coletividade negra.

Acreditamos, de maneira geral, que na cultura futebolística contemporânea perpassam dois estereótipos, dois arquétipos de representação sobre a identidade negra no campo esportivo: a negritude humilde – metaforizada através do mito do herói – e a negritude insubordinada – metaforizada pela negritude arrogante, esnobe e hedonista. O arquétipo do herói, mais convencional, clássica, tradicional, pode ser definida como aquela que exalta seu valor individual, alimentada por convicções meritocráticas, caracterizadas por meio de qualidades da coragem, vontade e trabalho duro, em suma, a ética do trabalho weberiana. Por outro lado, o arquétipo do insubordinado conta, muitas vezes, com as mesmas características anteriores, entretanto, tem posições de enfrentamento às concepções de representação ao qual estão submetidos, tornando-se intrinsecamente adversativos. Os primeiros tem uma conduta moral romântica de grande apelo e identificação massiva. Raramente dão declarações marcantes

ou se envolvem em polêmicas. A segunda categoria, mesmo trabalhando através da mesma ética moral, tendem a externalizar valores materiais, falam o que pensam, são sinceros e vistos como problemáticos.

Estas duas categorias representativas são concebidas – e imaginadas – como autônomas de seus indivíduos, motivadas por suas próprias convicções. As imagens de suas personalidades e estilos de vida geram identidades que são alimentadas pelas formas precedentes de sociabilidade, conectadas pela memória e tradição que dão sentido ao repertório de características que são depositadas nestes indivíduos negros. As reflexões que estas imagens produzem por meio de sociabilidades compartilhadas, os dispositivos de características formadas, as maneiras de ser e estar no mundo, os estilos de linguagem verbal e corporal ampliam-se para tornarem-se uma comunidade que se perpetua. Os estereótipos produzidos através destas comunidades criam sentido na transmissão de valores ao qual se supõe um vínculo direto com a verdade. Privilegia-se, assim, as imagens de homens negros que têm intrínsecos a si um caráter “pedagógico” do trabalho: “trabalhamos duro e com humildade para alcançarmos nossos objetivos”.

Os discursos gerados através destas representações são, invariavelmente, midiaticizados. Sua estética provoca a sensação de que as relações raciais no Brasil estão supostamente em situação de igualdade. Ao privilegiar a propagação de histórias que não representam a coletividade racial do país exemplifica-se a exceção como se fosse regra. Gostaríamos de ressaltar que esta relação não foi construída unicamente através do discurso midiático. Nenhum destes discursos ou nenhuma destas imagens são frutos diretos desta representação, entretanto, são popularizados e disseminados através destes enunciados, causando efeitos concretos na realidade social.

Figura 4 - A ética do trabalho ressaltada pela mídia através das trajetórias individuais dos jogadores

## **Antes da fama, jogadores trabalharam duro em outras profissões**

Nos 23 atletas convocados por Dunga para a Copa do Mundo há vários exemplos de superação e trabalho duro antes do estrelato no futebol

Fonte: Globoesporte.com (2010)<sup>15</sup>.

<sup>15</sup> “Antes da fama, jogadores trabalharam duro em outras profissões” disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2010/05/antes-da-fama-jogadores-trabalharam-duro-em-outras-profissoes.html>. Acesso em: 28 jun. 2018.

O arquétipo do mito do herói futebolístico não se interessa pelo progresso de uma suposta igualdade de capacidades ou recursos societários, mas sim na imagem momentânea de enaltecer o mérito individual. A função que se espera de um jogador de futebol, através desta imagem, não é apenas vencer, mas executar exatamente os gestos que se esperam dele. Como no teatro, cada indivíduo exprime em excesso a função a ser cumprida. Assim, alguns atletas não decepcionam a imagem ignóbil que se esperam deles. Executam inteligentemente todos os gestos, protocolos e normas de condutas, preenchendo a imagem que todos desejam ver através de uma imagem subordinada. Os atletas negros revelam, então, abertamente e antecipadamente, através de suas personalidades e estilos de vida, o conteúdo de seus papéis como atletas. Essas características – jeitos, personalidades, estilos, etc. – servem como marcador base, contendo em uma origem em comum o papel a ser exercido. Estes signos conferem ao público a maravilhosa sensação de identificar estas simbologias através de suas respectivas histórias, atitudes e gestos, como se fosse uma evidência racializada do outro. Há uma disposição de um vasto conjunto de símbolos que explica o que cada atleta representa, juntamente da imagem que o futebolista tem em relação ao arquétipo de subordinação ao qual este é vinculado. Trata-se de uma verdadeira encenação que, através do signo mais óbvio que se possa eleger, este indivíduo representará, desde sua infância até a maturidade, o que se encontra na prática esportiva.

O que estas imagens reproduzem não é necessariamente a verdade, mas o que se espera moralmente de situações cotidianas. Neste sentido, há um esvaziamento da interioridade subjetiva em detrimento de signos que são exteriores, resultando no esgotamento do conteúdo pela forma, princípio da arte clássica (BARTHES, 2004). O futebol, assim, torna-se representação do real, visto que seus atletas representam esta constelação de signos para parecerem ser verdadeiros. Existe uma espécie de mecanismo de produção moral que são perpassadas através da representação sobre os atletas, como por exemplo, as categorias de subordinação, carência e trabalho árduo, pois estes são influenciados a seguir ao arquétipo da negritude humilde.

O futebol expressa uma espécie de natureza polarizada entre figuras opostas, metaforizadas entre a negritude humilde e a negritude insubordinada, efetivando-se como mitificação da ordem ética dos atletas negros. Trata-se essencialmente de personagens que admitem ou violam a continuidade formal das regras. Um atleta negro pode ser enaltificado ou repudiado, mas nunca decepciona, pois executa até o fim o que o público espera dele, através da solidificação de seus atos. O futebol, portanto, é representado como um tipo ideal de condutas de pessoas negras, preservando estereótipos durante um vasto período temporal

constituído de situações cotidianas da natureza social, onde estes signos estereotipados correspondem às causas. Quando um homem negro atinge o ápice do sucesso e torna-se fenômeno social, ninguém pode duvidar que o futebol contém em si o poder de transmutação, característica típica do espetáculo midiático, de transformar a vida destes sujeitos. Os jogadores tornam-se deuses por carregarem em si as características necessárias para atingir o sucesso. E o mito do herói negro é concluído, servindo como exemplo para outros sujeitos seguirem os mesmos passos.

Este arquétipo, através da figura do herói, é hiper romantizada, portanto, deslocada da realidade. As trajetórias da vida cotidiana destes homens negros tornam-se meros detalhes que não ilustram as impossibilidades que seus contextos sociais determinam, mas justamente o contrário, tornam-se características que impulsionam o enaltecimento destes indivíduos. Já na figura da negritude insubordinada, vemos uma representação de valores que coincidem com a representação consolidada pelo viés romântico e representado pelos heróis subordinados. As características de trabalho e esforço estão presentes nesta figura, entretanto, estes são representados sem vínculo comunitário de seus locais de pertença, excetuando-se, talvez, por seu caráter de vinculação nacional, a do ser brasileiro<sup>16</sup>. Vistos como desobedientes, arrogantes, polêmicos e problemáticos, lhes falta carisma e humildade. Nos dois arquétipos, os rituais de representações sociais aparecem como marcadores de consenso que enaltecem ou reprimem valores simbólicos contido nestes indivíduos, separando-os em dois tipos ideais distintos, a negritude “subordinada” e “insubordinada”.

Estas representações são extremamente disseminadas em nosso cotidiano, polarizadas em dois extremos de uma mesma linha que ora aproximam-se ou afastam-se, a depender das relações sociais que as cercam. É interessante percebermos este fenômeno, pois, ao contrário da visão simplista sobre o futebol, assistir uma partida deste esporte pode nos revelar um tipo de papel político interpretado por cada atleta. Sabemos que este papel interpretado é o resultado de um conjunto de normas e regras estabelecidas em sociedade. Podemos perceber que a estética produzida através de futebolistas negros tem em suas imagens um propósito de devolver a sociedade o que a própria esfera societária exige destes indivíduos. Esta relação funciona como uma espécie de espelho construído com complexas técnicas de mediação qualitativa. Esta

---

<sup>16</sup> Em alguns casos, jogadores brasileiros escolhem ter outras cidadanias para defenderem distintas seleções, representando outras nacionalidades. Geralmente, sofrem represálias nada agradáveis: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/11/deportes/1402503971\\_281411.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/11/deportes/1402503971_281411.html). “Diego Costa é chamado de traidor”. Acesso em: 28 jun. 2019.

relação de oferta e demanda societária é profundamente performática, com a tendência de construir reivindicações que a sociedade comprometeu satisfazer. Em síntese, nossa hipótese é que as imagens de atletas negros estabelecem o futebol como solução identitária para as camadas mais baixas, predominantemente negras.

Estas formas de arquétipos misturam-se com valores tradicionais que o mundo se acostumou a ver. Estas fronteiras de representar a negritude com costumes e características humildes, através de uma forte ética do trabalho, é um arquétipo que operacionaliza, literalmente, esta população aos trabalhos manuais. A imagem de um jogador negro que fala baixo, obediente, que realiza seu trabalho e volta ao lar, são associadas pela sociedade à imagem da negritude que sabe seu lugar. O enaltecimento desta conduta é um dos repertórios de ritualização que reatualiza as hierarquias raciais na contemporaneidade. Este arquétipo da negritude humilde está na memória coletiva do país, disseminada através da imagem que Gilberto Freyre popularizou do Brasil por meio do mito da democracia racial, como vimos com maior detalhe nos capítulos anteriores. As memórias deste arquétipo racial trazem o enaltecimento destas características por um lado, e o repúdio de práticas que estão dissociadas desta imagem, por outro.

Esta representação de futebolistas negros “insubordinados” é repudiada pois este arquétipo é organizado através da polaridade oposta ao qual a negritude está acostumada a ser posicionada entre os binômios cima/baixo, rico/pobre, corpo/espírito. Ao segmentarem-se em oposições opostas dos quais o mito do herói é fixado, as linhas que separam estas polaridades são tensionadas, pondo em risco a imagem estabelecida do sucesso através de uma trajetória com características ascéticas, dependentes do individualismo voltado ao trabalho. A descentralização de uma categoria racial imutável dá lugar para a criação de outras categorias mais ou menos desviantes, que distanciadas desta estética hegemônica e romântica, enfatizam outros gêneros de diálogos e interpretações, obturando, de algum modo, as formas tradicionalistas de representações raciais.

Dessa maneira, as representações criam uma forma de arquétipo dominante sob as minorias, que populariza uma forma de imagem política da vida destes estratos socio raciais, em forma de normas de conduta no cotidiano. Quando estas condutas tornam-se polarizadas, as relações se tensionam e os contornos sobre os hábitos legítimos para indivíduo entram em choque, havendo possibilidade dos costumes individuais ou coletivos serem reescritos. A representação social de futebolistas negros é um núcleo destes embates decisivos sobre a

identidade negra a partir do futebol. O mito do herói e da negritude humilde integram a memória coletiva do país, extremamente disseminada e reproduzida de forma sistemática no nosso cotidiano. Já a negritude “insubordinada”, tem práticas mais inovadoras que modificam aquilo que estamos acostumados a ver, gerando uma nova forma da retórica identitária racial no Brasil.

As imagens e representações abordadas aqui, através dos arquétipos da negritude “subordinada” ou “insubordinada”, não esgotam as formas aos quais a população negra é representada. Gostaríamos de chamar a atenção como estes termos não são mutuamente excludentes. Um jogador negro humilde, comumente reconhecido como herói nacional, pode facilmente cair no polo da insubordinação negra de maneira abrupta. Comumente, como já chamamos a atenção nos capítulos anteriores, a derrota esportiva desencadeia o paradoxo inerente entre estas duas categorias, evidenciando que o atleta negro herói também pode ser insubordinado, já que estas categorias se valem para justificar o ofício de atleta. Quando os objetivos não são cumpridos, as ofensas raciais surgem de ambos os polos. De outras formas, este pode cair na categoria “negativa” caso também sua conduta social não seja compartilhada pela ritualização do comportamento racial que estipule os limites, quebras ou transgressões “legais” de suas sociabilidades.

Acreditamos que o estudo destas representações e suas respectivas análises discursivas, através das categorias aqui estipuladas, pode nos ajudar a desvendar certos sentidos políticos que esta produção contém em si que muitas vezes passam despercebidas em nosso cotidiano. Existem uma multiplicidade de definições e de discursos contidos no arquétipo racializado que dão às imagens de atletas negros nova definição no sistema regulador que as sustentam. Tentaremos estabelecer princípios explicativos que possam ilustrar de maneira mais direta os enunciados e conteúdos depositados em indivíduos negros que podem nos guiar na compreensão da desigualdade racial e no combate ao racismo. Tentaremos desfazer os complexos distintivos raciais através de imagens, discursos, estereótipos e metáforas que nos cercam em nosso cotidiano através de armadilhas simbólicas, presentes na imagem destes sujeitos negros em midiáticos, como veremos a seguir.

## 6 A IMAGEM DOS NEGROS NO FUTEBOL

Como vimos no capítulo IV, houve um movimento que alinhava o termo ‘raça’ à ideia de filiação nacional, que acentuava mais as diferenças culturais em detrimento das hierarquias biológicas. No Brasil, foi sublinhado que para um negro atingir o sucesso profissional, ele deveria ter a obrigação de se aprimorar por meio dos valores universais da sobriedade, moderação e trabalho duro, características essenciais para a conquista do respeito que um homem negro tem de haver para “inserir-se” como parte integrante do território nacional brasileiro (FERNANDES, 2007). O desenvolvimento do futebol brasileiro contribuiu de forma direta para o passo adiante no que diz respeito à educação dos corpos negros no intuito de criar uma categoria racial imutável, que deve lutar para obter seu espaço e que sua subjetividade fluiria casualmente através da cultura de educação destes corpos. A complexidade que o futebol oferece nos serve para caminharmos e irmos além das perspectivas sobre o “negro esforçado” ou do “negro dos dribles e sua alegria do futebol moleque” para entendermos como estas concepções tradicionais tem influência no Brasil contemporâneo. Acreditamos que o futebol carrega consigo explicações das esperanças que são necessárias para muitos homens e mulheres negros e negras viverem no presente.

O futebol profissional surge como forma de substituir ou compensar as liberdades formais que eram - e que ainda são - negadas à população negra. Acreditamos que este esporte carrega uma forma cultural significativa de expressão, preservando necessidades e desejos de seus praticantes. Essas formas de desejos e necessidades também estão intrinsecamente conectadas à satisfação material de forma substituta às liberdades formais e de igualdade perante à sociedade. Entretanto, este arquétipo particular do futebol, que dá continuidade às formas de expressão da cultura negra, contém funções e ações subjetivas de utilidades miméticas de apresentação artística que podem levar as lutas rumo à emancipação, à cidadania, e por fim, à autonomia. Tais formas de expressão vão além do discurso verbal gramatical. Os padrões de dominação colonial ordenam que reconheçamos outras formas não linguísticas na formação de novos atos comunicativos (GILROY, 1993). O modo de comunicação de atletas negros é dividido e mediado por interesses políticos e econômicos radicalmente opostos que distinguem o senhor escravocrata – a mídia, os empresários, os clubes – de seus respectivos bens móveis – os atletas. Desta forma, acreditamos que os esportes, assim como, as práticas artísticas de maneira geral, retém suas funções de quebras de paradigmas enquanto suas reivindicações de testemunho histórico e de luta por igualdade puderem ser ativamente

defendidas e preservadas. Essas reivindicações tornam-se difusas ao longo de toda uma coletividade racial subalterna em que se operam as relações de produção e recepção cultural, que são o inverso do que a esfera pública dos proprietários de novos escravizados propaga.

Gostaríamos de ressaltar que, diferente de muitas histórias, produções universitárias ou até do senso comum, estamos tentando (re)construir a concepção do sujeito negro subalterno, tipicamente representado em midiáticos através de uma persona humilde, metaforizando um ser desprovido de agência ou inteligência, como sujeitos agentes de sua própria identidade e de sua própria história. O que geralmente se manifesta numa história comum de superação, ressaltada para proliferar ideais sobre meritocracia, damos preferência ao ler essa história como um fator discursivo de quem luta contra a natureza da opressão ao caminho da liberdade. A partir do momento que damos atenção aos posicionamentos e representações de atletas negros, o material de luta antirracista não será unicamente gerado exclusivamente por homens brancos e comentaristas midiáticos que tentam articular o cerne do problema de maneira simples, apaziguadora ou factual. Quando um atleta negro fala por si, a população negra expressa de maneira mais poderosa uma tradição de escrita na qual a própria trajetória individual torna-se um ato de emancipação.

Através do futebol e das relações socio raciais que o acompanham, desejamos esclarecer alguns dos atributos distintivos, das formas de tratamento e representações da população negra. O racismo dessas formas manifesta-se na (má)s cara contemporânea da modernidade que é imaginada no presente através de pulsos advindos do passado (FERNANDES, 2007). As formas de representação e de tratamento que a população negra é submetida é diretamente conectada à experiência escravocrata. De forma constante, são reatualizadas no presente e tem forte influência como enxergamos corpos negros nos esportes em geral e no futebol em particular. É importante lembrarmos que, como vimos anteriormente, o acesso da população negra ao futebol era vedada (GORDON JR., 1996), como tantas outras formas de autonomias individuais foram negadas em fazendas ou senzalas. Este esporte, assim, torna-se essencial ao metaforizar a batalha entre senhores e escravizados.

Examinar o lugar do futebol no Brasil significa observar a autocompreensão que os atletas negros têm produzido, o uso simbólico que lhe é dado pela população e as relações sociais que têm realizado, reproduzem e estabelecem este esporte como expressão e elemento central da identidade nacional. Desejamos propor que a forma como o futebol e a população negra se relaciona no país convergem em uma análise por meio das relações sociais que a

sustentam. Um procedimento que acreditamos ser valioso para tal análise é fornecido pelos padrões distintivos de sociabilidade em volta deste esporte que caracterizam e evidenciam os contrastes subalternizantes que a população não-branca se encontra em relação à população branca.

Para nós, o futebol, como gestos ou danças, são formas de comunicação, com a mesma importância que o dom do discurso. Por isto, nossa preocupação é menos com os atributos formais dos gestos que a prática futebolística exige de uma cultura expressiva dos esportes do que com a com os problemas que podem ser questionados e os julgamentos críticos a respeito de raça e racismo no interior destes questionamentos. Que problemas analíticos surgem se um estilo, gênero ou desempenho particular esportivo são identificados como expressivos de uma essência racial que os produziu? Que contradições surgem na transmissão e na adaptação dessa expressão cultural por outras populações negras e como estas serão representadas pela cultura? Como o deslocamento regional e a disseminação nacional do futebol refletem no valor que é atribuído aos atletas negros e quais interpretações são produzidas e interpretadas a partir de suas próprias regiões, trajetórias e posicionamentos? Onde o futebol é pensado como marco emblemático e constitutivo da diferença racial e como este esporte é utilizado para especificar questões gerais sobre raça e a identidade da raça negra? Pensar o futebol evoca aspectos sobre subjetividade corporificada que muitas vezes não traduzem a ética da igualdade. Essas questões nos são úteis na tentativa de situar os componentes e problemáticas que futebol e raça podem trazer para a superfície das problematizações.

### **6.1 Futebol e o tipo ideal de negritude**

O futebol serviu para o campo ideológico brasileiro como política que compensaria a falta de oportunidades à população negra devido sua exclusão de diversos setores societários. Essa política foi refinada e desenvolvida de forma que reproduzisse que o único caminho para a ascensão da população não-branca só fosse possível através do corpo e, de preferência, ao corpo mudo e subalterno. A reconstrução da história do futebol e da população negra nos fornecem indicadores para outros processos culturais mais amplos que não se concentram apenas na cultura esportiva.

Após a democratização e profissionalização do futebol, cria-se a ideia de que o conglomerado negros e pobres, que agora participam do campo esportivo, seria um meio de avaliar o progresso social que o país estava vivendo. Os poucos atletas negros que ascenderam

pela via esportiva sedimentaram o país como a nação da democracia racial enquanto vedou-se as mazelas da exploração econômica, do racismo político, dos deslocamentos e da desigualdade racial. É essencial considerarmos que o contingente de homens negros que ascendem pelo futebol reinventa sua própria etnia. A luta pela “auto-realização” e do “querer ser alguém” torna-se a qualidade da influência socializadora. O negro chegava aonde ninguém esperava vê-lo e a resposta era “nem parece negro” (FERNANDES, 2007). Esse cenário se liga aos processos históricos e sociais que promoveram a perpetuação dos modelos herdados da desigualdade racial de cunho tradicionalista. Assim, o papel dos significados em torno da negritude e especialmente ao futebol tornam-se importantes na (re)afirmação de uma cultura negra corporificada que se amplia e torna-se nacional. Vistos apenas como corpos, a cultura negra é encarada como sinônimo do trabalho braçal, para o samba, para o futebol. A retórica e a autoridade moral envolvendo negros e o futebol, infelizmente, foram desvinculados de seus marcadores históricos e origens sociais. Deslocados de suas condições originais de existência, as experiências individuais e coletivas, as histórias de segregação racial, bem como pela memória da escravidão e o legado do africanismo no Brasil são raramente lembrados. Quando estes fatores são citados, muitas vezes ouvimos mais histórias de mérito pessoal ao invés de denúncia social.

A subjetividade de alguns esportistas e homens negros têm rivalizado com o discurso midiático sobre a democracia racial como núcleo central das culturas de representação entre os atletas de futebol negros e o Brasil como paraíso das raças. Estratégias retóricas comuns desenvolvidas através do mesmo repertório de procedimentos enunciativos que ajudam esses discursos a se tornarem interligados. Por exemplo, o local hierárquico que um atleta negro está vinculado e a exigência da demonstração de uma personalidade humilde é exaustivamente acionada. Essa associação entre atleta, sujeito negro, persona humilde e disciplinada, foi essencial na secularização massiva que produziu a personalidade de Pelé. Esta associação pode ser facilmente observada pelo fator do termo “produtividade” – extremamente em vigor na década de 70 junto à ditadura militar que preservava o enaltecimento de uma vida ascética, dedicada ao trabalho e, conseqüentemente, meritocrática – e seu discurso sobre disciplina fazem parte integral de uma lógica contextual importante no período vivido no Brasil nesta época, como vimos na contextualização sobre o processo de desportivização brasileira. Desta forma, a ascensão de Pelé no futebol e na vida social está intimamente conectada à história deste esporte ao longo do século XX (TOLEDO, 1996) e, principalmente, na relação entre as representações que aí se forjaram sobre raça e nação.

Segundo Sevcenko (1998) as novas tecnologias imprimiram uma noção de modernidade, segundo o qual, o corpo deveria estar em sintonia com a vida nas cidades que se urbanizavam. A busca por uma vida saudável e de um corpo atlético são frutos de discursos que pregavam o esporte como meio de disciplinar e higienizar a população. As teorias higienistas do início do século vinte pregavam a prática do esporte como forma de se manter livre de doenças que assolavam a população e também de produzir uma disciplinarização do corpo e da mente (PEREIRA, 2000). Os esportes eram fenômenos urbanos que se propagaram em um novo modo de vida para os centros que se industrializavam no final do século XIX e início do XX. Portanto, foram instrumentalizados no processo civilizador brasileiro daqueles que desejavam viver nos grandes centros urbanos em fase de crescimento industrial.

A descrição destes discursos raciais do século XIX e do início do século passado são importantes para pensarmos que tipos de discursos transpassaram o futebol brasileiro e os discursos sobre raça no país. Este entendimento mostra-se fundamental para nos guiarmos aos caminhos que as representações socio raciais foram atribuídas ao esporte e que guiam o imaginário social na produção da imagem de homens negro no esporte, intrinsecamente conectados a estes discursos. Este contexto político, social, cultural e econômico demonstra que as representações sobre raça, disciplina e profissionalismo são centrais na vida de Pelé e foram forjados por este contexto, produzindo-se como profecias que se auto realizaram. Pelé, em seu modo de vida ascético, é encarado como um tipo ideal de negro que conseguiu ascender através de seu próprio esforço e estilo de vida ameno, discreto e organizado. É significativo que o rei do futebol tenha recebido este título simbólico porque é mais etnicamente marcado e culturalmente socializado pela influência e cultura da maioria branca.

A identificação deste atleta como rei do futebol se tornou algo emblemático para a promoção do tipo racial ideal e às ideias de meritocracia a ele relacionadas. Este tipo de história constrói um tipo de narrativa importante em forma cultural. Ela conta e reconta não a vitória dos fracos sobre os fortes, mas um conto individual de sucesso que serve como fábula para outros homens negros tentarem a sorte como jogadores de futebol, resultando no enaltecimento a nível pessoal para justificar a meritocracia a nível coletivo. Pelé não é rei por acaso. Ele representa o ideal branco meritocrático do sucesso que só pôde ser alcançado através de uma vida dedicada e profissional. A exceção que confirma a regra.

Nos esportes, como em outras esferas dominantes da vida social, suas relações sociais sempre foram caracterizadas por formas imperantes do racismo. O racismo tende a focar nas

variações de cor de pele e nas diferenças fisiológicas entre os mais diversos tipos de indivíduos, mas historicamente, a palavra ‘raça’ possui diversos significados. As suas diferenças podem ser vistas nas profundas desigualdades educacionais, trabalhistas, nas diferenças entre mobilidade social, através do cotidiano violento e do projeto político sobre o genocídio da população negra brasileira, entre outras formas violentas de distinção que marcam a vida – e morte – da população não-branca. As diversas realidades que o racismo provoca estão intrinsecamente conectadas com as mais variadas formas de cultura. Com os esportes, não seria exceção. Relatórios anuais marcam o crescimento progressivo do racismo no futebol brasileiro<sup>17</sup>. Por mais que os números comprovem certa irrefutabilidade dos casos de racismo, esta realidade não é novidade. Podemos ver embates raciais através das trajetórias dos mais diferentes atletas negros de maneira qualitativa. Por exemplo, podemos citar como Pelé personifica as acomodações raciais e enaltecimentos sociais enquanto Garrincha é marcado por seu contraste, corporificando a criminalização, a desintegração social, o desprezo por negros advindos de comunidades populares, representando o racismo presente nas formas de tratamento deste atleta como um mero operário bêbado e camponês.

Figura 5 - "O exército me deu disciplina, educação, me tornou cidadão e me ensinou a trabalhar em grupo" diz Pelé



Fonte: Globoesporte.com (2010)<sup>18</sup>.

<sup>17</sup> Segundo os Relatórios Anuais da Discriminação, os casos de racismo no futebol brasileiro vêm aumentando progressivamente. Com a exceção do ano de 2016, que contou com 25 denúncias, em 2017 este número quase dobra, atingindo 43 casos. Até o momento, foram contabilizados 4 anos de denúncias envolvendo o futebol brasileiro e formas de discriminação racial, havendo, respectivamente, 20 casos em 2014, 35 em 2015, 25 em 2016 e 43 em 2017. O relatório está disponível no seguinte endereço: [https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2017/RELATORIO\\_DISCRIMINACAO\\_RACIAL\\_2017.pdf](https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2017/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIAL_2017.pdf). Acesso em: 01 jul. 2019.

<sup>18</sup> “Soldado Nascimento e ‘Comandante da paz’: faces de Pelé, ídolo que parou guerras” disponível em: <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2010/11/comandante-da-paz-historias-em-detalhes-que-fazem-de-pele-um-idolo.html>. Acesso em: 20 jul. 2019.

Diferente de Pelé, Garrincha jogava entra a ambiguidade de uma disciplina mínima e tendencialmente desobediente às regras táticas do futebol. Ele nunca chegou a estar à vontade na situação de atleta profissional, sendo menos um jogador produzido por profissionais – através de treinamentos ou por disciplina – do que por seu senso prático do jogo pelo jogo, maneira muito diferente da prática esportiva realizada por outros atletas. As condições materiais para o exercício futebolístico marcam as divergências entre as trajetórias destes dois atletas. Diferente de Garrincha, Pelé teve uma curta passagem como operário de uma fábrica de sapatos, que permitiu ajudar nos custos de sua casa e de sua família, mas principalmente em realizar o sonho que seu pai não foi capaz de conquistar, o de tornar-se jogador de futebol. Garrincha tornou-se futebolista por acaso, seguiu o mesmo trajeto de todos os jovens operários ou de crianças com origem popular, que começam jogando bola em qualquer tipo de campo, descalços, que com sorte, conseguiu ser notado por algum olheiro que realizasse as relações sociais necessárias para levá-lo para um time da primeira divisão do futebol brasileiro.

A disciplina profissional de Pelé favoreceu o desenvolvimento de suas qualidades e de sua extrema sensibilidade e preocupação aos problemas materiais que a profissão do atleta exige. A vida asceta deste atleta contrasta, neste sentido, com o estilo de vida hedonista de Garrincha, que o mantinha de maneira indiferente ou despreocupado com sua carreira profissional. As formas de tratamento entre dois atletas ainda se mostram de forma extremamente reveladoras para as relações raciais brasileiras contemporâneas. Por um lado, Pelé continua enaltecido por seu profissionalismo e modo de vida ascético, enquanto Garrincha muitas vezes foi desprezado ou retratado como um indivíduo ignóbil, doente ou burro por seu modo de vida vulgar, por suas raízes sociais, fortemente conectadas aos meios populares. Garrincha simbolizou um modo de vida da ralé, da euforia que as classes menos abastadas ansiavam por integração econômica, mas que sucederam o sofrimento gerado pela exploração econômica e opressão política instaurada pela ditadura militar.

A representação do estilo de vida de cada atleta negro torna-se um reflexo temporal da discussão sobre raça. É preciso reajustarmos a dinâmica da disseminação dos desvios e circuitos que marcam a possibilidade de um novo posicionamento político ou de retomada cultural. Acreditamos que o racismo gera forças políticas, econômicas, culturais em configurações que atribuem qualidades comuns, frequentemente relacionadas às formas de subordinação de minorias raciais. Neste aspecto, é compreensível que alguns atletas negros fossem zelosos com suas respectivas aparências ou comportamentos, já que o racismo os retrata como personas humildes e, conseqüentemente, estes jogadores recebiam - e muito provavelmente ainda

receiam - pelo tipo de representações que sua negritude pode ser oferecida através da dramatização realizada por uma mídia racista e branca.

Fica evidente qual entendimento da imagem dos atletas negros do futebol brasileiro foi produzida no país e que esta representação da negritude ainda é extremamente presente na contemporaneidade. A legitimidade dessa nova forma cultural foi estabelecida precisamente por um código racial escravocrata através da ritualização do comportamento racial. Não nos levem a mal, sabemos da longa distância que persiste entre um negro escravizado ou recém liberto do Brasil no século XIX para um negro futebolista em 1950. Entretanto, não se pode negar a influência que o esporte nacional deste país serviu no controle dos corpos e na criação de um tipo ideal de negritude, resultado de um projeto de nação de educação e controle de “um povo inculto, preguiçoso, que não dão a mínima para o trabalho e para as regras” (FERNANDES, 2007). Aos poucos estamos (re)construindo que tipo de representações foram e ainda são construídas sobre a população negra e como o futebol perpetuou tal comportamento.

## **6.2 “Eles são rápidos e agressivos”: estereótipos raciais no futebol**

Para analisarmos o racismo nas diferentes representações midiáticas, utilizaremos o arcabouço teórico da Análise Crítica do Discurso (ACD), nos permitindo analisar como estes discursos trabalham na (re)produção e na mudança das relações desiguais de poder. De acordo com Van Dijk (2010) são as estruturas sociais que permitem as possibilidades de coerção agenciais se concretizarem, por meio das práticas sociais e através de seus discursos, sejam estes verbais ou não verbais. As manchetes jornalísticas, através de imagens, linguagens, expressões e discursos, relacionam-se com os modos de representar determinados atletas ou toda esta coletividade esportiva, pois identificam estes a partir de um ponto de vista específico.

Estas formas de percepção ou representação sobre a negritude é proveniente das elites simbólicas<sup>19</sup>, como estas influenciam a imagem que a sociedade concebe sobre as minorias raciais de forma naturalizada, desde o período escravocrata. Reproduz-se critérios negativos sobre os indivíduos negros porque, historicamente, foram herdadas estas visões discriminantes, tornando estas categorizações de forma sistematicamente presentes por meio deste arquétipo de subalternidade negra. Van Dijk (2010) ressalta que o racismo não é concebido de forma inerente à humanidade, pois este é, na verdade, reatualizado através do discurso. Estas formas de

---

<sup>19</sup> Elites simbólicas são aquelas elites que literalmente têm tudo ‘a dizer’ na sociedade (VAN DIJK, 2010). Seus membros, segundo Van Dijk (2010), são compostos por diversas categorias profissionais, comumente formados por professores, jornalistas, acadêmicos, políticos, etc.

linguagem são adquiridas e aprendidas de forma natural por meio da comunicação social. O racismo, dessa forma, é aprendido e legitimado pelo compartilhamento desta ideologia de um grupo dominante, tornando a perpetuação sistemática desta discriminação possível (VAN DIJK, 2010).

A elite simbólica de poder detém relações de dominação através da interação entre grupos e atores sociais. Desta forma, podemos observar como a dominação racial pode influenciar a população sem necessariamente usar a força, apesar de muitas vezes a violência física se apresentar também de forma constante em diversos contextos. Percebemos que o caráter da dominação racial torna-se fluido ao longo do tempo, pois as maneiras de categorização do passado, apesar de muitas semelhanças, adaptam-se de maneira relativamente dinâmica, tornando o conceito de hegemonia instável, porém versátil. Conforme a sociedade se transforma, modificando suas relações em seus diversos setores, esta hegemonia articula-se ou desarticula-se em forma de ações sociais (OLIVEIRA; PIMENTA, 2016). Neste sentido, acreditamos que o significado que o futebol carrega consigo, através destas formas adaptativas do conceito de hegemonia, traz construções discursivas que traduzem esta prática como um elemento não apenas racial, mas como demarcador da suposta inferioridade negra e seu papel intrínseco no uso do corpo em ao invés do uso cognitivo.

Neste sentido, a temática sobre como meninos negros sonham em se tornar jogadores profissionais de futebol, imaginando a saída do anonimato para o estrelato, nos chama a atenção de forma recorrente. Nos questionamos como um sonho tão improvável poderia ser capaz de mobilizar tanto esforço na vida destes jovens. Existem pessoas que desejam tanto realizar este sonho que, muitas vezes, devido ao investimento nesta carreira incerta, a realidade torna-se ainda mais perigosa. Por não conseguirem atingir o sonho do profissionalismo, a punição retorna através das ausências de qualificação necessária para inserir-se tardiamente no mercado de trabalho. Esta realidade ainda não é muito debatida pois existe a crença que o melhor caminho para a ascensão social para homens negros concentra-se no investimento corporal como ferramenta de trabalho em detrimento dos estudos escolares ou universitários. Acreditamos que o destino dramático de pessoas negras na sociedade brasileira deve-se não em sua inaptidão profissional, mas no constante desencorajamento destes em atividades vistas como “brancas”, os reforçando aos trabalhos braçais como caminho “natural” para vencer na vida.

Muitos seguem este panorama, atraídos pelo desejo de se tornarem futebolistas, através do arquétipo negro que enaltece jogadores negros de origens semelhantes por meio de suas trajetórias de sucesso. Dessa forma, queremos realizar uma discussão sobre esta relação muito próxima que perpassa entre o reconhecimento do sujeito negro pelo mundo social através do futebol. Gostaríamos de entender como esta relação é constituída para buscarmos as razões que ligam a negritude aos trabalhos corporais, especificamente ao futebol. Percebemos que existe certa crença que reforça o discurso que se você tiver perseverança, seus objetivos serão alcançados. Para a população negra, este caminho foi o mais fácil a ser percorrido. Essa identificação entre a corporeidade negra e os esportes é ritualisticamente demonstrada em nosso cotidiano, moldando as percepções que cada indivíduo tem de si, como falamos, sonhamos ou interagimos. O aspecto principal que nos chama atenção nesta relação é como se constrói o discurso narrativo sobre negritude e esporte. Em uma sociedade como a brasileira, que tem dificuldades em admitir o próprio racismo e de assumir seus próprios signos raciais, a imagem, os arquétipos e as representações de homens negros no futebol refletem diretamente os símbolos de uma negritude inferiorizada no cotidiano.

A cultura negra futebolística, surgida em um contexto de grande segregação racial, foi interpretada como um dos poucos lugares que providenciava a promoção da igualdade racial. Entretanto, a integração racial em um contexto extremamente desigual não pode ser alcançada sem mudanças estruturais. A inclusão da população negra se deu por medidas nacionais populistas e de sua integração subordinada das classes populares. As identidades negras, de maneira geral, sofreram grande desilusão por suas experiências de trabalho terem sido construídas a partir do ideal branco, traduzidas nas percepções que esta segunda categoria era mais inteligente, mais produtiva e mais intelectual. Descolonizar estas imagens desiguais, entre brancos e negros, permite-nos recriar, reestabelecer e determinar como a população negra pode se ver livre do referencial branco. A partir disso, temos a possibilidade de examinar como a colonialidade destas imagens, como estas reforçam, através da repetição massiva de um arquétipo negro utilizado através da exploração corporal, demonstra a obsessão da representação negra ao futebol como uma trajetória mitológica de sucesso.

Esperamos fazer críticas para elucidar e educar pessoas que ainda não perceberam a forma de organização racial da sociedade, suas graves injustiças de suas dominações, para elucidarmos uma forma de luta antirracista de forma ampla. Encorajar este ponto de vista crítico contra a visão colonial é essencial para interrogarmos como a mídia representa a população negra. Este é um dos pontos fundamentais para nossas análises. Queremos distinguir racismo

das formas de tratamento encaradas como “imparciais” para trazermos estas discriminações para a consciência e seriedade que esta temática prescinde. De antemão, já imaginamos a difícil tarefa que estamos propondo, pois muitos vão ignorar a temática e desqualificar nosso trabalho através de estratégias típicas de pensar a raça em forma simplificadora ou apaziguadora, como por exemplo, que a questão mais importante a ser pensada é a luta de classes, extinguindo um debate amplamente presente neste contexto desigual.

Inicialmente, as lutas antirracistas são temas muito frequentes em trabalhos que surgem com a teoria feminista, estudos culturais e no que é conhecido como estudos pós-coloniais ou decoloniais. A ideia central nestas áreas temáticas é que torna-se essencial alterarmos as formas de hierarquias sociais, em “desaprender” o mundo através das leituras hegemônicas brancas para desconstruir a categoria de branquitude e recriar a da negritude. As políticas de dominação racial criaram a realidade negra de forma extremamente distinta dos brancos, ao qual esta distinção é ressaltada exaustivamente para identificar, posicionar e justificar as bases da desigualdade racial.

Essas mensagens sobre distinções raciais são extremamente disseminadas através das representações sobre raça sob o manto do futebol. Ao problematizarmos este arquétipo da homogeneização da categoria racial, estamos reconhecendo que a diferença de sujeitos negros é essencial para erradicar qualquer forma dominação racial. Ressaltamos que a pluralidade de perspectivas negras seja importante porque frequentemente encontramos noções midiáticas que reduzem a importância desta diversidade ao enfatizarem o discurso da propaganda da democracia racial: “não importa sua cor, somos todos humanos”.

Figura 6 - Propaganda dos "combates" ao racismo

## **Em evento na ONU, Neymar combate racismo: 'Somos todos iguais, não importa a cor'**

Brasileiro é o novo embaixador internacional da ONG Handicap International

Fonte: Estadão (2017)<sup>20</sup>.

Os que repetem esta frase se orgulham em tolerar minorias, mas este ato de tolerância só é possível através da averiguação de condutas que estas populações devam ter consigo,

<sup>20</sup> “Em evento na ONU, Neymar combate racismo: ‘Somos todos iguais, não importa a cor’”. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,em-evento-na-onu-neymar-combate-racismo-somos-todos-iguais-nao-importa-a-cor,70001937056>. Acesso em: 04 jul. 2018.

reproduzidas através de atos de subserviências e vozes humildes. Portanto, percebemos a necessidade de uma crítica que desconstrua esta narrativa homogênea que localiza a negritude na subalternidade, interpretada por atletas negros. Esta crítica envolve a necessidade de se construir uma coletividade negra de forma plural para combater uma cultura de dominação que distorce a percepção de como se enxerga estas minorias e como a própria população negra se enxerga.

A visão de uma homogeneidade cultural nos chama atenção pois esta forma de pensar a comunidade negra de maneira estática é indicativa de como o racismo funciona e como este é elaborado. Isto nos mostra uma prerrogativa de negação para outras maneiras de ser, agir, pensar e existir das minorias sociais. É difícil fazer entender que o racismo é opressivo não apenas porque se prejudica pessoas negras, mas porque este é elaborado por um sistema de dominação e subjugação da população negra para patamares de inferioridade. Essa forma de concentração do “negro” em patamares desiguais precisa ser entendido.

Podemos definir que a característica do racismo é a combinação entre unidade e distinção. Por meio de um princípio básico de diferenciação – que será percebido como natural –, um vínculo social une elementos que, embora separados, compõe uma totalidade integrada do gênero humano ou nacional. Há uma atividade geopolítica envolvida nesta relação que conecta este território da mesma forma que designa características do passado a pessoas negras no presente. Quando o “negro” quebra estereótipos comportamentais, que sugerem uma inata inferioridade, inadequação ou vitimização, estes são geralmente punidos pela sociedade por quebrar uma imagem cristalizada sobre uma personalidade negra nacional ou quase universal. De forma contrária, as pessoas negras que fingirem – ou de fato acreditarem – que não são tratadas de formas diferentes, se aproximando da norma de conduta da população branca, vão receber gratificações por esta personalidade que compactua com a ordem vigente. A lógica da dominação se mostra avançada por preterir formar sedutoras maneiras de atribuir sucesso individual para aqueles que negarem o valor e a realidade da negritude, enfraquecendo a coletividade para enaltecimentos pontuais. De forma geral, somos ensinados a ter solidariedade com os valores culturais da branquitude, enaltecendo pessoas brancas enquanto vemos a negritude como ameaça através de estigmas da vitimização. Estes estigmas são ser incorporados na população negra por ações e comportamentos que têm grande afirmação e reprodução cultural. Um bom exemplo é a exaltação de uma negritude humilde no futebol como comportamento ideal que reproduz o arquétipo da negritude pobre que sabe seu lugar.

Não nos faltam exemplos de jogadores negros brasileiros que assumem uma identidade branca porque a negritude é vista como sinal de humildade e pobreza. Entretanto, mesmo estes que atingiram o sucesso, é improvável que tenham superado os sentimentos de inadequação perante à sociedade, que resultará em uma trajetória de sucesso material, mas de baixo auto-estima. Esta é uma trágica ironia de atletas negros, o sacrifício de sua conexão com a cultura negra e experiência negra em troca da realização monetária. Em uma cultura de dominação, haverá a demanda para que pessoas negras neguem sua própria identidade. Através de mensagens, imagens, discursos, representações e arquétipos que traduzem essas pessoas como carentes de valor, como vagabundos ou imprestáveis, não é absurdo imaginarmos que estes recaem em pensamentos escapistas e de liberdades momentâneas para fugir da dor encarada em suas respectivas realidades. Acreditamos que ser jogador da elite do futebol brasileiro e do mundo traz consigo todo este peso simbólico.

A profissão de futebolistas, neste sentido, está intrinsecamente conectada com impactos profundos de traumas típicos da opressão de vidas negras. Esta realidade implica em superar problemáticas como o abandono escolar, falta de apoio financeiro, emocional e familiar para encontrar justiça fora de seus locais de origem. Superar o abandono societário e estatal, a opressão de uma frágil infância, para encontrar força e esperança para atingir o sucesso não é fácil. E muitos permanecem pelo caminho. Ficamos impressionados com as trajetórias que alguns atletas realizam para trilhar esta jornada que as emissões televisivas não cansam em exhibir. Em uma sociedade que o esporte nacional é extremamente popular pelo desempenho de pessoas negras, não nos surpreende o fascínio e desejo destes que anseiam em realizar este sonho. Coletivamente, homens negros são incentivados para seguir esta carreira e, para nós, acreditamos que esta é uma ferramenta de dominação.

Ao conectarmos às formas de sobrevivência e as melhores chances de ascensão social para pessoas negras através do esporte, estaríamos admitindo uma série de ausências que transformam as percepções que estes sujeitos têm de si mesmos unicamente através do corpo, reproduzindo o discurso da potência corporal e ausência de espírito. Este debate entre raça, diferença e cultura esportiva é o que sustenta a publicidade que mantém perpetuada a ideia que acomoda pessoas negras em funções que, teoricamente, carecem de inteligência. Estas estratégias de inferiorizar a população não-branca, através da estética esportiva, têm sido um sucesso por justamente manter o tabu cultural da inferioridade negra através de sua potência corporal, trazendo, inconscientemente, fantasias de uma negritude subalternizada em uma

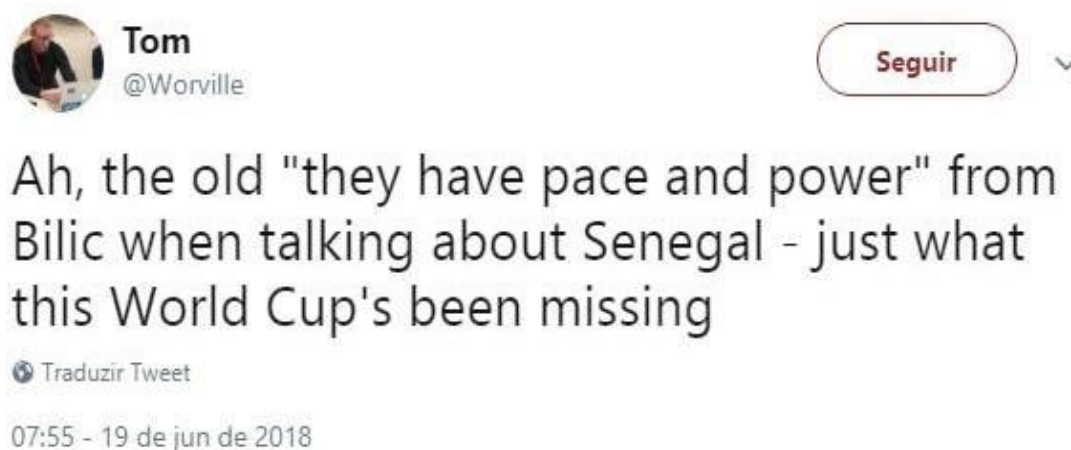
hierarquia desenhada pela branquitude. É a maneira que as sociedades contemporâneas encontraram para reviver o interesse pelo corpo obediente, subserviente, cordial.

Encaramos como dominação esta relação pela justificativa de que encontramos através dos arquétipos disseminados aos futebolistas negros como ignóbeis que continuam a ser exaustivamente explorada de maneira que mantém a hierarquia vigente. Fazermos críticas a esta realidade é uma maneira de tentarmos subverter a dominação racial para criar outras políticas de liberdade e resistências. Analisar como o arquétipo de futebolistas negros é explorado, manipulado e transformado em mercadoria racial de inferioridade é uma forma que pensamos ter potencial revolucionário para reestabelecermos histórias em novas interpretações.

Comumente, as ideias convencionais sobre raça trabalham em unir as concepções de corpo e trabalho como marcadores identitários de pessoas negras, que marcam a produção sobre a diferença racial e sua participação na cultura política contemporânea. Esta binaridade corpo/trabalho é o que sustenta a fixidez da identidade negra nesta condição estática do corpo útil para a produção, fixando a imagem racial negra apenas útil para exploração, retratada na imagem do jogador negro humilde. A quebra desta estética pode transgredir a política racial que aprisiona as identidades destes jogadores na norma desta identidade que será enaltecida para manter individualmente estes atletas sob a persona humilde ou cordial, homogeneizando a coletividade de maneira geral. O surgimento de outras personalidades pode ser importante por provocar uma quebra da norma estabelecida, ocasionando outras maneiras simbólicas de recolocar a identidade negra em outros locais fora da inferioridade. Quando localizamos raça aos patamares fixos que homogenizam toda uma coletividade por base de uma experiência cultural, como a esportiva, estes serão constituídos pelas definições que a raça dominante produz sobre esta produção.

Estes discursos tornam-se bem óbvios quando metaforizados por partidas entre seleções de futebol. Quando Senegal enfrentou a Polônia e o Japão, respectivamente na Copa do Mundo de 2018, podemos perceber a presença do mesmo repertório de estereótipos raciais do século passado através de comentários ou narrações das partidas. Senegal foi representada como “rápida e agressiva” pelo técnico da seleção Polonesa após a derrota. Slaven Bilic, técnico croata, afirmou que seleção senegalesa era muito “veloz e forte”.

Figura 7 - “Ah, o velho "eles têm rapidez e força" de Bilic quando estava falando sobre Senegal - tudo o que estava faltando nesta Copa do Mundo”



Fonte: Twitter (2018)<sup>21</sup>

Apesar destas representações sobre os atletas negros, estes estereótipos não são exclusivos deste time “feroz”, “rápido” ou “agressivo”. O técnico do Japão, Akira Nishino, antes de enfrentar a equipe de Senegal, disse “ao invés de vigor físico, temos que usar nosso cérebro para superá-los através de nossas táticas estratégicas”<sup>22</sup>. Estas formas de representação que ligam o sucesso de Senegal na Copa do Mundo de 2018 simplesmente a sua intrínseca “energia bruta” ignoram o excelente treino tático ensaiado por seu técnico Aliou Cisse, o único técnico negro de todas as seleções presentes na Rússia, que planejou muito bem a tática para sua equipe.

Estas formas de representações, além de ignorar a inteligência, treinos e desempenho táticos de seleções majoritariamente negras, ilustram perfeitamente um tipo de violência discursiva, fortemente conectado ao racismo colonial, por elogiarem as seleções majoritariamente brancas com palavras e expressões que as representem como “táticos”, “estratégicos”, “inteligentes” e “disciplinados” etc.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://twitter.com/worville/status/1009087373064527872>. Acesso em 04 jul. 2019.

<sup>22</sup> “Para enfrentar Senegal, técnico do Japão aposta em ‘jogo coletivo’”. Disponível em: <https://www.lance.com.br/copa-do-mundo/para-enfrentar-senegal-tecnico-japao-aposta-jogo-coletivo.html>. Acesso em: 04 jul. 2019.

Figura 8 - Uma seleção predominantemente branca caracterizada por adjetivos que ressaltem toda sua forma de inteligência e vigor tático

# **A disciplinada Islândia deu uma aula tática sobre como parar a Argentina de Messi**

Fonte: Epoca.com (2018)<sup>23</sup>.

“Naturalmente”, a presença da negritude servirá para os fins que a norma branca ordena. As designações que os homens negros vão receber no futebol representam barreiras simbólicas que servem como campo fértil para sua própria reconstrução como opostas ao de homens brancos, através dos estereótipos vistos e das disputas “nacionalizadas” do esporte. A população negra será testemunha e participante ativa desta reconstrução.

Para haver uma discussão sobre os tipos nacionais com o futebol – negros como rápidos ou agressivos enquanto asiáticos são táticos e inteligentes – existe uma manifestação pública e verbalizada que nomeia abertamente minorias a determinadas características como afirmação benéfica de uma pluralidade cultural. Diferente de pessoas explicitamente racistas, que defendem de maneira óbvia a superioridade racial branca, essas pessoas não se enxergam como racistas, pelo contrário, acreditam estarem defendendo características inatas ou pertencentes destas minorias. Sem estarem diretamente conectados aos aspectos da supremacia racial branca, estes indivíduos acreditam que estas representações, em formas de estereótipos, representam uma maneira progressista de enaltecer supostas “qualidades” destas populações específicas, não enxergando que estão perpetuando formas latentes de racismo. Esta é uma das formas que podemos indicar como essas declarações estão intimamente conectadas às formas de inferiorizar negros através de estratégias discursivas. Estas maneiras assumem a diferença no corpo negro assumindo uma maneira distintiva – ou desviante – da norma branca para tornar efetiva esta diferença racializada.

---

<sup>23</sup> “A disciplinada Islândia deu uma aula tática sobre como parar a Argentina de Messi”. Disponível em: <https://epoca.globo.com/esporte/meia-cancha/noticia/2018/06/disciplinada-islandia-deu-uma-aula-tatica-sobre-como-parar-argentina-de-messi.html>. Acesso em 04 jul. 2019.

Nas culturas de massa, estas formas de representações ganham distintas maneiras de reatualização de visão primitivista da população negra, colonizando por exemplo, narrativas esportivas através destes olhares raciais. Estes discursos são enraizados na crença atávica do espírito primitivo que reside em corpos negros e manifestada através de suas culturas ou estilos de vida. Esta forma de estabelecer “contato” com o outro racializado assegura formas comportamentais depositadas nesta população que está intrinsecamente conectada às histórias coloniais. O mais importante ponto que esta narrativa estabelece são as formas estruturantes de denominação contemporânea que designa o “Outro” em forma distinta, na qual estabelece o não-branco como ser racializado que difere-se através de uma norma estabelecida como inferior. Estas narrativas sustentam-se através destes estereótipos primitivistas para evocar um mundo naturalizado de harmonia entre a negritude e a natureza.

São nessas formas primitivas de representações que as produções midiáticas culturais esportivas estão centradas. É na diferença que o homem negro carrega consigo que o drama da negritude inferior é expressado. Desafiados por “qualidades” inatas ao próprio ser e aos seus problemas típicos de sociabilidades periféricas que marcam a racialização destes seres como intensos, desafiadores, selvagens e perigosos. Esses marcadores asseguram que a experiência negra seja vista como animalesca e espiritualmente inferior. Estas fantasias sobre o que é a ficção do “Outro” racializado, nada mais é que a projeção de forças designadas para dominar esta população, que emergem através de relações entre forças ou negociações. Esta realidade pode ser expressada através do contato entre a raça branca com a raça negra, na maneira que a primeira ainda expressa políticas de dominação racial manifestada em suas interações pessoais.

Estas formas de reconhecer o racismo como disputas entre relações e poderes desiguais é um ponto de partida para entendermos a possibilidade de discutir as relações raciais fora da norma de dominação, baseada na negação, na ficção do “Outro” e em suas fantasias. Geralmente estes embates são mascarados quando representados em midiáticos esportivos, como demonstramos acima. O futebol é uma das inúmeras áreas que a política da representação racial tem em relação ao grande impacto de suas audiências. A diversidade de atletas e suas distintas raças funcionam como produtos culturais que assumem formas evidentes de mercadorias integralmente preenchidas de valores simbólicos para o futebol.

Figura 9 - A raça negra representada por suas “ausências”

## Aidar sonha contratar Kaká: "É bonito, tem todos os dentes na boca..."

Dirigente tricolor enumera características pessoais do jogador do Milan para justificar o desejo de repatriar o meia: "Cairia como uma luva"

Fonte: Globoesporte.com (2014)<sup>24</sup>.

O trecho acima reproduz um preconceito já muito disseminado, propagado por torcedores do São Paulo, visando ofender seus rivais corintianos, retratando-os como “favelados”, “desdentados” e “analfabetos”, entre outras ofensas que fazem referência à origem periférica e das baixas camadas sociais associadas ao clube Corinthians. Deste modo, as representações midiáticas do mundo futebolístico fazem parte de um espaço de disputas que nos pode fazer entender como sua produção simbólica é realizada para a ridicularização das camadas populares e predominantemente negras. O sucesso que o futebol tem está relacionado radicalmente com as diversas imagens de atletas – brancos ou negros – que se tornam modelo de estratégias enaltecidas das raças ou suas características vistas como brancas, em detrimento da raça negra e suas características vistas como pertencentes a esta categoria racial “oposta”. Estes discursos não necessariamente usam falas explícitas de racismo ou apenas concentram-se em discursos visuais, mas este repertório analisado de forma geral nos provê um excelente exemplo de como a cultura esportiva contemporânea explora noções de inferioridade racial através do uso desses discursos imagéticos ou verbais.

A imagem de Kaká – um homem branco – é representada a partir de uma benevolência intrínseca a este indivíduo, que carrega em um suposto “brilho” nos olhos quando joga futebol. Kaká é um ícone de pele clara, de olhos radiantes, de uma branquitude inocente, impossibilitada de fazer mal a alguém. A fala do dirigente enuncia que este jogador representa a instituição do clube São Paulo pois este jogador expressa sua cultura, seu estilo de vida, ele é alfabetizado e “bonito”. Kaká não pode jogar no Corinthians, pois ele tem todos os dentes na boca. O

<sup>24</sup> “Carlos Miguel Aidar fala sobre Kaká e provoca corintianos: “Tem a cara do São Paulo, alfabetizado, tem todos os dentes na boca”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/sao-paulo/noticia/2014/04/aidar-sonha-contratar-kaka-e-bonito-tem-todos-os-dentes-na-boca.html>. Acesso em: 04 jul. 2019.

argumento odontológico também não é coincidência. No Brasil, a desigualdade social pode ser medida pelos dentes: quem é rico vai ao dentista, quem é pobre sente dor<sup>25</sup>.

Este é um ótimo exemplo da expressão maior de como falar sobre raça negra sem nem citar explicitamente algo estritamente relacionado à cor. Nada é falado sobre negros, entretanto, os arquétipos que definem o que é a negritude estão presentes nestes discursos. Geralmente, é comum encontrarmos estratégias que enganem o público através da leitura ou da representação imagética por exclusão da negritude e representação da brancura através de suas características naturalmente encantadoras, benévolas, com “brilho nos olhos”. O ponto principal desta estratégia é distanciar ou desefamiliarizar a imagem da raça negra da imagem branca, sem necessariamente mencionar cor ou raça, mas sim características que podem ser racializadas. Na maioria destes materiais esportivos, podemos perceber a mensagem implícita – ou neste caso quase explícita – do enaltecimento da brancura e sua inata superioridade – personificada na imagem de Kaká – sugerindo maiores virtudes ao qual o clube São Paulo se identifica e, por isso, enaltece. Assim, neste efeito discursivo estético verbalizado, a branquitude é protagonista. Através desta exploração sobre esta brancura, a negritude é explorada como modelo antagonista que contrasta com o arquétipo anteriormente estabelecido. A ausência direta de um discurso sobre negritude, ao qual Kaká protagonizou, é apenas a afirmação do que se pensa sobre cultura hegemônica e como seus sujeitos brancos são dignos destes enaltecimentos. Fala-se da população negra a partir do momento que se enuncia o seu antagonismo branco.

Esta alquimia da elaboração dos grupos raciais é perpassada pela construção mental de uma realidade social concreta. De forma recorrente, existe uma acomodação de diferentes hábitos, costumes ou personalidades que emergem sobre a população negra através dos parâmetros de produção cultural que tornam as vozes brancas mais ouvidas por maiores audiências. Mesmo sabendo que existem diversos futebolistas negros de sucesso, muito destes carregam o impulso de negar sua negritude, tornando as ameaças diárias de enfrentamento ao racismo, à descolonização e a luta por uma identidade libertária muito mais difícil. Nesta realidade, é muito comum as problemáticas envolvendo as relações raciais – inclusive nas representações – haver a clássica predominância explicativa da classe sob a raça. Este panorama inibe a capacidade de nós entendermos as imagens direcionadas aos jogadores negros em particular, porque para assimilarmos suas realidades a partir da visão classista, devemos primariamente analisar sua raça, pois o conceito de hegemonia entendido por nós se baseia entre

---

<sup>25</sup> “A desigualdade no Brasil é medida pelos dentes: ricos vão ao dentista, e pobres sentem dor” disponível em: <https://theintercept.com/2019/05/13/desigualdade-no-brasil-dentes/>. Acesso em: 04 jul. 2019.

as relações entre estas duas categorias. E, talvez, o mais importante é a associação “legal” em representar problemas de classe em termos raciais. Certamente, nesta associação há diversas maneiras de representar estereótipos raciais que perpetuam e normatizam estas relações raciais desiguais a partir destes marcadores socio culturais.

As expressões que reprovam algumas personalidades de jogadores negros através de críticas classistas – personificadas em seus estilos de vida - indicam como as estratégias de acomodação racial são reinscritas e marcadas em uma narrativa fantasiosa e essencialista sobre a população negra para estimular um certo primitivismo humilde em condutas sociais subordinadas. Devido a este contexto cultural, encaramos várias estilizações de vida de jogadores negros hostilizados pela opinião pública menos como personalidades vazias de sentido e mais como signos críticos de quebras paradigmáticas.

Quem pode de fato entender a insistência em tornar um jogador de futebol negro como o inimigo público a ser dominado, mesmo quando suas ações, modo de vida, pensamento e declarações não estão de forma alguma vinculados ao processo de luta por igualdade racial? Quando homens negros, mesmo sem a retórica de luta por igualdade, tem penteados afro, usam roupas extravagantes, joias caras, têm personalidades hedonistas, irônicas e são símbolos de publicidade, estes expõem uma maneira de remodificar os símbolos de integração política em sociedade, gerando outras possibilidade destes mesmos homens negros servirem como modelo de política racial. Como símbolos, seu poder inato de propiciar ou negar uma consciência só é possível quando normatizada. As comunidades de representações são replicadas através dos arquétipos ao quais são produzidas pelos mais variados tipos de personalidades negras.

Stuart e Elizabeth Ewen (1982) enfatizam que as políticas de consumo devem ser entendidas além das concepções mercadológicas sobre o que se quer comprar ou boicotar. Consumo é uma relação social, as representações sociais como símbolos dominantes em nossa sociedade tornam as possibilidades de criação comunitária muito difíceis por um lado, enquanto por outro, se usam determinadas formas de personalidades para elevar formas significativas de coesão social. É uma questão de imersão e proporção das políticas raciais que estão em jogo. Para estabelecer um senso popular integracional, o mero consumo é transcendido e a dificuldade de encontrarmos os fatores raciais destes enaltecimentos ou repúdios aumentam através das representações que procuram as “melhores” personas a estabelecerem determinadas qualidades de vida e de características pessoais.

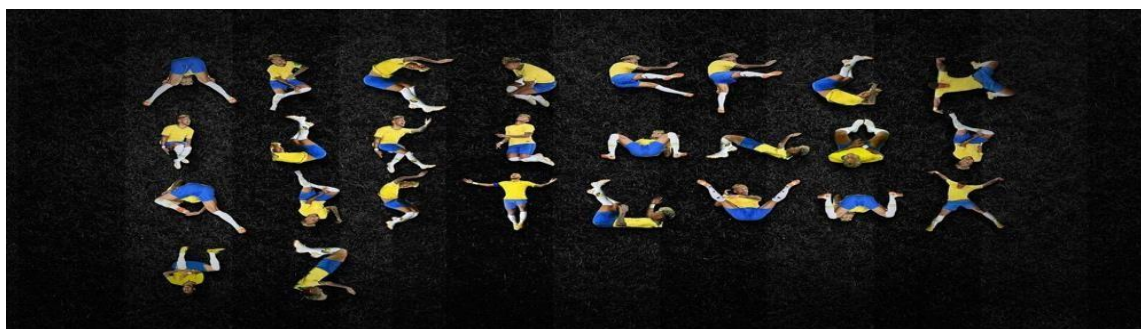
As representações de futebolistas negros raramente são encaradas ou conectadas com alguma cultura política de maneira geral. Quando estas imagens são estabelecidas e normatizadas, é comum para os consumidores esportivos ignorarem as mensagens políticas que estes atletas carregam consigo. Até porque, muito destes reproduzem os discursos ao qual estes são alvos, reiterando os estereótipos violentos dos corpos negros indomáveis das relações físicas violentas do essencialismo da negritude bestial e agressiva.

Figura 10 - O enaltecimento da agressividade negra

## Felipe Melo dá show em entrevista e promete 'tapa em uruguaio'

Fonte: Veja (2017)<sup>26</sup>.

Figura 11 - Em tom de piada, internautas elaboraram um novo tipo de alfabeto com as imagens de Neymar caído no gramado: o Neytype



Fonte: Globoesporte.com (2018)<sup>27</sup>.

Estas formas de representações exploram a cultura do desejo para inscrever a negritude como signo primitivo de selvageria, que carregam consigo a sugestão que seus corpos têm acesso intenso de potencialidades corporais. É o corpo do homem negro que está intrinsecamente relacionado de poderes físicos e de erotismos provenientes da natureza, caracterizados constantemente como exóticos. Foi este corpo muito desejado no trabalho escravo. Este mesmo corpo é o mais representado na cultura popular contemporânea como

<sup>26</sup> “Felipe Melo dá show em entrevista e promete ‘tapa em uruguaio’”. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/felipe-melo-da-show-em-entrevista-e-promete-tapa-em-uruguaio/> Acesso em: 04/07/2019.

<sup>27</sup> “Balanço: Neymar deita e rola, gera memes, e seleção espera ‘fico’ de Tite”. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/balanco-neymar-deita-e-rola-gera-memes-e-selecao-espera-fico-de-tite.ghtml>. Acesso em: 04 jul. 2019.

corpo a ser assistido, imitado, desejado, possuído, sexualizado, instrumentalizado. E ao invés deste corpo significar prazer no cotidiano – excetuando-se os desejos sexuais -, o corpo negro é representado sistematicamente como o corpo que sofre. O prazer de assistir a dor neste corpo é relacionado ao processo de ridicularização junto do seu prazer sádico.

Não há uma linguagem eficiente para dor, que possa traduzir os sofrimentos da violência racista, da mais-valia, do excesso de trabalho, da ridicularização, da doença. Todas estas formas de sofrimento têm consequências políticas. Tristemente, muito destes homens negros são incapacitados de articularem conhecimento sobre a dor complexa presente em suas existências. A sociedade racista não permite que estes se façam ser ouvidos (SPIVAK, 1987), e lamentavelmente, reatualizam as retóricas raciais brancas sobre vitimismos em suas cegueiras coletivas sobre o sofrimento racial negro alheio. Novamente, a ridicularização de um homem negro, agora em escala global, não parece incomodar o mundo.

Quando homens negros ascendem pela via esportiva, por exemplo, isto não significa que esta trajetória ou profissão permita que se articule discursos políticos sobre estas dores. Pelo contrário, muitas das narrativas são destacadas principalmente por seus respectivos méritos, advogando na inviabilização do racismo que nega estas dores através de suas trajetórias de sucesso. É verdade, muitos destes atletas surgiram através de condições perversas de pobreza, limitação e ausências que caracterizam estes locais marginais ao qual vários futebolistas vivem ou já viveram. Estas periferias fazem parte do contexto urbano que estes indivíduos são provenientes, oferecidas individualmente a cada um como forma de ganhar reconhecimento público.

Grande parte desta dor que pessoas negras experenciam diariamente em contexto de segregação racial é impulsionada por forças opressivas de desumanização, que sustentam a invisibilidade desta parcela populacional, negando formas de reconhecimento. O futebol é considerado como uma maneira de chamar atenção, de contar histórias sobre diferentes vidas, apesar dos romantismos e tons fantásticos que estas narrativas carregam consigo. O futebol provê atenção e uma pequena possibilidade de ascensão social para homens negros que geralmente não são vistos em sociedade, a não ser em representações naturais de seus locais de pertença, tomados pela pobreza e a violência policial, que humilham, violentam, controlam e exterminam estes indivíduos. A história pública do futebol narra diretamente um discurso que retrata estes locais típicos da segregação racial como dificuldades que não interferiram em seus sonhos, ou seja, reproduz a narrativa da dominação racial mas que desconsidera os racismos

diários como elemento central na vida destas pessoas que impede formas de oportunidades sociais na trajetória pessoal destes indivíduos.

Estas histórias sobre racismo e futebol demonstram que os esportes não podem ser deslocados das estruturas sociais de poder em suas análises. Isto significa que não devemos isolar analiticamente a categoria esportiva de uma realidade segregadora, desigual ou discriminatória em relação às minorias sociais, principalmente no que se refere aos direitos da população negra. As políticas culturais envolvem atletas não-brancos comumente em relações abusivas e discriminantes. Essas formas de tratamento distintivo são realizadas de maneira diária no futebol brasileiro. Comumente vemos torcidas com gritos explicitamente racistas, verbalizando palavras como ‘macaco’, visando ofender jogadores negros. Entretanto, muitas vezes vemos argumentos que tais ofensas verbais – explícitas ou implícitas – são usadas para desconcentrar o oponente, não havendo caráter ou assunção do racismo, tratando-se apenas de mera rivalidade esportiva. Há seguramente uma influência de padrões de sociabilidade dentro do futebol que é baseada no racismo, que este esporte é qualificado como categoria que expresse a democracia racial. Contudo, o que ocorre é um “relaxamento das tensões raciais” (HELAL; GORDON JR., 2001) que torna este cenário do racismo velado possível. Existe uma norma social que quando jogadores negros sofrem racismo, os atletas não devam se ofender, pois faz parte da rivalidade esportiva. Caso este atleta se posicione contra estas injúrias raciais, muito provavelmente serão criminalizados por “vitimização”, podendo ter consideráveis e prováveis prejuízos em suas respectivas carreiras futebolísticas.

Geralmente essa realidade vem acompanhada de argumentos que tratam do racismo como fator ausente do futebol brasileiro pela presença massiva de atletas negros neste esporte. Contudo, essa explicação além de simplória, carrega consigo outras conceitualizações sobre racismo de maneira oculta. De forma comum, os esportes são encarados como áreas leves de discriminação racial por contar com grande presença de indivíduos negros. Dessa maneira, há um acordo silencioso que parte destas áreas como propícias para a ascensão social da população negra enquanto assume-se implicitamente que outras formas de ascensão social são impossibilitadas em diversas outras esferas empregatícias para esta população. E mesmo que estes outros fatores não fossem verdadeiros, o futebol ainda não é uma profissão exemplar de integração racial. Essa visão é fruto do racismo científico que constrói o mito da suposta predisposição natural de indivíduos não-brancos têm em seguir nas carreiras esportivas em detrimento do percurso universitário ou de atividades cognitivas, por exemplo. Estas visões são extremamente difundidas na cultura esportiva.

No Brasil existe uma crença extremamente difundida que negros não devem assumir posições que prescindam de frieza ou inteligência, comumente associadas à posição de treinadores e goleiros no futebol. Muitos acreditam que este mito foi fundado em 1950, após a derrota na final da Copa do Mundo para o Uruguai, que o goleiro Barbosa e os defensores Bigode e Juvenal, foram responsabilizados pela derrota. Repetindo a frase de Gilberto Freyre “Nosso futebol mulato, com seus floreios artísticos cuja eficiência – menos na defesa que no ataque – ficou evidente nos encontros com os europeus” (1957:433). Jogadores negros se destacariam por natureza *menos na defesa que no ataque* por essas posições, supostamente, terem caráter de maior vigor racional que corporal. O mito é um discurso – verbal ou visual – que comunica sobre qualquer objeto para produzir o real ou o ilusório. Enquanto produto psíquico, o mito resulta em um conjunto de representações que expressa e oculta uma ordem de produção de bens e doutrinação. Enquanto que negros são valorizados no Brasil por atuarem como atacantes – pela constatação racista de que o drible destes jogadores é “jogar sem pensar” ou “sentir com o corpo” – as posições que prescindem de frieza, estudo, inteligência e análise tática, como as de goleiro e técnicos são esmagadoramente ocupadas por homens brancos.

Em um contexto que estes estereótipos raciais não são vistos como algo negativo, politicamente errado ou incorreto – que muitas vezes são vistos como qualidades -, podemos começar a conceituar politicamente para identificarmos maneiras de como estas afiliações racistas interferem de forma incidente na vida destes atletas. Ao reconhecermos como este cenário mobiliza nossa visão sobre raça, talvez possamos entender melhor as representações sociais que tornam este padrão como norma social.

### 6.3 Transformando futebolistas negros em sujeitos

Ao assistir a entrevista do goleiro Aranha<sup>28</sup>, logo após ser chamado de ‘vagabundo’, ‘fedorento’ e ‘pilantra’ pela mesma torcida que o chamou de macaco meses atrás, vi meu espírito antirracista se aflorar. Esta dissertação nascia naquele momento, mesmo sem nem ter consciência disso. A “entrevista” do goleiro – único negro cercado por homens e mulheres brancos e brancas – foi apenas uma continuação violenta que começou com a torcida, mas que se estendeu através dos jornalistas que questionaram os motivos da indignação do jogador,

---

<sup>28</sup> Mário Lúcio Duarte Costa, mais conhecido como Aranha, é goleiro e homem negro que atua no futebol brasileiro. Sofreu duras críticas por condenar atos de racismo e denunciar torcedores que os chamaram de “macaco” em partida válida pela Copa do Brasil de 2014. Para maiores informações: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-brasil/noticia/2014/08/santos-vence-gremio-e-tem-grande-vantagem-aranha-acusa-racismo.html>. Acesso em: 01 jul. 2019.

irracionalizando sua denúncia e seu ato discursivo. Existem pouquíssimas obras que abordem este capítulo de racismo no futebol brasileiro.

Estas maneiras de irracionalizar o discurso negro é relacional com o padrão de aceitação generalizada ao qual a população negra é vista como principal culpada através de estratégias de normatização das violências que estes sofrem. Nestes casos, é normal aceitar a violência física, simbólica e verbal ao qual pessoas negras são alvo. Afinal, não é novidade para a mídia tratar casos como estes como mera vitimização. Estes fatos reforçam como o sistema racista determina como se olha ou se interpretam os racismos diários. As posturas dos jornalistas corroboram para a solidificação da experiência negra como carente de indignação, que não devem se rebelar contra as hostilidades que sofrem e que devem receber passivamente estes gritos discriminatórios, absorvendo as mensagens de ódio em si mesmos. Este exemplo é só mais um relato sobre racismo como sinônimo de vitimização. Estratégias que têm como objetivo trazer impotência ao discurso de indivíduos negros, que visam combater a subjetividade política e antirracista destas pessoas, tentando reprimir, silenciar, afastar e aniquilar seus repertórios políticos reivindicatórios, desviantes da norma subalterna negra.

Este fato ocorreu quando o jogador ainda atuava pelo time do Santos, em 2014. Aranha foi chamado de ‘macaco’ e de ‘preto fedido’ por diversos torcedores do Grêmio<sup>29</sup>. Diversas filmagens flagraram as ofensas racistas, ocasionando a exclusão da equipe na competição<sup>30</sup>. No mesmo ano, o goleiro voltou à Porto Alegre para enfrentar o mesmo clube, agora pelo campeonato brasileiro. Durante toda a partida foi vaiado por grande parcela presente no estádio. Após o jogo, o atleta deu entrevista e afirmou que esta manifestação revelava caráter racista, reforçando os preconceitos dos torcedores presentes no estádio que o ofendiam, pois as vaias não eram naturais de uma suposta rivalidade esportiva. Os repórteres que o entrevistavam cercavam o jogador e o questionava sobre o que havia demais nas manifestações dos torcedores, alguns lançando sorrisos provocadores, insinuando que nada estava fora do habitual<sup>31</sup>.

Para estas pessoas, o goleiro foi responsável pelo “desentendimento” que ocasionou a eliminação de um dos maiores clubes de uma das competições esportivas mais importantes do Brasil. O racismo é nossa condição cotidiana. Por séculos a população branca falou sozinha

<sup>29</sup> “O futebol brasileiro enfrenta mais um caso de racismo” disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/08/29/deportes/1409339595\\_148262.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/08/29/deportes/1409339595_148262.html). Acesso em: 01 jul. 2019.

<sup>30</sup> “Grêmio é eliminado da Copa do Brasil por atos racistas de torcedores” disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/04/deportes/1409847233\\_297463.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/04/deportes/1409847233_297463.html). Acesso em: 01 jul. 2019.

<sup>31</sup> “Goleiro Aranha discute com repórter” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BbWfh5geydQ>. Acesso em: 01 jul. 2019.

neste país, esta entrevista é apenas o reflexo de um embate metaforizado entre o privilégio branco que tenta impedir as vozes negras ecoarem seus discursos sobre igualdade ou denúncia social. E novamente, o futebol reproduz a lógica que toda vítima de racismo é o verdadeiro culpado. Luiz Carlos Silveira Martins, ex-presidente do Grêmio, disse que o goleiro “fez uma cena teatral depois de ouvir um gritinho”<sup>32</sup> e nos tribunais, a defesa gremista argumentou que Aranha teria provocado a torcida ao fazer “cera”<sup>33</sup> durante o jogo. O atleta foi chamado de “macaco”, “preto fedido”, “encenador” e “mentiroso”. Estas são as sanções negativas para quem não respeita as normas sociais que estipulam o silêncio negro.

Narrativas de irracionalização ou inversão da culpa como estas indicam que determinados atletas negros são enaltecidos para contar histórias de superação, de sacrifício e trabalho duro, enquanto outros são criminalizados por denunciar violências ou por efetivar discursos por igualdade. O destino de indivíduos negros que fogem da ritualização do comportamento racial é muito arriscado, pois a sociedade só quer ouvir as histórias sobre mérito pessoal. Estes cenários nos ajudam a problematizar como são encaradas as subjetividades de futebolistas negros. Estes esforços tentam localizar ou evocar a identidade negra de maneira essencialista, localizando estes sujeitos negros em perspectivas, valores e estilos de vida que possam traduzir a experiência de uma coletividade negra como “subalterna”, que reconhece seu lugar na base da hierarquia em suas vidas desiguais em relação às pessoas brancas.

Com uma postura política bem definida, Aranha não permitiu ser usado como algum fantoche negro que reproduz algum discurso apaziguador sobre a desigualdade racial e, por isso, foi ridicularizado pela imprensa, por jornalistas, torcedores, cartolas e até por companheiros de profissão. Este terrorismo é uma forma de tentar silenciar quem não reproduz a norma da hegemonia branca. São estas formas de proliferação do medo que podem ser responsáveis por impedir que pessoas negras expressem uma postura política mais radical. Suas declarações políticas de denúncia e diálogo com tais códigos apontam para o antagonismo entre o local que insistem posicionar a população negra na tentativa de regular que tipo de desenvolvimento cultural atletas negros devem reproduzir, enaltecer ou reprimir.

---

<sup>32</sup> “Ex-presidente do Grêmio acusa Aranha de ‘teatro’ e minimiza caso” disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/2014/09/02/ex-presidente-do-gremio-acusa-aranha-de-teatro-e-minimiza-caso\\_a\\_21678086/](https://www.huffpostbrasil.com/2014/09/02/ex-presidente-do-gremio-acusa-aranha-de-teatro-e-minimiza-caso_a_21678086/). Acesso em: 01 jul. 2019.

<sup>33</sup> Fazer cera é um termo muito associado aos eventos esportivos que significa gastar tempo enquanto finge-se fazer algo, sem realmente produzir nada. O termo é extremamente difundido no futebol.

A complexidade desta relação flutuante do protesto racial amplia os pontos de problematização que a temática da representação e da identidade racial requerem para tratarmos o assunto. Através da postura do atleta criou-se uma conduta conflituosa que conecta um passado escravocrata com um presente colonial e, muito provavelmente, com um futuro tradicional de hierarquias. Se um goleiro negro da divisão futebolística mais importante do país não consegue operar garantias conferidas pela sua posição social e de classe, o que dirá da população negra e periférica? Podemos perceber, entre outros fatores, que o racismo opera fora e acima dos interesses e valores sociais imanentes às situações de classe.

A quebra de protocolo provocada por Aranha ao público em geral sobreveio através de sua relação violadora de expectativas ao posicionamento das estruturas de reconhecimentos e assimilações raciais. Essa quebra geralmente acontece quando as expressões de estabilidade das hierarquias raciais diminuem, havendo uma suspensão do tratamento “amistoso” para reforçar um tratamento ainda mais desigual, manifestada em uma situação de diferença marcante que transformam o racismo em instrumento principal para reestabelecer a hierarquia racial rompida pela vítima que denuncia os ataques violentos. Há um panorama de afazeres e regras que a ritualização do comportamento racial exige através da regulação de condutas sociais da vítima negra: o silêncio, a humildade, a simpatia, a quebra de solidariedade com seus locais de origem, entre outros comportamentos, fazem parte de um repertório maior de características que visam isolar a figura negra em sua estratégia de desarticulação das forças emancipatórias que podem surgir a partir de redes de interdependência e integração de grupos marginalizados.

Desta forma, o processo de ridicularização não ocorre apenas com futebolistas negros que têm consigo uma postura combativa ou antirracista. A categoria de negritude “insubordinada” varia desde uma postura política até um modo de vida encarado como arrogante ou consumista, que contraste com a figura “amena” da negritude “humilde”. Neymar, por exemplo, foi chamado de “monstro” quando tinha apenas 18 anos por ser desobediente, mas isto não se repetiu quando foi acusado de estupro em 2019, aos 27 anos. Neymar nunca defendeu causas minoritárias, nem nunca apoiou nenhuma pauta encarada como progressista. Então, por que tantas críticas ao seu estilo de vida, se nem num suposto caso de estupro seus fãs, os profissionais do esporte ou a própria mídia o condenaram como “monstro”?<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> “Acusado de estupro, Neymar agradece fãs: “Nunca me senti tão amado”” disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2019/06/05/acusado-de-estupro-neymar-agradece-fas-nunca-me-senti-tao-amado.htm>. Acesso em 06 ago. 2019.

Transformado em novo fenômeno esportivo, Neymar não tinha – ou tem – posições que dialoguem com a ritualização do comportamento racial que possa sustentar a fixidez do essencialismo negro na subalternidade. De ícone cultural, ele foi levado pela representação midiática como “garoto problema”, pois sua persona não traduz a imagem subserviente do modelo escravocrata de negritude que sabe seu lugar. Sua vida não é mais vista como um modelo a ser seguido, a não ser, talvez, no quesito sobre violência e estupros contra mulheres, pois a sociedade parece não aceitar negros arrogantes, mas estupradores e violentadores de mulheres, sim. Jogadores de futebol são formados através de uma série de condutas machistas que pregam a virilidade e a imposição física como virtudes para se tornar um atleta de alto rendimento. Os exemplos que esta realidade traz consigo são inúmeros e as consequências são desastrosas. E, geralmente, todos os homens saem impunes. Estas estruturas machistas do futebol devem ser denunciadas, mas por conta de suas complexidades, as deixaremos de lado neste trabalho. Este tema prescinde de uma investigação muito minuciosa para ser elaborado. Quem sabe no futuro não tratemos desta área de investigação.

Analisar como casos de linchamentos sobre futebolistas negros que ousam afirmar sua subjetividade – antirracista ou não – faz parte de nossos objetivos aqui. Atingir o poder que as representações sociais sobre futebolistas fazem parte do entendimento que acarretam em imagens de inferioridade negra. As diferentes narrativas sobre estes esportistas nos oferecem diversas maneiras de analisar suas distintas representações e suas diversas trajetórias. Estes fatores nos permitem conhecer as condições que possibilitam as diferentes formas de subjetividade que estes indivíduos negros carregam consigo, assim como entender as diferentes representações inferiorizantes que serão direcionadas a estes sujeitos. Apesar de suas diferenças, na maioria dos casos estes indivíduos negros que desafiam a imagem do negro cordial, humilde ou subordinado, serão punidos por remarem contra a maré e sofrerão sanções negativas por realizarem escolhas contrárias às imagens do arquétipo subordinado ao qual um homem negro futebolista deveria ser e representar.

Não é por acaso que Adriano Imperador<sup>35</sup> foi taxado de alcoólatra, bêbado, viciado e traficante quando resolveu abandonar sua carreira brilhante de forma precoce após a morte de seu pai. Enfatizamos a importância simbólica deste trajeto realizado na contramão da ascensão, pois, este homem trocou o título de “rei de Roma” para voltar para a sua “quebrada”, na Vila

---

<sup>35</sup> Adriano Leite Ribeiro, mais conhecido como Adriano Imperador, é um ex-futebolista e homem negro que atuou no futebol brasileiro e no futebol italiano. A carreira do centro-avante foi marcada por grande sucesso como artilheiro e por diversas polêmicas envolvendo seu nome.

Cruzeiro, no Rio de Janeiro. As perspectivas essencialistas de mobilidade social para indivíduos negros perpetuam as premissas que encorajam a ascensão social a partir do afastamento da negritude e seus locais de origens, a periferia, os subúrbios, as comunidades, a negritude. Acreditamos que a trajetória de Adriano se mostra de maneira singular pois demonstra que sua busca é maior que o acúmulo monetário, ele luta pela autorrealização pessoal para tornar-se companheiro de seus semelhantes no local em que nasceu.

Depois que ascendem socialmente e economicamente, a população negra tem que seguir fielmente o conjunto de normas, condutas e regras que são expectadas sobre este grupo racial, através da ritualização de seu comportamento social. Esse processo ritualístico das prerrogativas de sua situação social produz e reatualiza o estímulo e difusão da valorização de padrões comportamentais de ordem tradicionalista nas condutas da população negra. O atleta quebra as prerrogativas de sua situação social por atingir a ascensão social e preferir voltar para o seu local de origem, a periferia.

O protocolo racial impõe como maneira de autodefesa a ruptura com a própria população negra. Este mecanismo institui como regra um sistema para “proteger o indivíduo contra os padrões de solidariedade, que o arruinaria se fossem conservados e liquidariam qualquer perspectiva de continuar no jogo da mobilidade social ascendente” (FERNANDES, 2007:74). Adriano ultrapassou os limites das condições históricas e pessoais, superou as adversidades de uma infância difícil, sem regalias e metaforizou a história do típico herói brasileiro (HELAL; MURAD 1995), de quem rompeu com a história da pobreza familiar e conseguiu ascender economicamente, depois de muito trabalho duro e cálculo prospectivo. O trajeto de mão única idealizado por tantas crianças no Brasil e no mundo, serve-nos de exemplo como a estrutura social estipula para a população negra qual deve ser o único caminho a ser percorrido. O caminho inverso não pode ser considerada uma opção. E aqueles que transgredirem as alternativas pré-definidas vão sofrer as sanções negativas das quebras de expectativas que estes deviam representar consigo.

Figura 12 - Adriano sofre sanções negativas por realizar o percurso inverso da ascensão social

≡ EL PAÍS

ESPORTES

FUTEBOL >

## Jogador Adriano é acusado de colaboração com o narcotráfico

O atacante brasileiro vê frustrado seu contrato com o Le Havre francês

Fonte: El País (2014)<sup>36</sup>.

Este tratamento acusatório visa criminalizar a população negra através de estigmas típicos de sociabilidades periféricas, frequentemente associados ao tráfico, sobre o uso de drogas e aos vícios entre outros psicotrópicos, lícitos ou ilícitos. Estas associações são estratégias de quebrar seus laços societários e fraternos entre sua própria relação com seus locais de origens, entre negros e negras. Este fato é tão difundido na sociedade brasileira contemporânea quanto o foi na escravidão no passado. A relação desigual ao qual se trata as diferenças raciais envolvem a criação de expectativas, normas, regras, ritualizações e protocolos criados para subordinar a população não-branca. O preconceito racial, desta forma, torna-se elemento fundamental para basear as relações do presente e reatualizar as relações entre escravizado-senhor em que se prescreve rigorosamente quais comportamentos são adequados, que tipo de linguagem, personalidade, obrigações e direitos a população negra deva preservar.

Nas sociedades de classes multirraciais, como a brasileira, a raça exerce funções simbólicas de conotações valorativas e estratificadoras. A raça serve para organizar a distribuição dos indivíduos em diferentes posições nas estruturas de classe, que são variadas conforme sua pertença esteja mais próxima - ou mais distante - dos padrões de sociabilidade e das ritualizações do comportamento da raça dominante, ou seja, da norma branca. O estigma inferiorizante de homens negros são perdurados se estes não interpretarem o papel de sujeito disciplinado – doce, submisso, produtivo e útil – enquanto a sociedade branca age com autoritarismo e paternalismo. Estas formas de sociabilidade se espalham em sociedade depois que uma pequena parcela da população negra adentra no sistema ocupacional das cidades, enquanto outra parcela maior ocupa posições típicas de situações pré-industriais e pré-

<sup>36</sup> “Jogador Adriano é acusado de colaboração com o narcotráfico”. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/05/deportes/1415200896\\_264585.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/05/deportes/1415200896_264585.html). Acesso em: 29 mar. 2019.

capitalistas. As disposições básicas para ser tratado como cidadãos portadores de direitos – leia-se branco – era justamente ter que deixar de ser negro. Quando o sujeito negro busca a via da ascensão social, este pode tornar-se gente. Mas caso retorne para os locais típicos da negritude subalterna, estes sofrem com as sanções negativas de categorizações raciais subalternizantes.

Figura 13 - "A queda de Adriano": voltar pra casa é representado como signo de vergonha

## De craque na Itália à volta para a Vila Cruzeiro: entenda ascensão e queda de Adriano

Jogador brilhou na seleção brasileira, mas fama e morte do pai levaram ao abuso de álcool e problemas de disciplina

Fonte: Esporte Fera (2017)<sup>37</sup>.

A ideologia do embranquecimento e o mito da democracia racial resultam num crescente desestímulo à solidariedade da população negra que percebia seu grupo de origem como sinal de negatividade, cujo local teria de escapar para realizar, individualmente, as expectativas de ascensão social. O caráter individualista da ascensão social é coerente com as premissas da democracia racial por enfatizar a capacidade individual como único caminho possível e responsável pela concretização de sua mobilidade ascendente. Notem que na matéria jornalística a Itália é percebida como “ponto alto” da carreira do jogador ou na concretização da mobilidade social, mas a volta para seu local de origem é entendida como a “queda de Adriano”.

Embora as narrativas das trajetórias destes homens negros citados sejam bastante distintas entre si, elas nos contam histórias que nunca serão o suficiente para registrar suas próprias experiências. Mesmo que estas histórias não sigam um roteiro político antirracista consigo, elas narram suas subjetividades e a complexidade de suas respectivas experiências como sujeitos negros. Precisamos analisar mais a vida e representações destes indivíduos para

<sup>37</sup> “De craque na Itália à volta para a Vila Cruzeiro: entenda ascensão e queda de Adriano” disponível em: <https://esportefera.com.br/noticias/futebol/de-craque-na-italia-a-volta-para-a-vila-cruzeiro-entenda-a-ascensao-e-queda-de-adriano,70000000681>. Acesso em: 28 jun. 2019.

reivindicar formas igualitárias de políticas raciais, compartilhando o processo de transformação na vida destes e outros indivíduos, como se enxergam e como são vistos.

#### **6.4 Vendendo o arquétipo negro: ideais sobre mérito e igualdade a partir das representações da negritude humilde no futebol**

De maneira constante, sempre tentei conversar com amigos e amigas sobre a imagem de jogadores negros de futebol em midiáticos. Enquanto alguns fingiam prestar atenção, outros discordavam imediatamente. Para alguns, o racismo não só não estava – ou está – presente nestes discursos, imagens e arquétipo negro, como diziam que eu estava perdendo meu tempo analisando futebolistas negros que não sofrem sanções negativas por suas respectivas condições de classe. Repetiam o discurso da classe ser mais importante que a raça e que eu não devia defender atletas negros que nem sequer se identificavam como negros. Eu estaria rico se tivesse recebido uma moeda para cada vez que ouvi um comentário como esse.

Vivemos em um mundo que não têm ideia da carga simbólica que pessoas negras carregam consigo, independentemente de seus locais, classe, cultura ou postura política. Constantemente as pessoas não conseguem enxergar as representações negras como signo de uma nostalgia de um passado escravista. Observando estas imagens, discursos e arquétipos, vemos conexões manifestadas de representações contemporâneas com influências diretas da imagem sobre negritude de maneira tradicionalista. Podemos citar como Hall (1997) expõe estas imagens que referenciam atletas negros dotados de alto teor sexual ou de tendências naturais para serem trapaceiros.

As representações da população negra na cultura futebolística contemporânea raramente subvertem estas imagens citadas por Hall, pelo contrário, elas ainda moldam as percepções do presente. Chamamos atenção para o modo que futebolistas negros são representados em um fenômeno global sobre subordinação aos moldes midiáticos que permitem realizar uma narrativa sobre negritude como oposta da branquitude. Com frequência nos chama a atenção como estas representações retratam atletas negros como pessoas “descivilizadas”, apresentando ideais racistas que tentam evidenciar o comportamento negro como mais próximo da selvageria que o refinamento branco. Geralmente, quando atletas negros são representados em midiáticos, é comum o uso de eufemismos para retratar suas “descivilidades”. Os termos mais comuns são “excêntricos”, “extravagantes” ou “exóticos”. De forma recorrente, são usadas palavras que reproduzam algum tipo de falta de humildade ou diferença por parte destes atletas.

Figura 14 - "A extravagante vida de Dembélé: o comportamento do francês começa a cansar o Barcelona, que teve que mudar o motorista do jogador e contratar um cozinheiro de seu país"

LALIGA SANTANDER | FC BARCELONA >

## La extravagante vida de Dembélé

El comportamiento del francés empieza a cansar al Barça, que tuvo que cambiar de chófer al jugador y poner un cocinero de su país

Fonte: El País (Espanha) (2018) <sup>38</sup>.

Embora estas representações contemporâneas sobre atletas negros não apenas retratem homens negros unicamente e diretamente como animais, a reprodução de que estes indivíduos não são civilizados continua evocando a imagem selvagem do passado. No arquétipo esportivo contemporâneo, o estilo de vida hedonista, consumista ou “extravagante” é visto como sinal de “insubordinação” de indivíduos negros taxados como arrogantes, metidos, que precisam ser controlados. Nas matérias jornalísticas, as diferentes negritudes – principalmente na polaridade subordinado/insubordinado – são mencionadas para enaltecer a primeira categoria enquanto a segunda é criminalizada.

Neymar, como atleta, deu procedimento ao gênero futebolístico distintivo que foi comercializado como metonímia da nação: o futebol arte, o jogo bonito, moleque e dos dribles. Não pretendo fazer nenhuma defesa especial dos méritos e qualidades úteis deste atleta, mas sim refletir de forma sensível os significados globais e da identidade nacional que acompanham este e outros atletas negros. Ressaltamos que a relação que o futebol e Neymar carregam juntos é uma analogia interpretativa que nos guiam e nos remetem a este homem uma ideia de filiação e associação que juntos formam um estatuto simbólico, ligando-o a uma suposta essência racial. Dessa forma, trazer para a superfície o poder simbólico que o futebol carrega permite-nos ver o Brasil como um ponto importante de articulação de encruzilhadas da cultura política negra que é depositada nos atletas negros. É revelado e inserido as algemas e máscaras da sociabilidade brasileira nesta pessoa. Em virtude dos fatores locais típicos à sociedade brasileira

<sup>38</sup> “La extravagante vida de Dembélé” disponível em: [https://elpais.com/deportes/2018/10/25/actualidad/1540490496\\_697984.html](https://elpais.com/deportes/2018/10/25/actualidad/1540490496_697984.html). Acesso em: 20 jul. 2019.

– como extrema desigualdade, a segregação racial e suas configurações particulares de classe – Neymar será reconhecido como produto cultural deste local neste processo de mistura e fusão social ao qual as representações sociais operam.

A reportagem intitulada *“Mbappé impõe nova ordem a Neymar”* parece nos fazer um favor ao denunciar Neymar e suas supostas “brincadeiras” – leia-se racismo – contra Mbappé – companheiro de equipe no Paris Saint German e camisa 10 da seleção francesa. Segundo a reportagem, Neymar teria “menosprezado” Mbappé por chamá-lo de Donatello, relacionando-o ao personagem das Tartarugas Ninjas - em clara referência racial, pelo personagem ficcional ter traços categorizados socialmente como negroides, como nariz largo, corpo grande, etc. -, afirmando que além dessas características, Mbappé é “muito rápido”. Todas estas referências tem forte conexão aos estereótipos raciais já demonstrados neste trabalho. Entretanto, o objeto midiático que parece denunciar um caso de racismo, reproduz estereótipos raciais.

Figura 15 - Manchete retrata Mbappé como "subordinado" e Neymar como "insubordinado" a partir do enaltecimento da ética profissional do atleta francês

COPA DO MUNDO RÚSSIA 2018 ›

## Mbappé impõe a nova ordem a Neymar

Alvo das brincadeiras dos brasileiros no PSG, o atacante francês aproveita a Copa para consolidar seu status como herdeiro de Messi e subverter a hierarquia do seu clube

Fonte: El País<sup>39</sup> (2018).

A reportagem retrata o jogador francês com características “positivas”, como disciplina e solidariedade, supostamente herdadas de sua mãe, que um dia fora atleta. O conteúdo jornalístico não consegue realizar uma denúncia contundente, pois, primeiro, não reconhece as supostas “brincadeiras” de Neymar como práticas racistas e, segundo, porque o texto não se concentra nesta denúncia, mas sim em enaltecer – e reproduzir racismo – sobre as características do jogador humilde e obediente, características contidas na personalidade do jogador francês mas ausentes do atleta brasileiro. Ao enaltecer um jogador negro por ele ser “disciplinado” entendemos tal relação como metáfora do futebol para glorificar atletas negros obedientes, os

<sup>39</sup>“Mbappé impõe nova ordem a Neymar” disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/08/deportes/1531074288\\_609646.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/08/deportes/1531074288_609646.html). Acesso em: 20 jul. 2019.

que “sabem seu lugar”. Ao comparar os dois atletas, ambos negros, é ressaltado implicitamente que negros humildes são mais bem aceitos que negros “extravagantes” na ordem societária.

Neymar poderia ter sido criticado pela matéria por uma potencial conduta racista, mas o conteúdo concentra-se nas qualidades de Mbappé – aos moldes da ritualização do comportamento, proposto por Fernandes (2007) – que é reconhecer seu lugar e, conseqüentemente, não ser esnobe ou insubordinado. Este material, neste sentido, reproduz o que supostamente estaria tentando denunciar. É intrigante que o título contenha a frase “*impõe nova ordem*” pois parece que, para a ideologia contida no objeto jornalístico, a “nova ordem” é a velha manutenção de hierarquias raciais de cunho tradicionalista.

Figura 16 - “Cristiano Ronaldo ensinou uma lição a Neymar como às vezes menos pode ser mais quando o Real Madrid derrotou o PSG”

## Cristiano Ronaldo taught Neymar a lesson in how sometimes less is more as Real Madrid beat PSG

Ronaldo did very little in comparison to the Brazilian but only one of them left their mark on the tie in the end

Miguel Delaney Madrid | @MiguelDelaney | Thursday 15 February 2018 08:30 | 3 comments



Fonte: Independent (Inglaterra) (2018)<sup>40</sup>.

A negritude “insubordinada” é exibida como escandalosa, que não oferece seu corpo de maneira controlada para sua exploração física de maneira adequada. São corpos que não conseguem ser silenciados. Estes indivíduos são exibidos como problemáticos por desafiar a imagem negra “subordinada”, da obediência, da vergonha. Nestas personalidades desviantes, existe a

possibilidade de romper e desafiar as representações a respeito da negritude essencializada na humilhação. Ao enaltecer posturas “subordinadas” – e criminalizar as posturas “insubordinadas” – as representações contemporâneas reproduzem a imagem da negritude humilde de épocas tradicionalistas. Desta forma, as condutas que ridicularizam homens negros elevam imagens de homens brancos.

<sup>40</sup>“Cristiano Ronaldo taught Neymar a lesson in how sometimes less is more as Real Madrid beat PSG” disponível em: <https://www.independent.co.uk/sport/football/european/real-madrid-vs-psg-cristiano-ronaldo-goals-neymar-highlights-champions-league-a8211706.html>. Acesso em: 20 jul. 2019.

Estas representações tem como objetivo descartar, repudiar e ridicularizar sujeitos negros ao afirmar que sua personalidade é descartável, pois influencia negativamente no seu desempenho esportivo, tornando-o insignificante enquanto o atleta branco é enaltecido. Esta realidade reconstrói a identidade negra através da imposição racista de que este sujeito só interessa como corpo-mercadoria ou corpo-moeda. As representações sociais repassam as identidades e subjetividades negras como fatores dispensáveis. Não por acaso, vemos pessoas negras se apropriando e explorando estas formas humildes de existência para colher algum tipo de lucro a nível pessoal. Quanto mais discreto, melhor.

Figura 17 – O enaltecimento da negritude humilde



Fonte: El País (2019) <sup>41</sup>.

A construção da persona de Miraildes – mais conhecida como Formiga – é um dos melhores exemplos que conformam a ideia de subordinação e humildade negra. Uma vez que esta imagem é produzida e comercializada na cultura política esportiva, esta jogadora torna-se um ícone esportivo de comprometimento, de alto rendimento esportivo, de humildade e com um currículo invejável com diversas marcas impressionantes: ela é a jogadora que mais atuou pela seleção brasileira de futebol, entre homens e mulheres, e a única pessoa no mundo a disputar sete Copas do Mundo. Na realidade da cultura política esportiva, ela apresenta a imagem que precisa sustentar, envolvendo uma personalidade subserviente que torna o sucesso futebolístico possível. A receita perfeita para as representações enaltecidas de personalidades amenas no futebol.

A carreira de Formiga é baseada na construção de uma estética de mulher negra esforçada, que após muito trabalho duro, consegue transformar-se neste mega fenômeno do futebol, com diversos acúmulos e marcas deslumbrantes. Esta trajetória de sucesso efetivada por indivíduos negros é a fantasia perfeita que as representações sociais se apropriam para

<sup>41</sup> “Um discreto fenômeno chamado Miraildes” disponível em: <https://pressfrom.info/br/noticias/esportes/-17848-um-discreto-fenomeno-chamado-miraildes.html>. Acesso em: 20 jul. 2019.

moldar as percepções da realidade social. As representações da negritude humilde são extremamente compatíveis com o arquétipo midiático que Formiga carrega consigo. Entretanto, estas histórias de superação não revelam de fato as dificuldades que esta atleta passou, principalmente a realidade das mulheres negras que tentam a vida no futebol. Mesmo que este cenário de sucesso não seja compartilhado por outras e outros atletas negros e negras, a imagem de uma ética do trabalho é apropriada para alavancar as suas respectivas carreiras. O modelo que as representações sociais carregam consigo, a partir destas trajetórias, permanece enraizado em ideais meritocráticos. Em vez de comunicar a realidade da pobreza, da desigualdade, machismo e racismo que uma mulher negra passou para estampar o sucesso, liga-se esta trajetória a sua forma discreta, humilde e de trabalho duro como fatores unicamente responsáveis para o seu sucesso.

Ao se apropriarem do mito do herói, estes atletas exploram o acordo silencioso de como alcançar a realização monetária e admiração societária. De forma oposta a estas imagens, futebolistas que essencialmente tem outras formas de vida menos discretas ou mais polêmicas, interpretam o papel do “vilão” da mídia quando evocam ideais transgressores consigo. Atletas negros que projetam uma personalidade “insubordinada” tem tendências de ter cortes de cabelo mais chamativos que seus companheiros “subordinados”. Assim como hooks (2019) afirma que partes específicas da anatomia negra são designadas como merecedoras de maiores atenções do que outras, atualmente muita das imagens de mulheres negras que alcançaram o estrelato parecem fixar nos cabelos a imagem que representa certa ideia de “sexualidade animalesca” ou como estamos tratando aqui, que evocam ideias de “insubordinação”.

De forma irônica, no futebol isto também veem acontecendo, indicando que muito dos cortes ou penteados de cabelo indicam uma imagem “insubordinada” que seus agentes desejam evocar. Dentro desta cultura política machista e racista, é óbvio que as representações destes homens negros que tenham cabelos fora do “comum” sejam destaque de noticiários e representações que condenam estas “extravagâncias”, já que a ênfase dada aos homens negros nos esportes parte menos de seus atributos de beleza ou estilo para dar espaço aos seus corpos e desempenhos esportivos.

Figura 18 – “Cabelo não ganha jogo”: o discurso de como a vaidade negra atrapalha o desempenho profissional



Fonte: El País (2018) <sup>42</sup>.

Figura 19 - A “extravagância” como pior inimiga



Fonte: Bancada (Portugal) (2018) <sup>43</sup>.

<sup>42</sup> “Cabelo não ganha jogo” disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/21/deportes/1529609615\\_630867.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/21/deportes/1529609615_630867.html). Acesso em: 20 jul. 2019.

<sup>43</sup> “Pogba: a extravagância é a pior inimiga e os golos são a solução” disponível em:

<https://bancada.pt/futebol/grandefutebol/pogba-a-extravagancia-e-a-pior-inimiga-e-os-golos-sao-a-solucao>. Acesso em 20 jul. 2019.

As representações destes homens negros aparecem em midiáticos para falar como suas respectivas “extravagâncias” afetam suas performances esportivas. Chama nossa atenção como estes indivíduos são reproduzidos por produzirem imagens bizarras que não deveriam pertencer ao universo esportivo negro. Eles representam a estética da ridicularização que não só zombam de maneira racista de suas respectivas belezas, como os taxam de problemáticos por exibirem penteados “fora do habitual” ou que representem certa infantilidade que não condiz com a ética profissional.

Figura 202 - "Ele insiste em se comportar como um adolescente"



Fonte: The Sun (Inglaterra) (2017)<sup>44</sup>.

<sup>44</sup> "Behaving like an adolescent" BBC pundit Garth Crooks slams Manchester United's Paul Pogba over red hair" disponível em: <https://www.thesun.co.uk/sport/football/4440613/behaving-like-an-adolescent-bbc-pundit-garth-crooks-slams-manchester-uniteds-paul-pogba-over-red-hair/>. Acesso em: 20 jul. 2019.

Estas imagens deixam claro que o arquétipo de negritude nas manchetes midiáticas são excludentes e discriminatórias, porque ressalta-se estigmas e preconceitos advindos de uma sociedade escravocrata, que adota métodos “punitivos” para aquelas pessoas negras que não possuem a aparência desejável, que como pudemos observar, teoricamente influencia negativamente em suas performances profissionais, o que também não é verdade. Desta forma, os padrões de representação e julgamento de futebolistas negros ainda servem como instrumento de poder de uma classe (a elite branca fantasiada de senhores escravocratas) sobre negros futebolistas (os que vivem a metáfora de escravizados). É preocupante a presença destas discriminações, pois estes colaboram para (re)produzir modelos mentais escravocratas no presente. É desta maneira que podemos perceber a naturalização da ideologia racista de forma diária no Brasil e no mundo.

É necessário compreendermos como estas representações operam para procurarmos por possíveis transformações produtivas. A partir deste entendimento, acreditamos ser viável criar e reproduzir formas de produções culturais de resistência que justificam nossa análise, por meio da Análise Crítica do Discurso e das Representações Sociais, a partir de imagens, discursos e arquétipos negro no futebol, que nos ensinam a reconhecer padrões racistas dominantes que podem nos ajudar a elaborar nossos pontos de partidas intervencionistas. É um desafio produzir, combater e confrontar representações que reatualizam o passado no presente. Entretanto, a negritude não só pode, como deve ser representada como signo de resistência.

## 7 CONCLUSÃO

Nossa dissertação consistiu em analisar as representações sociais de futebolistas negros, como estas imagens são construídas através de midiáticos em geral. A partir de destas investigações, pudemos perceber uma série de signos verbais e não-verbais, por meio de imagens e discursos que constroem um arquétipo da subordinação negra, que reforçam visões muito tradicionalistas de maneira frequente no presente. Foi possível entendermos que a mídia articula os conceitos sobre poder e diferença ao representar diferentes futebolistas através das significações identitárias que cada um carrega consigo, reatualizando imagens coloniais na contemporaneidade. Cada atleta torna-se uma mercadoria simbólica do que este representa através dos moldes midiáticos, com seus estilos de vida, gostos pessoais e sua ética profissional como marcadores que o vinculam diretamente ao tipo de negritude desejada ou indesejada que as dramatizações destes veículos de informação oferecem ao público de maneira geral. Estas representações tornam-se imagens com caráter intrínseco de valoração política.

A construção do arquétipo de subordinação negra no futebol ilustra as maneiras maleáveis de construir significados dominantes sobre a população negra de modo geral, destacando um embate simbólico entre identidades negras que serão repudiadas ou enaltecidas. Temos grande convicção de que estas formas de dominação têm forte conexão de domínio sobre esta população para reproduzir um modo comportamental que os torne úteis apenas para os trabalhos corporais, excluindo suas respectivas identidades ou subjetividades, os reduzindo apenas em corpos ou como trabalhadores cuja sua força deve ser extraída ao máximo por meio de suas potencialidades. Quando houver uma personalidade negra que contradiga a ligação frequente da negritude com humildade ou com potência corporal, haverá um novo alterocídio (MBEMBE, 2017). Este é o reflexo da norma branca, afastar o que não se reconhece em si para reconhecer no “Outro”, vinculando variadas formas de exploração e submissão em indivíduos negros.

Neste sentido, ressaltamos o termo raça como criação ficcional, moldado por um discurso de repertórios inimagináveis por parte daqueles que estão em posição de domínio, desqualificando moralmente todo e qualquer indivíduo que fuja desta norma. Acreditamos que nesta realidade a negritude tem que lutar pra definir sua(s) própria(s) identidade(s). Por meio de uma epistemologia dialógica (MOSCOVICI, 2012) investigamos a construção desse “Outro” social, pois esta elaboração midiática não traduz a realidade de maneira fiel, construindo imagens distorcidas e frequentemente adulteradas, transmitindo representações que se diferem

da existência comum em sociedade. A mídia (re)afirma o hábito de manter e colocar a população negra em seu lugar, de forçar a população negra para a obediência. Podemos diferenciar dois mundos sociais distintos e opostos, que compartilham culturas diversas e destinos antagônicos (GILROY, 1993). As formas midiáticas de separar e diferenciar a população, muitas vezes, não trazem consigo marcadores raciais de maneira explícita, mas convertem-se em tal na medida que se enaltecem comportamentos e estilizações de vida amenos para negros, os aprisionando na representação da negritude modesta, humilde e subalterna.

O problema das origens culturais e da autenticidade para qual os exemplos citados apontam assumem novos significados à medida que o futebol negro se torna um fenômeno global. Este fenômeno tem se revelado cada vez maior à medida que atletas negros tem sido identificado como obedientes e avaliados positivamente por isso, enquanto as manifestações subsequentes de atletas negros fora da norma colonial, são avaliados como carentes de valor, precisamente por sua distância deste conjunto de normas e regras (FERNANDES, 2007). Logo, vão haver categorizações negativas pelo fato de suas personalidades estarem distantes da origem de um padrão racial identificável e desejado: o negro que tem um estilo de vida ascético, humilde, que sabe de suas origens. Em outras palavras, o negro submisso. O negro subalterno. O tipo ideal de negritude.

As formas subjetivas que a identidade negra carrega consigo, constantemente em reconstrução, muitas vezes não tem suas prioridades, comunidades, ações políticas e diferenças respeitadas. Nosso argumento aqui é que o caráter híbrido e fluido da cultura e da identidade negra, de modo geral, é constantemente “confundida” de maneira simplista e colocada em protocolos fixos, advindos da história tradicionalista escravocrata. Dessa maneira, a cultura futebolística foi designada para endossar um grupo seletivo de negros que representariam a suposta autenticidade racial que deveria ser enaltificada a partir de um tipo ideal de negritude. Este discurso sobre autenticidade da persona negra ideal tem presença massiva nas formas culturais onde os atletas são negros e as plateias são brancas. O mais importante é percebermos como o futebol foi utilizado como modelo que poderia resolver o incômodo que a população negra ainda causa no mundo.

Via de regra, a opção ou visão tradicionalista identifica o futebol com a memória do passado. Assim como o samba e o carnaval, o futebol é coisa pra negro. Esta ideia de que determinados territórios culturais são “puramente” ou genuinamente áreas de destaque para a população negra não faz nenhuma diferenciação interna de quem de fato compõe as áreas de

destaque dessa cultura. Toda fragmentação desta coletividade em outras formas de expressão cultural é apenas aparente ou encarada de forma superficial. Há um aprisionamento no arquétipo racial e de suas trajetórias políticas a determinadas áreas. Não vemos grandes discussões sobre os problemas encarados por Reinaldo por conta de sua postura política, por exemplo. Reinaldo foi muito inspirado pelo movimento dos Panteras Negras e na dupla de atleta negros composta por John Carlos e Tommie Smith que protestaram contra o racismo nas olímpiadas de 1968<sup>45</sup>. Reinaldo afirma que sofreu com todo tipo de linchamento moral e foi massacrado devido a sua fama de “problemático”<sup>46</sup>, o que resultou, segundo ele próprio, na sua não convocação para a copa de 1982. Para o jogador, a ditadura não perdoou o seu “atrevimento” de realizar protestos e gestos de enfrentamento aos militares e os prejuízos em sua carreira foram sentidos por ele. Espalharam boatos de que o jogador era “cachaceiro, maconheiro, veado”. Percebiam as características “negativas” que foram a ele direcionadas a partir do momento em que sua personalidade não se enquadrava nos tipos de ritualização de comportamentos ao qual a população negra ainda é subordinada pela população branca.

Essas posições e exemplos citados compartilham o elitismo e a miopia seletiva por não enxergarmos pessoas negras que se destaquem fora da ritualização do comportamento racial e sua consequente criminalização que estes vão se tornar alvo, seja pelo ataque individual ou por seu esquecimento também seletivo. Fica evidente que tais omissões e linchamentos igualmente racistas fazem referência ao uso tradicional do futebol como reprodução política da negritude subalternizada. A marca deste elitismo que defende a mídia por mencionar a presença de atletas negros específicos – como Pelé - é obviamente a ansiedade de contrariar não só o aqui exposto, mas toda uma coletividade nacional por apenas um único exemplo. Isto equivale a ignorar o poder do racismo e abandonar a coletividade negra, que continua a compreender sua existência particular a partir do que esse racismo lhe faz.

É evidente que, inclusive, os efeitos retardados do racismo institucionalizado sejam omitidos justamente por ser essa realidade que fornece força para as engrenagens da visão tradicionalista reforçarem de que o negro só serve para o trabalho braçal. Considerando a relação entre o *habitus* corporal dos negros com o esporte, é curioso a ausência de diálogo envolvendo estes polos. Há toda uma omissão sobre a realidade cotidiana sobre os corpos

<sup>45</sup> Para maiores detalhes, acessar a matéria “O futebol americano desafia Trump”. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/29/internacional/1506718410\\_287281.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/29/internacional/1506718410_287281.html). Acesso em: 20 jul. 2019.

<sup>46</sup> “O dia em que Reinaldo marcou um gol contra a ditadura”. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/01/deportes/1527862375\\_020869.html?fbclid=IwAR037CyHEqHYR3yvsDn0RrAmWIsQf93jNXJCyosTJLJ5pBYem7RWoFZCOP8](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/01/deportes/1527862375_020869.html?fbclid=IwAR037CyHEqHYR3yvsDn0RrAmWIsQf93jNXJCyosTJLJ5pBYem7RWoFZCOP8). Acesso em: 20 jul. 2019.

negros paralelamente do fascínio obsessivo com estes mesmos corpos nos esportes em geral.

A marca deste racismo pode ser percebida de forma catastrófica no caso dos garotos que morreram em um incêndio no centro de treinamento do Flamengo<sup>47</sup>. A grande maioria negra e periférica, foi retirada de suas famílias para irem morar no clube carioca. De forma sistemática, a mídia cobra constantemente destes jovens rapazes, que tentam a sorte numa carreira incerta, uma constante atitude de gratidão com o clube que os “acolheu”, dando chance de os tirar da miséria e catapulta-los para a glória. A cultura deste racismo estrutural faz com que garotos negros, advindos de bairros e locais periféricos, morem em alojamentos que meninos ricos nunca morariam. Mas os que estão lá ainda devem agradecer pela oportunidade. Estes jovens morreram pela irresponsabilidade e culpa deste discurso que reafirma o caminho futebolístico como única alternativa possível para um futuro melhor. O peso desta consciência escravocrata ainda tolera a morte e assassinato de crianças em troca da venda de um sonho. O único sonho que lhe contaram ser possível realizar.

A complexidade de atrocidades em como a mídia expressa a cultura negra fornece por si só poderosas representações às ideias já bastante disseminadas sobre uma população negra, imutável, pobre, sem educação e sem agência. Opera-se uma imensa força em acionar repetidamente e de forma sistemática a percepção da identidade negra como subalterna que deve agradecer toda oportunidade que lhe é concedida. Essa realidade envolve a difícil tarefa de tentarmos compreender e reconstruir certas tradições culturais, quebrando as transmissões da fixa essência negra para sugerir que novas formas de repensar o estabelecido pode ser a resposta para desestabilizar certos fluxos de opressão racial. Da forma em que se perpassa a mensagem do futebol como área de destaque para negros, a realidade racial é ainda compreendida da mesma forma: negros enquanto corpos. A partir do momento que reconhecemos que novas tradições estão sendo inventadas e colocadas em prática, as experiências negras forjadas a partir da experiência escravocrata vão sendo deixadas de lado. Neste sentido, o futebol não deve ser pensado em solução para a pobreza, pelo contrário, a pobreza, a desigualdade, o racismo estrutural que produzem este sonho.

Devido ao fato de que a identidade, a cultura política e o arquétipo negro é frequentemente construída por meio do futebol e pelos significados culturais que o

---

<sup>47</sup> “Atletas da base do Flamengo morrem em incêndio no centro de treinamento Ninho do Urubu” disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/02/08/incendio-deixa-mortos-e-feridos-no-centro-de-treinamento-do-flamengo.ghtml>. Acesso em: em 20 jul. 2019.

acompanham, desde sua circulação, prática, geografia ou consumo, o futebol é particularmente importante na reprodução essencial que torna impensável outro caminho para a mobilidade social ascendente que não pelo viés esportivo, principalmente nas camadas periféricas e majoritariamente negras. Sabemos da importância que o esporte mais popular do país tem, principalmente no interior das comunidades periféricas e pretas, de seus elementos de sociabilidade, imprescindíveis na conexão essencial entre tais locais. Entretanto, esta história foi reescrita, deslocada e reificada como símbolo de uma identidade fixada e representada na subalternidade. O futebol e seus rituais são constantemente utilizados para criar o modelo de como a identidade negra é compreendida numa representação simplista e extremamente violenta pelos midiáticos esportivos. Desta forma, acreditamos que esta identidade negra, através do esporte, tornou-se uma categoria social e política que é utilizada ou abandonada de acordo com a medida na qual a retórica que a apoia e legitima é elaborada institucionalmente com fins econômicos para perpetuar a desigualdade social e racial.

Os problemas relacionados aos atletas negros aqui citados, em relação à sua origem, cor e na maneira como conduziram sua vida profissional e pessoal, os remetem a uma ideia de negritude problemática, que deve ser evitada, educada, controlada. Os modelos de suas personalidades, de certa forma, não se enquadraram aos discursos criados a partir da ritualização dos estilos de vida proposta pela massa hegemônica branca. As distintas trajetórias destes atletas possibilitaram a ascensão social, mas que não foi o suficiente para alcançar uma imagem positiva no horizonte cultural global. Em geral, futebolistas negros que atingem a fama profissional não gozam de um prestígio que os livre do aprisionamento a certa personalidade ou da ideia de um comportamento inapropriado.

Transformar as representações de pessoas negras não deve ser visto como tarefa unicamente individual, mas sim, compartilhada por todas e todos. Devemos nos comprometer com a descolonização e libertação das vidas e memórias negras, nos opondo contra a dominação racista para caminharmos juntos em solidariedade rumo ao caminho da libertação. Podemos romper com este arquétipo da humilhação para reconstruir e enaltecer as diferentes perspectivas, subjetividades e identidades negras.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem da difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAKHTIN, M. **The Dialogic Imagination**. Austin, University of Texas, 1981.

BARTHES, Roland. **Mitologías**. Buenos Aires: Siglo veintiuno editores, 2004.

BOURDIEU, P. “O mercado dos bens simbólicos”. In MICELLI, Sérgio (org.). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BOURDIEU, P. **A distinção** – crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007a.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **What Makes a Social Class?** On the Theoretical and Pratical Existence of Groups. *Berkeley Journal of Sociology: a Critical Review*, v. XXXII, 1987.

BRINATI, Francisco Ângelo. **Maracanazo e Mineiraten**: imprensa e representação da seleção brasileira nas copas do mundo de 1950 e 2014. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CARLÓN, Mario. Público, privado e íntimo: el caso Chicas bondi y el conflicto entre derecho a la imagen y libertad de expresión en la circulación contemporánea. In: CASTRO, Paulo Cesar (Org.). **Dicotomía público/privado: estamos no camino certo?** Maceió: EDUFAL, 2015.

DOUGLAS, M. **Purity and Danger**. London, Routledge and Kegan Paul, 1966.

ELIAS, N. **O processo civilizador** – Uma história dos costumes (vol 1). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Porto: Paisagem, 1975.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. Vol. 2. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1978.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2ª edição: São Paulo: Global, 2007.

FILHO, Mário. **O negro no Futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.

GILROY, P. **The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness**. (1ª edição). London/New York: Verso, (1993).

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Depois da democracia racial**. Tempo soc. [online], 2006, vol. 18, n.2. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702006000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702006000200014&lng=en&nrm=iso).

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Intelectuais negros e formas de integração nacional**. *Estud. av.* [online]. 2004, vol. 18, n. 50. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100023&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100023&lng=en&nrm=iso).

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. (org.) **Tirando a Máscara**. Ensaio sobre o Racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GORDON JUNIOR, Cesar C. **História social dos negros no futebol brasileiro**. Pesquisa de Campo. Rio de Janeiro, n. 2, 1995.

GORDON JUNIOR, Cesar C. **“Eu já fui preto e sei o que é isso”**. História social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. Pesquisa de Campo. Rio de Janeiro, n. 3/4, 1996.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2014.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Minas Gerais: Editora Ufmg, 2003.

HALL, Stuart. Cultural Identity and Diaspora. in Rutherford, J. (ed.), **Identity: Community, Culture, Difference**. (1.ª ed.). London: Lawrence & Wishart, (1990).

HALL, Stuart. **The Spectacle of the Other**. London: Sage/Open University, 1997.

HASENBALG, C. **Entre o mito e os fatos: Racismo e relações raciais no Brasil**. In: Maio, M. C.; SANTOS, R. V. (orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

HELAL, R.; MURAD, M. **Alegria do povo e Don Diego: Reflexões sobre o êxtase e a agonia dos heróis do futebol**. Revista Pesquisa de Campo, Rio de Janeiro, n.1, p. 63-79, 1995.

hooks, b. **Black Looks: race and representation**. Boston, MA, South End Press, 1992.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories. Episodes of Everyday Racism**. Aufl, Munster, 2010.

KUHN, Gabriel. **Futebol Contra o Estado – Confrontando futebol e Políticas Libertárias**. Porto Alegre: Editora Deriva, 2014.

LEITE LOPES, José S. **A vitória do futebol que incorporou a pelada**. Revista USP – Dossiê Futebol. São Paulo, n. 22, 1994.

LUHMANN, Niklas. **Confianza**. Barcelona: Anthropos, 2005.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Ed. Antígona, Lisboa, 2017.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MEAD, G. H. **The Child and his enviroment**: Transaction of the Illinois Society for Child-Study 3, 1898.

MURAD, Maurício. “Corpo, magia e alienação – o negro no futebol brasileiro: por uma interpretação sociológica do corpo como representação social”. **Pesquisa de Campo** (Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol) UERJ. Rio de Janeiro, 1994.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: Cor e Raça na sociabilidade brasileira**. Companhia das Letras, 2013.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Ana Paula da. **Pelé e o complexo de “vira-latas”**: discursos sobre raça e modernidade no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **O mundo do futebol e a crônica esportiva**. FuLia/UFMG, 2017.

SOUZA, Jessé. **A Ralé Brasileira** – quem é e como vive. Belo Horizonte, Ed. Da UFMG, 2011.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania** – para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 2012.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

TELLES, E. **Racismo à brasileira**: Uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2003.

TOLEDO, Luiz H. **Contribuições ao estudo da crônica esportiva 1**: “contracrônica” esportiva de Lima Barreto. Pesquisa de Campo. Rio de Janeiro, n. 3/4, 1996.

VIEIRA, J. J. **As relações étnico-raciais e o futebol do Rio de Janeiro**: Mitos, discriminações e mobilidade social. Mauad Editora LTDA, 2018.

WEBER, Max. **Escritos Políticos**. México: Folios, 1982.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.